



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO URBANO

POR ONDE ANDAM AS MULHERES?
Percursos e medos que limitam a experiência de mulheres no centro do Recife.

Lúcia de Andrade Siqueira

RECIFE - PE
2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO URBANO

LÚCIA DE ANDRADE SIQUEIRA

POR ONDE ANDAM AS MULHERES?

Percursos e medos que limitam a experiência de mulheres no centro do Recife.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Urbano, na área de Concentração: Ciências Sociais Aplicadas, e sob a orientação da Prof. Dra. Circe Maria Gama Monteiro.

RECIFE - PE
2015

S618p	Siqueira, Lúcia de Andrade Por onde andam as mulheres: percursos e medos que limitam a experiência de mulheres no centro do Recife / Lúcia de Andrade Siqueira. – Recife: O Autor, 2015. 161 f.: il. Orientadora: Circe Maria Gama Monteiro. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Desenvolvimento Urbano, 2015. Inclui referências e anexos. 1. Espaços públicos. 2. Medo. 3. Violência – Mulheres – Recife. 4. Violência urbana. I. Monteiro, Circe Maria Gama (Orientadora). II. Título. 711.4 CDD (22.ed.) UFPE (CAC 2016-02)
-------	--

Ata da quarta defesa de Dissertação de Mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano do Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, no dia
13 de março 2015.

Aos treze dias do mês de março de dois mil e quinze (2015), às 10 horas, na sala de aula do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco, em sessão pública, teve início a defesa da dissertação intitulada “Por onde andam as mulheres? Percursos e medos que limitam a experiência de mulheres no centro do Recife” da aluna Lúcia de Andrade Siqueira, na área de concentração Desenvolvimento Urbano, sob a orientação da Professora Circe Maria Gama Monteiro. A mestranda cumpriu todos os demais requisitos regimentais para a obtenção do grau de mestre em Desenvolvimento Urbano. A Banca Examinadora foi indicada pelo colegiado do programa de pós-graduação Em 09 de dezembro de 2015, na sua 9ª Reunião ordinária e homologada pela Diretoria de Pós-Graduação, através do Processo Nº 23076.011828/2015-08 em **13/03/2015** composta pelos Professores: Livia Izabel Bezerra de Miranda, UFCG; Sônia Alves Calió, Universidade de Uberaba; e Maria de Jesus Britto Leite do Departamento de Arquitetura e Urbanismo/Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano/UFPE. Após cumpridas as formalidades, o candidato foi convidado a discorrer sobre o conteúdo da dissertação. Concluída a explanação, o candidato foi arguido pela Banca Examinadora que, em seguida, reuniu-se para deliberar e conceder ao mesmo a menção **APROVADA** da referida Dissertação. E, para constar, lavrei a presente Ata que vai por mim assinada, Secretário de Pós-Graduação, e pelos membros da Banca Examinadora.

Recife, 13 de março de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Circe Maria Gama Monteiro

Profa. Maria de Jesus Britto Leite

Profa. Livia Izabel Bezerra de Miranda

Profa. Sônia Alves Calió

Lúcia de Andrade Siqueira

Renata de Albuquerque Silva (Secretária)

A resposta certa, não importa nada: o essencial é que as perguntas estejam certas.

Mário Quintana

Obrigada tio Paulo.

Às mulheres e aos homens da minha vida:

Oneide, Maria, Luci e Luciano que me ensinaram a andar e amar a cidade;

Tuca, irmã-amiga e amiga-irmã;

Pedro, Miguel e Alice que me motivam a lutar por uma cidade melhor;

Alexandre, companheiro na vida e na luta pelo sonho de uma sociedade mais justa.

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho não seria possível sem a contribuição direta e indireta de várias pessoas. A essas agradeço:

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, em especial Renata e Élide. Obrigada meninas!

À Profa. Dra. Circe Monteiro pelo incentivo, confiança, alegria e por ter acreditado e embarcado nessa aventura.

Ao professor Antônio Roazzi, pelo inestimável auxílio na aplicação das técnicas de análises dos dados.

Aos colegas de turma: Aliomar, Andréa Storch, Cláudio, Danilo, Danuza, Germana, Larissa, Natália, Pedro e Vanessa. Em especial Giseli, pela ajuda e apoio na construção da dissertação.

Às amigas Rafaella, Paula Raquel, Ana Kelly, Rosinha e Jesus, que de longe ou de perto, sempre se fizeram presentes.

À Realeza, sem os nossos encontros e gargalhadas a vida ficaria mais difícil. Em especial Fernandinha, pelo incentivo e apoio. Obrigada!

Às Amazonas pelo carinho comigo e com Miguel. Vocês são incríveis!

À Dóris, Nataly e Luiza de Marilac pelo incentivo e toques valiosos.

À Tuca, companheiras de tantas aventuras.

À painho e mainha, sempre presentes em todos os momentos.

Aos meus meninos Pedro e Miguel, pela paciência, compreensão, carinho, ajuda com Alice e pelas horas cedidas do computador. Vocês são MARAVILHOSOS!

À Alexandre, pelo companheirismo, apoio, paciência, carinho, compreensão, leituras, conversas, revisões, por tudo. Você foi peça fundamental nessa jornada.

RESUMO

É sentença corriqueira em estudos e pesquisas nacionais e internacionais que as mulheres sentem mais medo que os homens no espaço público. O medo da violência para com elas ou com os filhos ou mesmo a simples sensação de insegurança apresentam-se como limitantes do uso de espaços públicos, acarretando em “normas” coletivas femininas de horários e locais permitidos na cidade. Partindo do argumento de que o medo pode ser visto tanto como uma questão social, mas também espacial, elencou-se teóricos e estudiosos que produziram reflexões sobre o medo no espaço público. Jane Jacobs (2000), Oscar Newman (1972), Bill Hillier (1988) and Ray Jeffery (1971) e seus seguidores forneceram uma rica discussão sobre a prevenção ao crime através do desenho urbano e o aumento da sensação de segurança, consequente redução do medo do crime. De modo geral, além das características ambientais do espaço, esses autores relacionam a sensação de insegurança com a forma de uso do espaço público: presença de vigilância (formal ou informal), atividades, manutenção e fluxo de pessoas no espaço. Com o foco na mulher, RossanaTavares (2012), Sônia Calió (1997), Gil Valentine (1989), Rachel Pain (2000) e Alice Taylor (2011) entendem que o medo da mulher no espaço público é mais uma expressão do patriarcado. Seja através do androcentrismo nos estudos e no planejamento urbano, seja pela sensação de vulnerabilidade diante da figura masculina, as experiências vividas ou informações secundárias, o medo da mulher no espaço público é produto da relação de dominação dos homens sobre as mulheres ainda hoje existente em nossa sociedade. O trabalho parte da hipótese de que a experiência do medo da mulher no espaço público é influenciada pela relação entre os aspectos espaciais e sociais do ambiente. Isto posto, buscou-se compreender como se dá essa relação e como influenciam na experiência do medo da mulher no espaço público através de exercício investigatório que partiu de um arcabouço teórico internacional e nacional e a contextualização através da investigação empírica no centro do Recife.

Palavras-chave: Espaço público. Medo. Violência - mulheres. Violência urbana.

ABSTRACT

It is ordinary sentence in studies of national and international research that women feel more fear than men in public space. The fear of violence towards them or their children or even the simple feeling of insecurity are presented as limiting the use of public spaces, resulting in female collective "standards" of times and locations allowed in the city. Based on the argument of fear can be seen as a social or as a urban issue, theorists and scholars who produced reflections of fear in the public space were highlighted. Jane Jacobs (2000), Oscar Newman (1972), Bill Hillier (1988) and Ray Jeffery (1971) and their followers provided a rich discussion about crime prevention through urban design and the raise of security sense, reducing the fear of crime. In general, besides the environmental characteristics of the space, these authors relate the insecurity feeling to the way that public space is used: Surveillance presence (formal or informal), activities, maintenance and flow of people in space. Focusing on women, Rossana Tavares (2012), Sônia Calió (1997), Gil Valentine (1989), Rachel Pain (2000) and Alice Taylor (2011) understood that fear of women in public space is one more expression of patriarchal society. Whether through the androcentrism of studies and urban planning, whether by the sense of vulnerability of the male figure, the life experiences or *some secondary information*, the women fear in public space is a result of men domination over women still existing in our society. This work on the assumption that the experience of women fear in public space is influenced by the relationship between the spatial aspects and the social. That said, we sought to understand how this relation occurs and how that influence in the experience of women fear in public space through investigative exercise that came from a national and international theoretical framework and the contextualization through empirical research in Recife's Downtown.

Keywords: Public space. Fear. Violence - women. Urban violence.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Estrutura de formulação do problema de pesquisa.....	3
Figura 2- Medo e cidade.....	11
Figura 3 – Modulor.....	19
Figura 4 - Arquitetas invisíveis.....	19
Figura 5 - FeminismUrbana.....	20
Figura 6 - Mapa Chega de Fiu Fiu.....	21
Figura 7- Cordel Chega de Fiu Fiu.....	21
Figura 8- Ilustração de Gabriela Shigihara para o site Olga.....	21
Figura 9- Ilustração do Coletivo Você Sabe Que É Verdade.	26
Figura 10- Modelo de local e situação perigosa para a mulher no espaço público. ..	27
Figura 11- Falta de luz adequada nas ruas é entrave à locomoção da população feminina.....	27
Figura 12- Resultados da pesquisa Cidades Seguras para as Mulheres.	30
Figura 13- Queixas das pernambucanas, segundo os dados da pesquisa cidades seguras para as mulheres.....	31
Figura 14- Condição para diversidade urbana, quadras curtas.	34
Figura 15 - Esquema da graduação do espaço - privado, semi-privado, semi-público, público - segundo Oscar Newman.	35
Figura 16 - Sintaxe Espacial: representação e decomposição da forma urbana.	36
Figura 17 - Mapa axial.....	36
Figura 18- Malha viária de Manaus representada por meio de mapas axiais.	36
Figura 19- Elementos presentes na ocorrência de um delito.	38
Figura 20 – Exemplo de análise em uma rua que incorpora os conceitos de CPTED.41	
Figura 21- Localização dos bairros de Santo Antônio, São José e Recife.....	52
Figura 22- Área de abrangência do Questionário - Caminhos do Centro do Recife..	58
Figura 23- Exemplo de Matriz de Coeficiente de Similaridade.....	63
Figura 24- Exemplo de projeção SSA.....	63
Figura 25- Projeção 3D.....	64
Figura 26- Exemplos de formas de apresentação da projeção SSA.	64
Figura 27 - Percorso 1 com cinco trechos.....	74
Figura 28 - Percorso 2 com seis trechos.....	77

Figura 29 - Percurso 3 com cinco trechos.....	79
Figura 30 - Percurso 4 com sete trechos.....	81
Figura 31 - Percurso 5 com seis trechos.....	83
Figura 32 - Percurso 6 com seis trechos.....	85
Figura 33 - Percurso 7 com seis trechos.....	87
Figura 34- Projeção SSA 2D - Percurso seguros para as mulheres no centro do Recife.....	91
Figura 35- Locais considerados perigosos para os participantes.	93
Figura 36- Projeção SSA 2D – Recomendações de locais que as mulheres devem ter cuidado no centro do Recife.....	96
Figura 37- Projeção SSA 2D – Situações ou tipos de comportamento que as mulheres devem evitar.....	99
Figura 38- Projeção SSA 2D – Tipos de pessoas que as mulheres devem ter cuidado no centro do Recife.....	101
Figura 39- Projeção SSA 2D – Imagem do centro do Recife.....	104
Figura 40- Projeção SSA 2D – O medo no centro do Recife	107

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Princípios de uma teoria de espaços seguros.....	32
Quadro 2 - Princípios CPTED.....	39
Quadro 3 – Recomendações para espaços e elementos urbanos do Manual Espaços Urbanos Seguros.....	41
Quadro 4 - Constituição dos aspectos físicos, sociais e temporais para a construção do questionário.....	49
Quadro 5 - Categorias identificadas nas questões abertas.....	60
Quadro 6- Pontos de análise e questões relacionadas dos dados do questionário. .	65

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Diferenças da variável medo entre mulheres e homens.....	25
Tabela 2 - Sugestões para aumentar a segurança das mulheres no espaço público.	30
Tabela 3 - Pontos de análise e questões relacionadas dos dados do questionário. .	66
Tabela 4 – Vitimização e tipos de violência.....	67
Tabela 5 - Tipo de vitimização por idade - mulher.....	68
Tabela 6- Tipo de vitimização por idade - homem.....	68
Tabela 7- Tipo de vitimização por renda – mulher.	69
Tabela 8- Tipo de vitimização por renda - homem	69
Tabela 9- Tipo de vitimização por idade – mulher.....	69
Tabela 10- Tipo de vitimização por renda - homem	69
Tabela 11 – Vitimização de terceiros e tipos de violência.	70
Tabela 12 - Dados socioeconômicos das pessoas que afirmaram ter medo de andar no centro do Recife.....	106

LISTA DE FOTOS

Foto 1- Carnaval do Bairro do Recife	51
Foto 2- Operação policial para conter tumultos no Bairro do Recife.	51
Foto 3- Pontes do Recife.....	51
Foto 4- Comércio no centro do Recife.....	51
Foto 5- Marcha das vadias no centro do Recife.	51
Foto 6- Morador de rua na Ponte da Boa Vista.	51
Foto 7- Assalto no centro do Recife	51
Foto 8- Manifestações de Bois e Ursos no centro do Recife.	51
Foto 9- Percurso 1/trecho1.....	75
Foto 10- Percurso 1/trecho2.....	75
Foto 11- Percurso 1/trecho3.....	76
Foto 12- Percurso 1/trecho4.....	76
Foto 13- Percurso 1/trecho 5.....	76
Foto 14- Percurso 2/trecho1.....	78
Foto 15- Percurso 2/trecho2.....	78
Foto 16- Percurso 2/trecho3.....	78

Foto 17- Percurso 2/trecho4.....	78
Foto 18- Percurso 2/trecho5.....	78
Foto 19- Percurso 2/trecho6.....	78
Foto 20- Percurso 3/trecho1.....	80
Foto 21- Percurso 3/trecho2.....	80
Foto 22- Percurso 3/trecho3.....	80
Foto 23- Percurso 3/trecho4.....	80
Foto 24- Percurso 3/trecho5.....	80
Foto 25- Percurso 4/trecho1.....	82
Foto 26- Percurso 4/trecho2.....	82
Foto 27- Percurso 4/trecho3.....	82
Foto 28- Percurso 4/trecho4.....	82
Foto 29- Percurso 3/trecho5.....	82
Foto 30- Percurso 3/trecho6.....	82
Foto 31- Percurso 3/trecho7.....	82
Foto 32- Percurso 5/trecho1.....	84
Foto 33- Percurso 5/trecho2.....	84
Foto 34- Percurso 5/trecho3.....	84
Foto 35- Percurso5/trecho4.....	84
Foto 36- Percurso 5/trecho5.....	84
Foto 37- Percurso 5/trecho6.....	84
Foto 38- Percurso 6/trecho1.....	86
Foto 39- Percurso 6/trecho2.....	86
Foto 40- Percurso 6/trecho3.....	86
Foto 41- Percurso 6/trecho4.....	86
Foto 42- Percurso 6/trecho5.....	86
Foto 43- Percurso 6/trecho6.....	86
Foto 44- Percurso 7/trecho1.....	89
Foto 45- Percurso 7/trecho2.....	89
Foto 46- Percurso 7/trecho3.....	89
Foto 47- Percurso 7/trecho4.....	89
Foto 48- Percurso 7/trecho5.....	89
Foto 49- Percurso 7/trecho6.....	89

SUMÁRIO

Introdução	1
 Capítulo 01- Construindo um olhar sobre o medo da mulher no espaço público.7	
1.1. O espaço público, a mulher e o medo.....	8
1.2. A mulher e o urbano.....	15
1.3. A geografia feminista e a contribuição pra os estudos urbanos.....	22
1.4. O medo da mulher no espaço público.....	24
1.5. A busca da segurança e suas características ambientais.....	31
1.6. A busca da segurança para a mulher	42
1.7. Síntese do arcabouço teórico	44
 Capítulo 02 - O processo metodológico da pesquisa empírica	47
2.1. A estruturação da pesquisa	47
2.2. O instrumento de pesquisa	48
2.3. O recorte territorial	50
2.4. O público alvo e a técnica projetiva.....	55
2.5. O modo de abordagem	57
2.6. A estrutura do questionário	57
2.7. A análise dos dados.....	59
2.8. Perfil das/dos participantes	66
 Capítulo 03 - Por onde e como devem andar as mulheres no centro do Recife.72	
3.1. Percursos seguros para as mulheres no centro do Recife.....	72
3.2. As estratégias de uso do espaço público no centro do Recife para as mulheres.92	
 Capítulo 04 - A experiência urbana no centro do Recife	102
4.1. Imagem do Centro do Recife	103
4.2. O medo no Centro do Recife	105
 Capítulo 05 - Considerações finais	109
Referências bibliográficas.....	116
Apêndices	121

Introdução

“Isso não é hora de menina estar na rua”, essa era uma das frases de Dona Oneide quando a noite começava a chegar. Apesar de parecer engraçada, a recomendação era sempre acatada e a visita finalizada. Afinal, para uma mulher com mais de 80 anos, que quando jovem só andava na rua sob a proteção de um homem, realmente ver uma jovem andar sozinha pelas ruas e à noite era um fato preocupante.

Por muito tempo a fala de Oneide era apenas uma recordação, porém, ao desenvolver um trabalho com o tema *Cidade Seguras para as Mulheres*¹ foi possível constatar que preocupações dela não eram coisa do século passado. Com maior ou menor intensidade, a rua, a escuridão, a presença masculina, o medo do espaço público eram constantes no cotidiano de muitas mulheres. E estar acompanhada de

¹ Trabalho desenvolvido para a Secretaria da Mulher do Estado de Pernambuco no Projeto Mulheres da Paz. Uma iniciativa do Ministério da Justiça, no bojo do Programa de Segurança Pública com Cidadania – PRONASCI. O objetivo é a capacitação de mulheres atuantes na comunidade para que se constituam, institucionalmente, como mediadoras sociais a fim de fortalecer as práticas políticas e socioculturais desenvolvidas pelas e para as mesmas, a partir do empoderamento feminino, além de construir e fortalecer redes de prevenção da violência doméstica e enfrentamento às violências que compõem a realidade local e que envolvam jovens e mulheres. Fonte: Ministério da Justiça. Secretaria Nacional de Segurança. Manual de orientações aos proponentes para elaboração de propostas via SICONV nas ações mulheres da paz e protejo edital/2012 anexo iv. março de 2012.

um conhecido, principalmente à noite, transmitia não só uma sensação de proteção e segurança, mas também era uma condição de mobilidade na cidade e de acesso a alguns direitos, como à educação. Como relatado por uma estudante do curso noturno de arquitetura e urbanismo no município de Caruaru: *“Eu só estudo à noite porque o meu noivo ou meu cunhado me pega na parada de ônibus”*.

Conversas com outras mulheres, estudos e relatórios de organizações internacionais como a ONU Mulheres² e a ActionAid³ reafirmavam as falas anteriores ao colocar o medo como um limitante de uso de espaços públicos, acarretando em “normas” coletivas de horários, bem como locais “permitidos” ou “proibidos” em determinadas partes da cidade. Taylor (2011) coloca que o medo da violência restringe o movimento da mulher, limitando o uso dos espaços públicos e a movimentação de suas casas até outros espaços públicos ou privados.

Valentine (1989) corrobora com esse cenário e afirma que a mulher exercita diariamente uma espécie de negociação do uso do espaço público. Muitos dos roteiros e destinos aparentemente naturais escolhidos pelas mulheres são na verdade “estratégias de enfrentamento”⁴ que elas adotam para se manter seguras. Mas, que elementos influenciam no medo da mulher no espaço público de forma a interferir no acesso à cidade? Seriam algumas características físicas do local? Seria a presença de determinadas pessoas? A cultura de uma sociedade também poderia influenciar essas normas? E assim, foi-se delimitando o tema: mulher, medo e cidade, até chegar-se ao problema da pesquisa, como mostra a figura 01.

Essa dissertação foi motivada por esses questionamentos e transitar no universo da cidade com o olhar feminino focado no medo do espaço público, apresentou-se desafiador e apaixonante. No início as reflexões pareciam ser solitárias, mas com a

² ONU MULHERES é uma entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o empoderamento das mulheres, criada em 2010. A ONU Mulheres trabalha com as premissas fundamentais de que as mulheres e meninas ao redor do mundo têm o direito a uma vida livre de discriminação, violência e pobreza, e de que a igualdade de gênero é um requisito central para se alcançar o desenvolvimento.

³ ActionAid é um movimento global de pessoas que trabalham juntas para promover os direitos humanos e vencer a pobreza. Foi fundada em 1972 como uma organização sem fins lucrativos cujo trabalho atinge cerca de 20 milhões de pessoas em 45 países. Fonte: <http://www.actionaid.org.br/quem-somos>.

⁴ Valentine (1989, p. 385).

evolução da investigação descobriu-se outras mulheres e homens com formação e realidade de cidade diferente que buscavam caminhos para uma cidade que oferecesse oportunidades iguais para ambos.

Figura 1- Estrutura de formulação do problema de pesquisa.



Fonte: A autora.

No primeiro momento se buscou a reflexão sobre as restrições da mulher no acesso à cidade. Encontrou-se no trabalho da arquiteta Rossana Tavares (2012) e da geógrafa Sônia Alves Calió (1997), as reflexões sobre a dificuldade de uma leitura da condição da mulher na cidade e o rebatimento nos estudos e planejamento urbano. Ambas alertam para o androcentrismo⁵ no planejamento urbano e nos projetos arquitetônicos. O que acarreta, segundo Calió, na invisibilidade das mulheres na multidão urbana, "Elas estão lá, importantes para o cenário, mas insignificantes para a cena" (Calió, 1997, p.4).

Outras geógrafas (os) nacionais e internacionais apresentaram uma abordagem sobre as relações de poder no espaço público da cidade sob a perspectiva de uma visão da sociedade acerca da igualdade de gênero.

Partindo do argumento de Fenster (apud BUCKINGHAM, 2011, p. 314), "medo e segurança podem ser vistos tanto como uma questão social como também espacial que, em muitos casos, estão relacionados com o desenho dos espaços urbanos",

⁵ O androcentrismo é a base do sexismo e da masculinidade que, sob diferentes níveis, estão presentes nas Ciências. Ele nos leva a compreender os importantes limites conceituais assim como os obstáculos vividos dentro das disciplinas, por toda pesquisa envolvendo a questão de gênero ou as relações sociais entre os sexos. (Calió, 1997, p.2).

elencou-se teóricos e estudiosos que produziram reflexões sobre o medo no espaço público.

Jane Jacobs (2000), Oscar Newman (1972), Bill Hillier (1988) e Ray Jeffery (1971) e seus seguidores forneceram uma rica discussão sobre a prevenção ao crime através do desenho urbano e o aumento da sensação de segurança, consequente redução do medo do crime. De modo geral, além das características ambientais do espaço, esses autores relacionam a sensação de insegurança com a forma de uso do espaço público: presença de vigilância (formal ou informal⁶), atividades, manutenção e fluxo de pessoas no espaço. Porém, pouco se tinha para oferecer quando se acrescenta o recorte mulher. Além disso, somente as características ambientais teriam elementos suficientes para responder sobre o medo da mulher no espaço público?

Gil Valentine (1989) e Rachel Pain (2000) relacionam o medo a algumas questões sociais e culturais. Em seu trabalho sobre a geografia do medo das mulheres, Valentine (1989) propõe uma associação entre o medo da mulher no espaço público à sensação de vulnerabilidade física em relação ao homem, principalmente em relação à violência sexista. Para a autora, essa associação da violência masculina a certos contextos ambientais é produto da experiência vivida e das informações secundárias sobre as características ambientais de um determinado local ou localidade. Para Pain (2000), as relações sociais que operam em espaços particulares e os lugares estão mais ligados ao medo do crime do que o caráter físico particular do ambiente. Diante desse cenário foram formuladas as hipóteses e objetivos do trabalho.

Hipóteses:

1. Um dos limites das restrições de acesso da mulher à cidade é o medo do crime no espaço público.

⁶ Entende-se por formal, a vigilância realizada pela polícia ou profissionais de segurança privada. A informal ou natural, como denominou Jane Jacobs (2000), diz respeito à vigilância realizada pelas pessoas que frequentam um determinado espaço.

2. A experiência do medo da mulher no espaço público é influenciada pela relação entre os aspectos espaciais do ambiente e sociais de sua ocupação.
3. A experiência das mulheres do medo do crime no espaço público não é homogênea, ela pode variar de acordo com a renda, idade, ciclo de vida e vitimização.

Objetivos:

Geral:

Compreender como a relação entre os aspectos espaciais e sociais influenciam na experiência do medo da mulher no espaço público.

Específicos:

- Investigar as características espaciais do espaço e os aspectos sociais que influenciam no medo da mulher no espaço público e a relação entre eles.
- Compreender como os fatores idade, renda, ciclo de vida e vitimização podem interferir na experiência do medo no espaço público.

E assim, o trabalho foi estruturado em cinco partes: Capítulo 01 – Construindo um olhar sobre o medo da mulher no espaço público; Capítulo 02 - O processo metodológico da pesquisa empírica; Capítulo 03 - Por onde e como devem andar as mulheres no centro do Recife; Capítulo 04 – A experiência urbana no centro do Recife; Capítulo 05 – Considerações finais.

O primeiro capítulo trata do corpo teórico do trabalho. Nele é apresentado o entendimento sobre espaço público, medo e mulher, a discussão sobre a situação da mulher nos estudos urbanos, a geografia feminista e a relação com o urbano, teorias sobre desenho urbano e segurança e o medo da mulher no espaço urbano.

O segundo capítulo expõe o processo metodológico da pesquisa empírica no espaço público do Recife e o rebatimento em relação às questões teóricas levantadas no

Capítulo 01. Assim, são apresentados a construção da estrutura de investigação empírica, o instrumento de investigação e de análise de dados e o perfil dos participantes.

Os Capítulos 03 e 04 apresentam a discussão sobre os resultados da investigação no centro do Recife. O primeiro, a análise das questões projetivas do questionário versando sobre recomendações sobre por onde e como se deve andar no centro do Recife. O Capítulo 04 expõe a análise da experiência do medo no centro do Recife, relacionado a imagem e medo do centro da cidade. Por fim, no Capítulo 05, apresenta as considerações finais sobre o medo da mulher no espaço público, sua importância nos estudos urbanos e aponta questões para estudos futuros.

Capítulo 01

Construindo um olhar sobre o medo da mulher no espaço público.

A cidade é o espaço de efetivação das relações entre o indivíduo e a coletividade, objeto de estudos, sonhos, lutas e poder. Retrato da sociedade, a concretização dessas relações se expressa na arquitetura, morfologia e nas formas de construção e no uso do espaço público. Para Listerborn (2002) a cidade é a interação entre a vida social e a personificação física, ou seja, a cidade é mais do que apenas um item de construção ou de uma organização social. “A cidade é também imaginária”. E assim, a autora introduz a ideia de cidade libertadora e ameaçadora.

A cidade libertadora, segundo Listerborn (2002), é a cidade de oportunidades, do espaço para o debate político, que cria subculturas criativas, um contexto urbano em constante mudança. Já a negativa, ligada ao medo e a insegurança, tem como principal difusora a mídia, mas também os políticos, planejadores e pesquisadores. A imagem da cidade perigosa é produto do imaginário individual e do coletivo, mas

também de uma realidade concreta. Essa é a imagem abordada nesse trabalho, a imagem da cidade perigosa, mas sob o olhar específico da mulher.

A tríade espaço público, violência e medo não é tema recente, já há algum tempo a relação entre eles é objeto de interesse das várias áreas do conhecimento, como a geografia, a sociologia, a psicologia e o urbanismo. Nesse último campo, por exemplo, os efeitos da violência e do medo no espaço urbano possuem contribuições valiosas de estudiosos como Jane Jacobs (2000), Bill Hillier (1988), Ray Jeffery (1971) e Oscar Newman (1972), que repercutem na academia e na prática profissional de muitas(os) arquitetas(os) e urbanistas. Com recorte de gênero, geógrafas (os) como Gill Valentine (1989), Rachel Pain (2000), Christian Dymén e Vânia Ceccato (2012) trazem reflexões importantes sobre o medo da mulher no espaço público.

Com o intuito de entender como se dá essa relação, mostrou-se necessário, no primeiro momento, a construção de um entendimento sobre o espaço público, a mulher e o medo. E assim, apresentam-se alguns conceitos sobre cada um dos três objetos. No segundo momento, o percurso teórico se dá através da exploração da relação entre eles, o que culmina com um arcabouço teórico sobre o medo da mulher no espaço público, a base teórica da dissertação.

1.1. O espaço público, a mulher e o medo.

▪ Espaço público

O que é um espaço público? Conceituar o espaço público não é tarefa simples. Como elemento de interesse de vários campos do saber, seu entendimento pode apresentar significados distintos. A filosofia, por exemplo, associa a concepção de espaço público como a “expressão do pensamento, do direito à palavra”; a sociologia, o local do “encontro com o outro, com o diferente de si” (Recife, 2002, p.17). Porém, parece haver dois pontos em comum entre os diversos saberes, a noção de oposição ao privado (Recife, 2002) e a natureza heterogênea (Segovia e Oviedo, 2007).

No urbanismo, Leitão (in Recife, 2002), coloca que o entendimento de oposição ao privado está associado à condição de acessibilidade, a acessibilidade restrita torna o espaço privado e o acessível a todos, público. A autora baseada em Merlin, Pierre e Choay⁷, afirma que espaço público são os “espaços abertos, de uso comum, apropriados livremente pelo conjunto das pessoas que vivem numa cidade. Esses espaços podem ser verdes, a exemplo de parque, jardins cemitérios, etc., como também não verdes, como ruas, praças, pátios, etc.” (Recife, 2002, p.17).

A oposição entre público e privado também está presente na definição jurídica. Para Borja (1998), o espaço público moderno provém da separação formal (legal) entre a propriedade privada e a propriedade pública e está sob regulamentação estatal.

Desde una aproximación *jurídica*, podemos definirlo como un espacio sometido a una regulación específica por parte de la administración pública, propietaria o que posee la facultad de dominio del suelo, que garantiza su accesibilidad a todos y fija las condiciones de su utilización y de instalación de actividades. El espacio público moderno proviene de la separación formal (legal) entre la propiedad privada urbana y la propiedad pública. Tal separación normalmente supone reservar este suelo libre de construcciones (excepto equipamientos colectivos y servicios públicos) y para usos sociales característicos de la vida urbana (esparcimiento, actos colectivos, transporte, actividades culturales y a veces comerciales, etc.). (BORJA, 1998, p 2).⁸

Porém, argumenta que o que realmente torna o espaço público não é apenas seu status jurídico, mas sim o seu uso e introduz assim a dimensão sociocultural.

El espacio público también tiene una dimensión socio-cultural. Es un lugar de relación y de identificación, de contacto entre las gentes, de animación urbana, a veces de expresión comunitaria. La dinámica propia de la ciudad y los comportamientos de sus gentes pueden crear espacios públicos que jurídicamente no lo son, o que no estaban previstos como tales, abiertos o cerrados, de paso o a los que hay que ir. Puede ser una fábrica o un depósito abandonados o un espacio intersticial entre edificaciones. Lo son casi siempre los accesos a estaciones y puntos intermodales de transporte y a veces reservas de suelo para una obra pública o de protección ecológica. En todos estos casos lo que define la

⁷ Merlin, Pierre e Choay, Françoise. *Dictionnaire de l'urbanisme et de l'aménagement*. Paris: PUF, 2000.

⁸Tradução livre: A partir de uma abordagem jurídica, podemos defini-lo como uma zona sujeita a regulamentação específica por parte do governo, ou quem tem o poder de controlar o solo, garantindo a sua acessibilidade a todos e estabelecimento de condições de utilização e instalação atividades. O espaço público moderno vem da separação formal (legal) entre a propriedade privada urbana e propriedade pública. Tal separação normalmente significa manter este terreno livre de edifícios (exceto instalações públicas) e práticas sociais características da vida urbana (recreação, atos coletivos, transporte, atividades culturais e, por vezes, comercial, etc.). (BORJA, 1998, p 2).

naturaleza del espacio público es el uso y no el estatuto jurídico. (BORJA,1998, p 2).⁹

Silva (2009) reconhece os argumentos de Borja ao anunciar que tanto a oposição ao privado como o status jurídico são insuficientes para abarcar toda a complexidade do objeto. Dentro da abrangência do urbanismo, o que torna um espaço público não é o seu estatuto jurídico, mas sim a natureza do seu uso e as práticas sociais que ele propicia.

Além da dimensão sociocultural colocada por Borja, a autora apresenta mais duas dimensões¹⁰; a física ou territorial e a política ou de comunicação. A dimensão física remete a condição de acessibilidade (apresentada por Leitão), ou seja, os espaços públicos são aqueles abertos, acessíveis a todos. Quanto à dimensão política, ela o associa ao espaço de comunicação social, da ação política e das expressões culturais que podem estar articulados ou não com a dimensão física.

As três dimensões expostas pelos dois autores remetem a natureza heterogênea desse elemento que, segundo Segovia e Oviedo (2000, p. 51), “por una parte, instauran, preservan, promueven y organizan la comunicación entre gente diferente. Por otra, admiten múltiples definiciones, significados y atributos, según la perspectiva desde la cual se los comprenda”.

Assim posto, propõe-se nesse trabalho o seguinte entendimento sobre espaço público: elemento de natureza heterogênea, que vai além de aspectos jurídicos e físicos e abarca as três dimensões propostas por Borja (1898) e Silva (2009). Um espaço de troca, de socialização que materializa em suas ruas, praças e parques as relações entre o indivíduo e a coletividade.

⁹Tradução livre: *O espaço público também tem uma dimensão sócio-cultural. Um espaço de relacionamento e identificação, de contato entre as pessoas, de animação urbana, às vezes de expressão comunitária. A dinâmica e o comportamento da própria cidade e das pessoas podem criar espaços públicos que juridicamente não são, ou não são designados como tal, abertos ou fechados, de permanência ou de passagem. Pode ser uma fábrica ou armazém abandonado ou um espaço entre edifícios. Quase sempre estações e pontos de transporte intermodal e, às vezes, reservas fundiárias para obras públicas ou de proteção ambiental. Em todos estes casos, o que define e naturaliza o espaço público é seu uso e não o status legal.* (BORJA, 1998, p 2)

¹⁰ Baseada em BRANDÃO, P. *Ética e Profissões no Design Urbano. Convicção, Responsabilidade, Interdisciplinaridade.* Barcelona, 2004. Tese (Doutorado em Espaço Urbano e Regeneração Urbana). Departamento de Escultura, Universidade de Barcelona.

▪ O medo

A figura Medo e cidade (figura 2) mostra um lado cômico de uma realidade perversa do nosso cotidiano, o medo na cidade, o medo no espaço público. Listerborn (2002) afirma que a ameaça do assalto, roubo e estupro ligada aos espaços públicos, principalmente no final da década de 90, vêm ocupando um grande espaço nas discussões sobre ambientes urbanos. Mas, como defini-lo?

Figura 2- Medo e cidade



Fonte: <http://administrite.blogspot.com.br/2010/08/humor-cidade-do-medo.html>

Apesar de todo o acúmulo no campo acadêmico, essa parece ser uma tarefa difícil. Pain (2000) alerta para a primeira dificuldade, o risco de vários entendimentos quando se usa a palavra medo. Pesquisadores e entrevistados podem dar significados diferentes. Em sua busca para o referencial de sua pesquisa ela resgata o conceito de Smith¹¹ ao sugerir que ao estudar-se o medo, o que está sendo explorado é uma resposta emocional a uma ameaça, uma admissão de si e dos outros que o crime é intimidante; e uma expressão da sensação de perigo e ansiedade com a possibilidade de ser prejudicado.

Warr, Gordon e Riger¹² (apud Pain, 2000) chamam a atenção à necessidade de ter-se sensibilidade a diferentes experiências, questões e teorização em relação ao tipo de medo que é referido. O medo genérico (como roubo e crime sexual) tem um

¹¹ Smith, S.J. 1987: Fear of crime: beyond a geography of deviance. Progress in Human Geography 11, 1–23.

¹² Warr, M. 1985: Fear of rape amongst urban women. Social Problems 32, 238–50
Gordon, M. and Riger, S. 1989: The female fear. New York: Free Press.

significado indistinto e pode ser tão díspares como os próprios crimes. Assim, se faz necessário restringir qual o tipo de medo, objeto deste estudo. Neste trabalho o medo, matéria desta investigação, é o medo do crime violento.

Como assegura Pain (2000), embora não exista uma unanimidade na definição de medo do crime, é a consciência crescente de que não é uma característica fixa, alguns as pessoas têm e outros não, o medo do crime é transitório e situacional. A autora recorre a Valentine (1989) e Stanko¹³ ao concluir que tudo que se mover em torno do medo sobre os nossos cursos de vida, é influenciado por nossas próprias experiências e pela situação espacial, social e temporal. E este reconhecimento tem implicações na teorização do medo e na avaliação de sua extensão.

Truman (2005), afirma que o medo do crime é um problema social que pode levar à restrição de atividades e aumento dos custos de segurança. Ele pode ser influenciado por uma multiplicidade de fatores sociais, demográficos e variáveis de estilo de vida. Argumento também adotado por Dymén e Ceccato (2012), que baseados em estudiosos do tema¹⁴, afirmam que o medo depende de uma variedade de fatores individuais, fatores *multi-scale* e do ambiente urbano imediato/componente local. O primeiro diz respeito à idade, sexo, capacidade física, renda, etnia, orientação sexual e vitimização e estilo de vida de cada indivíduo. O *multi-scale* (nacional e global), que influenciam os indivíduos na sua vida diária, através, por exemplo, da mídia¹⁵. Para o componente local, Dymén e Ceccato (2012) elegem os sinais de deterioração física e desordem pública como elementos

¹³Stanko, E.A. 1990a: Every day violence: women's and men's experience of personal danger. London: Pandora.

¹⁴Skogan, W., & Maxfield, M. G. (1981). Coping with crime: Individual and neighbourhood reactions. Beverly Hills: Sage. Hale, C. (1996). Fear of crime: A review of the literature. International Review of Victimology, 4, 79–150.

Will, J. A., & Mcgrath, J. H. (1995). Crime, neighbourhood perceptions and the underclass: The relationship between fear of crime and class position. Journal of Criminal Justice, 23(2), 163–176.

Smith, S., & Pain, R. (2009). Critical geopolitics and everyday fears. In M. Lee & S.

Farrall (Eds.), Fear of crime: Critical voices in an age of anxiety (pp. 45–58). New York: Routledge-Cavendish.

Day, K. (2009). Being feared: Masculinity and race in public space. In M. Lee & S.

Eschholz, S. (1997). The media and fear of crime: A survey of the research. Journal of Law and Public Policy, 9(1), 37–59. Zelinka, A., & Brennan, D. (2001). Safescape. Chicago: American Planning Association.

¹⁵Dymén e Ceccato afirmam que os fatores *multi-scale* podem influenciar de maneira diferente homens e mulheres, e exemplifica com relatos da Suécia, onde mais de 30% das mulheres jovens (com idade entre 16-24 anos) estão com medo de serem atacadas, enquanto que para os homens, este índice é inferior a 10 %.

importantes, às vezes mais do que a incidência real de crime naquele local. E baseados em Ferraro¹⁶, afirmam que a literatura demonstra que o medo está relacionado à percepção do controle formal ou informal da área. Ou seja, além do componente local, o controle da área influencia no medo do crime.

Nesse trabalho, o medo que será investigado é o medo do crime violento sob o olhar da mulher. Este é entendido como uma resposta emocional a uma ameaça, um comportamento culturalmente apreendido, que é transitório e situacional. Tal sensação é influenciada pela experiência pessoal (situação espacial, social e temporal), bem como fatores externos e componentes físicos e de controle do local.

▪ A mulher

Ao falar-se de mulher, não se faz referência ao ser biológico, mas sobre o entendimento da sociedade sobre o que é ser feminino: o gênero. Para Calió (1997, p. 1), o gênero “diz respeito à dimensão socialmente construída do feminino e do masculino. Ou seja, ao conjunto de regras segundo as quais as sociedades transformaram as condições biológicas da diferença em verdadeiras normas sociais”.

Compreensão semelhante é utilizada pela Secretaria da Mulher do Estado de Pernambuco, que entende como gênero “uma construção social dos papéis atribuídos ao feminino e ao masculino. [...] Um princípio fundamental de organização social que molda as relações entre as pessoas, informando como a mulher e o homem devem se comportar e agir” (PERNAMBUCO, 2011, p.19). Mas como se chegou a tal entendimento?

Piscitelli (2001) afirma que o conceito de gênero foi concebido num momento da história das teorias sociais em que era necessário superar problemas relacionados à

¹⁶ Ferraro, K. F. (1995). Fear of crime: Interpreting victimization risk. Albany: State University of New York Press.

utilização de algumas das categorias centrais nos estudos sobre mulher¹⁷. Embora o termo gênero já fosse utilizado, Piscitelli atribui a Gaule Rubin¹⁸, em 1975, como a responsável por introduzir um conceito de gênero no debate sobre as causas da opressão da mulher.

Rubin definiu o sistema sexo/gênero como o conjunto de arranjos através dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e nas quais estas necessidades sociais transformadas são satisfeitas. Perguntando-se sobre as relações sociais que convertem as fêmeas em mulheres – “a passagem de fêmea, como se fosse matéria prima, à mulher domesticada”, a autora elabora o conceito sistema de sexo/gênero – “um conjunto de arranjos através dos quais a matéria prima biológica do sexo humano e da procriação é modelada pela intervenção social humana” -, localizando essa passagem no trânsito entre a natureza e cultura, especificamente, no espaço da sexualidade e da procriação. (PISCITELLI, 2001, p. 8)

Assim, Rubin sobrepõe a cultura à natureza, pois na perspectiva dessa “se a natureza fornece “dados”, esses dados mostrariam que a “diferença” é, sobretudo, cultural.” (Piscitelli, 2001, p. 9). Sobre a contribuição de Rubin, a autora destaca dois pontos: (i) a proposta de pensar nas construções sociais da mulher em termos de sistemas culturais; (ii) o sistema sexo/gênero está associado à exigência de compreender as realidades empíricas diversas, os contextos específicos nos quais o sistema sexo/gênero operacionaliza relações de poder.

No final dos anos 90, a concepção de gênero elaborada por Rubin passa a receber críticas. Piscitelli (2001) chama a atenção para o momento em que essas críticas emergem, pois coincidem com as reivindicações relativas às diferenças internas do movimento, formuladas por mulheres negras, lésbicas e do “terceiro mundo”. Ela cita Judith Butler como um dos expoentes desse cenário, cujas ideias propõem uma fluidez em contraponto rigidez do gênero.

¹⁷ O texto de Piscitelli é bastante didático e esclarecedor para o entendimento do conceito de gênero e a discussão acadêmica atual. A autora apresenta em seu texto uma leitura histórica do movimento feminista, faz um percurso pelo pensamento feminista desenvolvido a partir do fim da década de 60, em seguida mostra a criação conceito de gênero, expõe sobre conteúdos que o conceito adquire nas teorias contemporâneas e as tensões na prática política feminista; e por fim apresenta a reintrodução da categoria mulher. Ao expor este último ponto, a autora apresenta as reflexões de Linda Nicholson que traz uma ideia de mulher que não tem um sentido definido, e sim atento à historicidade. Aborda ainda um olhar sobre a mulher em contextos específicos e não as ideias anteriores como “mulheres como tais” ou “mulheres nas sociedades patriarcais”. Como referência no Brasil, ela cita Cláudia de Lima Costa que propõe um retorno a noção de mulher, considerando-a, explicitamente, como uma categoria política. Apesar de bastante instigante, a reintrodução da categoria mulher apresentada pela autora não será aprofundada nesse trabalho, facilitando a coerência no nosso processo de investigação, tal conceito de gênero será considerado.

¹⁸ RUBIN, Gayle: “The traffic in Women: Notes on the “Political Economy of Sex”, 1975.

[...] noção de múltiplas configurações nas quais o poder opera de maneira “difusa” à ideia de dominação/subordinação universal das mulheres; a intersecção entre múltiplas diferenças e desigualdades ao privilégio da diferença sexual entendida como diferente entre homem e mulher”. Porém, “este movimento de reelaboração teórica que questiona o conceito de gênero está, por sua vez, associado a uma reelaboração, muitas vezes conflitiva, dos pressupostos teóricos e políticos feministas. (PISCITELLI, 2001, p. 12).

Silva (2007) compreende gênero como um conceito/representação que não comporta todas as variações indenitárias das mulheres. Os dois entendimentos (de Piscitelli e Silva) traz a flexibilidade de Butler e, assim, remete à necessidade de uma abordagem plural e uma constante redefinição da diferenciação espacial e temporal.

Para este trabalho, entende-se por gênero a construção social do feminino e do masculino que atribui a esses o seu papel na sociedade. Porém, como construção social não pode ser considerada universal e muito menos rígida, podendo ser modificada de acordo com o tempo e os costumes de cada sociedade. Ou seja, ao estudar-se o gênero o olhar deve estar contextualizado.

1.2. A mulher e o urbano

Leituras sobre a percepção da cidade por grupos específicos, como crianças e idosos, já foram objetos de análise de vários estudos. Tais trabalhos partem do pressuposto da não exclusão de outros grupos, mas da apreensão do olhar de um grupo específico que vivencia o espaço. Trabalhar o olhar da mulher sobre o medo no espaço público tem como pressupostos: a diferença entre o acesso à cidade e a consequente percepção do espaço público e sua relação do medo do crime entre mulheres e homens.

Estudos e pesquisas (Dymén e Ceccato, 2012; Ornat e Silva; 2007) apresentam diferenças entre mulheres e homens no acesso à cidade e apontam a construção sobre o lugar e o papel das mulheres e homens na sociedade como uma das causas dessas diferenças. Segundo Dymén e Ceccato (2012, p.311), apesar de todas as conquistas femininas, as mulheres ainda tem maior responsabilidade para com as

chamadas atividades reprodutivas, tais como cuidar das crianças e idosos e as tarefas domésticas.

Dados da Suécia colocam que entre os pais com crianças entre 0 e 6 anos, as mulheres gastam cerca de 45h por semana em tarefas relacionadas com o trabalho não remunerado, enquanto os homens 30 horas (Larsson e Jalakas¹⁹, apud Dymén e Ceccato, 2012.p. 312). No Brasil, de acordo com dados do IPEA (2012a), as mulheres brasileiras gastam, em média, 26,6 horas semanais em afazeres domésticos, enquanto os homens dedicam apenas 10,5 horas. Ou seja, comparando-se grosseiramente os dados dos dois países, tanto na Suécia como no Brasil ainda hoje existe uma divisão desequilibrada na distribuição das atividades domésticas entre mulheres e homens. Como consequência, Dymén e Ceccato (2012) apresentam uma correspondência em relação aos deslocamentos das mulheres na cidade. Os autores afirmam que as mulheres, mais frequentemente do que os homens escolhem as oportunidades de trabalho perto da residência e são propensas à viagem em cadeia, o que significa que quando elas viajam, elas tendem a ter vários propósitos e vários destinos dentro de uma viagem.

No Brasil, estudos realizados em Ponta Grossa – Paraná (Ornat; Silva, 2007)²⁰ colocam que os motivos de deslocamento das mulheres estão relacionados com a reprodução familiar como fazer compras, pagar contas, levar filhos à escola e ao serviço de saúde. Já para os homens, o motivo do deslocamento está relacionado à reprodução econômica, o trabalho. Os autores afirmam:

Os destinos que se buscam com os deslocamentos, além de se relacionar com a questão do acesso ao que é produzido no espaço urbano, estão ligados à construção cultural dos papéis de gênero nos respectivos grupos sociais”. Mulheres e homens possuem destinos específicos de deslocamento referenciados nestes papéis. Hegemonicamente, o papel atribuído culturalmente aos homens e

¹⁹ Larsson, A., & Jalakas, A. (2008). Jämställdhet nästa! Samhällsplanering ur ett enusperspektiv. Stockholm: SNS förlag.

²⁰ O trabalho teve como propósito compreender a correlação entre o perfil de deslocamentos intra-urbanos cotidianos desenvolvidos por homens e mulheres e a reprodução diferenciada de suas condições de pobreza, tomando como referência empírica os moradores da Vila Dom Bosco e da Vila Nova em Ponta Grossa - PR. As características de deslocamento são apresentadas transversalmente pela questão do gênero, já que homens e mulheres possuem papéis diferenciados socialmente. Esta diferenciação é determinada pelos papéis sociais que nossa cultura tem construído para homens e mulheres, a representação do gênero feminino e masculino, assimetria que concatena o acesso diferencial de ambos ao espaço urbano. (texto extraído do resumo do artigo Deslocamento cotidiano e gênero: acessibilidade diferencial de homens e mulheres ao espaço urbano de Ponta Grossa – Paraná Marcio Ornat Joseli Maria Silva.

relatado pelos moradores, que foram colaboradores disponibilizando estas informações, é o de provedor da família, tanto no Dom Bosco como na Vila Nova. O mesmo fato ocorre com o papel atribuído às mulheres, tendo por função a manutenção da família e a organização da casa. (ORNAT e SILVA; 2007, p.182,183).

Os dados alicerçam o argumento de Calió (1997) sobre a importância da introdução da questão "divisão sexual do trabalho" no planejamento urbano. Partindo do entendimento de que as mulheres e os homens vivenciam os problemas da vida urbana de forma distinta, devido a atribuições na vida domésticas e do trabalho.

O papel das mulheres na reprodução da força de trabalho e na família torna sua presença marcante e quase que obrigatória nas lutas sociais pela melhoria dos serviços urbanos e qualidade de vida. Devido às suas tarefas domésticas e participação na comunidade (sobretudo as mulheres mais pobres), são as mais afetadas pela crise dos serviços urbanos que aumenta, consideravelmente, suas responsabilidades. Isoladas no espaço privado do lar ou à sua extensão pública (o posto de saúde, a farmácia, o hospital, a loja, o supermercado, a feira, o açougue, a padaria, a escola, o parque, etc.), elas travam uma luta incessante contra o relógio, tentando administrar sua vida cotidiana. (CALIÓ, 1997, p. 7).

A autora coloca a dificuldade dos estudiosos urbanos em fazer uma leitura sobre a condição da mulher na cidade. As divisões espaciais oriundas das questões demográficas, econômicas, culturais e políticas foram durante anos eleitas como prioritárias nas análises urbanas, o que gerou certa "invisibilidade" das mulheres na multidão urbana. "A cidade passou a ser uma aglomeração de indivíduos assexuados, submetidos a um ponto de vista global - leia-se masculino - que não vivem outras relações sociais entre si que não sejam as de classe" (Calió, 1997, p.4). E complementa, "misturada na multidão, a mulher vive uma falsa impressão de igualdade de uso e de mobilidade urbana." (Calió, 1997, pg, 5),

Calió pactua com os estudiosos urbanos que utilizam as classes sociais e as lutas de classe nos conceitos como segregação, direito à cidade e reforma urbana, afinal a origem da classe determina a situação de cada indivíduo. Porém, quando se pensa na mulher a análise é redutora, pois é colocada em um papel secundário sendo incorporada à classe social de seu pai/marido e assim, reconhecem-se condicionamentos sociais impostos pelo patriarcalismo.

Por exemplo, as dificuldades de acesso, veladas ou não, às "oportunidades sociais", as restrições que sofre na sua mobilidade com agressões explícitas ou implícitas, o uso que se faz do seu corpo como objeto de consumo sexual - tudo

isso, e muito mais, agride a todas, independente de sua origem de classe. (CALIÓ, 1997, p. 5-6).

Em contraponto a esse cenário a autora defende a necessidade de incorporar o gênero como categoria analítica da realidade social. O que traria a visibilidade das mulheres e outras releituras dos fenômenos sociais.

Assumir a categoria de gênero significa identificá-lo a partir dos vários espaços onde ele se constrói: na cidade, na família, no mercado de trabalho, nas instituições, na subjetividade... Significa também trazer à tona a relação de gênero como relação de poder – uma relação impossível de ser explicada pela biologia da mesma forma que a dominação racial.

A sociedade deve estar preocupada não só com as desigualdades sócio espaciais fruto das diferenças sociais, mas também com as relações de poder entre os gêneros, ou seja, as relações sociais entre os sexos em relação à evolução do espaço rural e urbano. (CALIÓ, 1997, p. 1)

Assim como Calió (1997), Tavares (2012) ressalta a ausência nos estudos urbanos do debate sobre as desigualdades de gênero nas cidades. A autora afirma que o tema é muito recente, “quase inédito”, pois não tem tido relevância entre pesquisadores e urbanistas. E complementa ao afirmar que no debate político acerca do direito à cidade, o discurso preponderante quando considerada a dimensão de gênero, está relacionado ao direito às políticas públicas como postos de saúde, escolas, e creches.

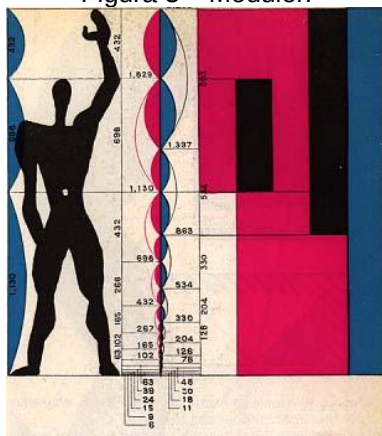
“O debate político acerca do direito à cidade e gênero é algo ainda muito inicial no Brasil, Desde o início do processo de Conferência das Cidades, a dimensão das mulheres surge na discussão sobre as cotas na representação das cadeiras dos conselhos das cidades, e sobre regularização fundiária quanto à titularidade. Esta última já incorporada em projetos de provisão habitacional de alguns municípios, como no Rio de Janeiro e no programa do governo federal “Minha Casa, Minha Vida”. A invisibilidade da perspectiva das mulheres e seu cotidiano na vida urbana também não é central nas análises sobre favelas. Surgem questões que estão no âmbito de seu papel tradicional no espaço doméstico: creches, escolas, praças para as crianças etc. Mas é o suficiente para garantir a sua autonomia?”. (TAVARES, 2012).

Ou seja, como afirma Costa (2013), o uso da rua, do bairro e da cidade pelas mulheres, ainda hoje está muito ligado ao papel de gestora do lar, isto é, a utilização das estruturas de educação, saúde, alimentação e subsistência do grupo familiar. Neste sentido, o espaço privado da casa é estendido para o público.

[...] os lugares públicos não são tão públicos assim. Na cidade [...] os lugares da mulher são o supermercado, a feira, posto de saúde, a escola das crianças, verdadeira extensão do espaço privado da casa, do lar, ou seja, o espaço público admitido para as mulheres é o “espaço expandido do lar”. (COSTA, 2013)

Para Tavares (2012), esse quadro é resultado da lógica androcêntrica que permeia o mundo profissional e a própria prática das (os) arquitetas (os) e urbanistas. Produto do enraizamento até hoje dos pressupostos modernistas que foram motivados sob a ótica de classes em detrimento as questões como etnia e gênero. O homem-tipo, o homem padrão como medida de referência como ilustra a figura 3 e a transcrição a seguir.

Figura 3 – Modulor.



Fonte: <http://www.educ.fc.ul.pt>

“Hoje, no entanto, a prática de arquitetas (os) urbanistas ainda se aproxima dos pressupostos modernistas, impulsionada especialmente pelos agentes especulativos e pelo próprio Estado. Como preconizado por Le Corbusier (1969; 1977), o princípio base da arquitetura e urbanismo modernista era racionalizar o espaço conforme um modelo de homem, o homem-tipo, o homem síntese. A própria possibilidade de constituir um padrão universal e totalizante, digamos assim, de ser humano ou urbano demonstra a predominância da concepção totalizadora modernista e a desconSIDERAÇÃO da diversidade social, cultural, geracional, étnico-racial e de gênero.” (TAVARES, 2012).

Porém, aos poucos, o cenário vai sendo modificado. Na contramão dessa visão encontra-se no Brasil três iniciativas que merecem serem citadas, o grupo “Arquitetas Invisíveis”, o blog FeminismUrbana e site Olga. O primeiro é um projeto das estudantes do Centro Acadêmico da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB que criaram o ‘Arquitetas Invisíveis’. Um projeto que visa divulgar e resgatar a memória de vinte seis arquitetas invisíveis na história da arquitetura moderna. O grupo divulga suas ações em uma rede de relacionamentos, realiza exposições e vídeos (figura 4).

Figura 4 - Arquitetas invisíveis



Fonte:

<https://www.facebook.com/arquitetasinvisiveis>

“Mulheres são como fantasmas na arquitetura moderna: presentes em todos os lugares, cruciais, mas, estranhamente, invisíveis”

Realização: CAFAU-UnB.

O segundo, uma iniciativa de Diana Helene²¹ e Rossana Tavares²², foi motivado pela ausência do debate e estudos acadêmicos sobre a temática gênero na arquitetura, urbanismo e no Planejamento Urbano. O propósito é reunir material sobre a mulher e o urbano, “textos, artigos, imagens, quadrinhos, opiniões. A ideia é juntar quem está pensando as cidades na perspectiva feminista, no Brasil e na América Latina” (figura 5).

Figura 5 - FeminismUrbana



Fonte: <https://feminismurbana.wordpress.com/>

Segundo o objetivo descrito no site, Olga “é um *think* dedicado a elevar o nível da discussão sobre feminilidade nos dias de hoje... se propõe a descobrir quem é essa nova mulher, o que ela quer hoje, e criar conexões criativas mais reais e verdadeiras”.²³ O site é uma construção coletiva de seis mulheres e liderado pela jornalista Juliana de Faria, dentre muitas iniciativas publicadas e, lideradas pelo Olga, a campanha *Chega de FiuFiu* tem principal importância devido à proximidade com o tema dessa investigação.

A campanha tem como objetivo manter vivo e frequente o debate sobre o assédio sexual nos espaços públicos. Para isso desenvolve diversas ações: (i) produção de

²¹Diana Helene Ramos - cartunista, comunicadora popular, feminista, professora de graduação (UNIGRANRIO), arquiteta e urbanista (FEC/UNICAMP), mestre em planejamento urbano e regional (FAU/USP), doutoranda em planejamento urbano e regional (IPPUR/UFRJ) orientada pela prof.^a Dra. Soraya S. Simões, com *doutorado sanduíche* na EHESS (Paris, França).

²²Rossana Brandão Tavares - educadora popular, feminista, professora de graduação (UNIGRANRIO/UFRJ), arquiteta e urbanista (EAU/UFF), especialista e mestre em planejamento urbano e regional (IPPUR/UFRJ), doutoranda em urbanismo (PROURB/UFRJ) orientada pela prof.^a Dra. Rachel Coutinho, com *doutorado sanduíche* na AgroParisTech (Paris, França).

²³ <http://thinkolga.com/about-2/>.

um documentário sobre o assédio sexual no espaço público; (ii) cartilha sobre assédio sexual criada em parceria com a Defensoria Pública de São Paulo; (iii) pesquisa sobre o assédio sexual nos espaços públicos; (iv) mapa chega de *FiuFiu*, uma ferramenta colaborativa para mapear os pontos mais críticos de violência contra mulheres no Brasil (figura 6); (v) e-book *Meu Corpo Não É Seu* é um ensaio sobre violência contra a mulher; (vi) publicações de experiências das leitoras e vítimas de assédio sexual na seção Depoimentos; (vii) cordel sobre o assédio sexual (figura 7); (viii) ilustrações, uma parceria com diversas artistas como forma de propagar a mensagem contra essa violência (figura8).

Figura 6 - Mapa Chega de FiuFiu.



Fonte: <http://chegadefiufiu.com.br/busca?city=Recife>.

Figura 7- Cordel Chega de FiuFiu.



Fonte: <http://thinkolga.com/chega-de-fiu-fiu/>.

Figura 8- Ilustração de Gabriela Shighihara para o site Olga.



Fonte: <http://thinkolga.com/chega-de-fiu-fiu/>.

Além disso, afirma Calió, “a introdução da variável "sexo" vem permitindo que se analise o lugar de mulheres e homens no urbano, mostrando como e porque cada um vive o cotidiano da cidade com diferentes lógicas temporais e espaciais de organização” (Calió, 1997, p.3 e 4). Também Dymén e Ceccato (2012), partindo de quatro estudos de casos²⁴, afirmam que o planejamento urbano tornou-se mais sensível às diferentes necessidades das mulheres. Como exemplo, eles citam as práticas de planejamento que visam à criação de ambientes urbanos mais seguros a partir da perspectiva de gênero.

Se no campo da arquitetura e urbanismo a produção sobre gênero e cidade é exígua, na geografia percebe-se um maior acúmulo de reflexões e estudos referentes à temática do olhar feminino sobre a cidade como se apresenta no próximo item.

1.3. A geografia feminista e a contribuição pra os estudos urbanos.

A geografia feminista, subcampo da geografia que foca na relação entre espaço e gênero, surge como uma reação contra o androcentrismo da geografia oficial, que colocava o homem como protagonista, excluindo as mulheres no meio geográfico. E “desde suas primeiras proposições, este subcampo tem se alimentado do movimento feminista e, ao mesmo tempo, o tem alimentado” (Oberhauser apud Ornat, 2008, p.314)²⁵.

Ornat (2008) declara que a geografia feminista nasce no contexto da segunda onda do movimento feminista, em especial nos Estados Unidos e França. As norte-americanas enfatizavam a denúncia da opressão masculina e a busca da igualdade, as feministas francesas enfocavam a necessidade de serem valorizadas as diferenças entre mulheres e homens, e assim, dando visibilidade as especificidades

²⁴Viena, na Áustria (projetos habitacionais Frauen -Werk -Stadt1 e Rosa Donaustadt) , Tampere , na Finlândia (habitação Muotiala) , Hallunda - Norsborg na Suécia (um projeto de regeneração) e em Londres, Reino Unido (o trabalho feito pelas mulheres da ONG Women's Design Service).

²⁵No Brasil, a geografia feminista ainda está aquém da importância do tema, reduzida a uma pequena publicação geográfica em periódicos e eventos. Porém, vale ressaltar o Grupo de Estudos Territoriais – GETE, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, vem dando uma grande contribuição à temática. Fazem parte desse grupo Joseli Maria da Silva e Marcio Jose Ornat, cujos trabalhos são referência neste estudo.

da experiência feminina²⁶. Esta luta trouxe as situações ou relações da esfera privada para o ambiente público, por exemplo, o trabalho doméstico não remunerado, a violência doméstica, o abuso sexual e o assédio no local de trabalho.

Dentro da pesquisa urbana, Listerborn (2002) afirma que as feministas da segunda onda partiram da teoria feminista radical para a visualização de problemas físicos espaciais em um "ambiente feito pelo homem". Além disso, começaram a exigir ações para maior segurança, pois entendiam que a falta dela era um obstáculo à livre circulação na cidade. Passa-se a discutir o medo e questões sobre uso do espaço público por quem, como, quando e a associação a diferentes tipos de espaços - em suma, sobre como espaços são tomados, usados e modificados por meio de ações cotidianas.

A mesma autora coloca que o movimento feminista da terceira onda, na década de 80, foi inspirado pelas teorias pós-estruturalistas e pós-colonial e introduz o paradigma da incerteza no campo do conhecimento, onde se observa uma intensa justaposição entre o movimento político e a academia. As reflexões propostas partem de uma mudança da prática cotidiana de questões mais abstratas, tal como representações espaciais e metáforas espaciais de uma perspectiva de gênero. O corpo passa a ser questão de pesquisa influenciando de forma significativa na geografia cultural.

Além das reflexões acerca do urbano, Ornat (2008) destaca outra contribuição importante da geografia feminista, as reflexões e proposições metodológicas que vem contribuído de forma relevante para a Geografia. Baseado em Oberhauser²⁷, o autor apresenta a diferença entre a perspectiva da pesquisa masculinista e a feminista.

[...] a pesquisa masculinista, que define quais serão os sujeitos investigados e as questões a serem colocadas, das pesquisas feministas, de caráter aberto e reflexivo da investigação, culminando na própria participação ativa dos sujeitos investigados na orientação de interrogatórios e dos termos da própria pesquisa. A

²⁶A primeira onda do movimento feminista se refere ao surgimento do movimento, entre o final do século XIX e início do século XX, caracterizado pela luta das mulheres por igualdades de direitos civis como o voto, a propriedade e a educação.

²⁷OBERHAUSER, Ann M.; RUBINOFF, Donna; BRES, Karen D.; MAINS, Susan; POPE, Cindy. Geographic Perspective on Woman. In: GAILE, Gary L.; WILLMOTT, Cort J. (Orgs). *Geography in America at the Dawn of the 21st Century*. Oxford: Oxford University Press, 2003, 820p.

autora aponta que esta perspectiva é aberta a múltiplas técnicas e métodos, apropriados aos contextos sociais e aos objetivos de investigação, como métodos quantitativos e qualitativos, etnografia, histórias de vida, entrevistas em profundidades e artes visuais.

Compreendendo que o gênero possui conectividades transversais com classe, etnia, idade e sexualidade, e que estas se colocam como estruturas dominantes das relações de poder, a metodologia feminista direciona atenção à diversidade, à reflexão crítica dos sujeitos investigados e à própria responsabilidade com estas vozes e suas vidas, pois para Oberhauser (2003), os métodos buscam tencionar o que sabemos, e mais importante, como viemos, a saber. (ORNAT, 2008, p.317).

Outro ponto importante elencado pelo autor é a enorme contribuição da geografia feminista ao incorporar a identidade ao gênero na representação social do espaço, pois auxilia na compreensão dos fenômenos envolvidos nas relações de poder, na dualidade entre espaço público e privado como o medo da mulher no espaço público.

1.4.O medo da mulher no espaço público.

É sentença corriqueira em estudos e pesquisas nacionais e internacionais que as mulheres sentem mais medo que os homens no espaço público. A pesquisa do Sistema de Indicadores de Percepção Social (SIPS) sobre segurança pública (IPEA, 2012b)²⁸, comprova que o medo está presente na vida dos brasileiros e das brasileiras, porém são elas que relatam ter mais medo. O medo delas está relacionado à sua integridade física, o assalto à mão armada e o assassinato. Os homens sentem mais medo dos crimes relacionados ao patrimônio, o arrombamento de residência (Tabela 1).

²⁸ A pesquisa referente ao Sistema de Indicadores de Percepção Social (SIPS) sobre segurança pública tem como propósito avaliar as percepções da população brasileira em relação a essa área e seus principais órgãos, as polícias militar e civil dos estados e as polícias federais. Foram entrevistados 3.799 pessoas em todo o Brasil, que responderam a quatro blocos de perguntas: (i) grau de medo em relação a serem vítimas de assalto à mão armada, assassinato, arrombamento da residência e agressão física; (ii) grau de confiança nas instituições policiais; (iii) percepção sobre a atuação das organizações policiais; (iv) aferição da percepção sobre os atendimentos realizados pela polícia, esse último bloco de perguntas foi direcionado apenas aos entrevistados que já passaram pela experiência de um contato com a polícia. O primeiro bloco de questões teve por objetivo avaliar a sensação de insegurança dos respondentes. Os entrevistados expressaram o grau de medo em relação a serem vítimas de assalto à mão armada, assassinato, arrombamento da residência e agressão física. Mesmo dotado de um alto grau de subjetividade, o fator medo é um indicador que afeta a qualidade de vida da população, influenciado, dentre outras variáveis, pela percepção do nível da ameaça de que tais eventos violentos realmente venham a ocorrer.

Tabela 1 – Diferenças da variável medo entre mulheres e homens

Tipologia de crime	Mulheres	Homens
Medo de assalto à mão armada	72,2%	50,3%
Medo de ser assassinato	71,3%	51,7%
Arrombamento de residência	70,0%	59,9%
Agressão física nas ruas	64,7%	42,3%

Fonte: Pesquisa SIPS – IPEA, 2012b. Elaboração: Lúcia Siqueira.

Nos trabalhos de urbanização de favelas e diagnósticos rápidos focados na sensação de insegurança²⁹, pôde-se constatar que em número, as mulheres sempre foram maioria, e entre as discussões das propostas urbanísticas e arquitetônicas eram colocadas subliminarmente à temática violência. O medo da violência para com elas ou com os filhos ou mesmo a simples sensação de insegurança eram limitantes de uso de espaços, acarretando em “normas” coletivas femininas de horários e locais permitidos dentro das comunidades. Tais normas refletiam nas propostas ou mesmo oposição a algumas intervenções urbanas.

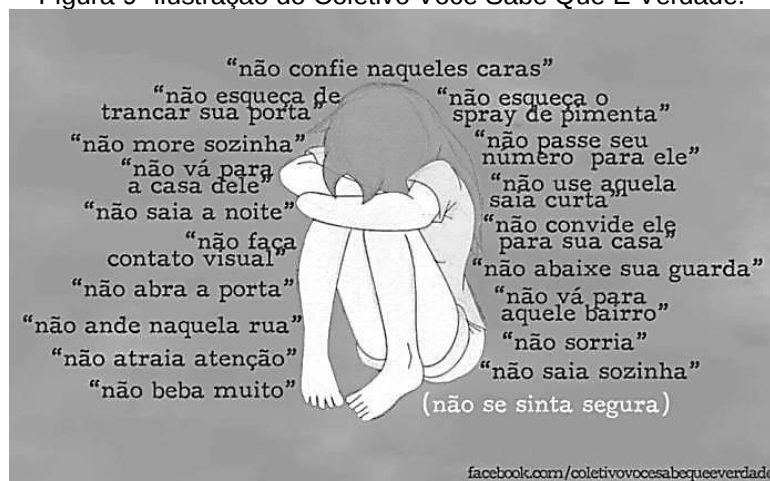
Valentine (1989) em seu trabalho *The geography of women's fear* afirma que o medo da mulher no espaço público está associado à sensação de vulnerabilidade física em relação ao homem, principalmente o medo da violência sexista. Para a autora, as mulheres aprendem a perceber o perigo de homens estranhos em espaços públicos apesar de que o risco de violação é maior em casa e por homens conhecidos.

A pesquisadora afirma que desde a infância a mulher é apresentada ao medo, exposta a “regras” que determinam um controle espacial das atividades femininas no espaço público. Transmitido pelos pais e estabelecido pela sociedade, o espaço seguro para a mulher é o espaço privado, a casa, diferente dos meninos que são

²⁹Trabalhos desenvolvidos nas cidades de Camaragibe, Recife e Salvador. Camaragibe: Projeto Melhorando a Governança Metropolitana através de Consórcios Públicos - submetida ao Programa de Intercâmbio de Conhecimentos para a Promoção da Igualdade (KEEP) entre o Brasil (Ministério das Cidades da República) e o Canadá (Agência Canadense de Desenvolvimento Internacional e Universidade de British Columbia). Recife: Diagnóstico urbano participativo de três Regiões Político Administrativas do Recife (Diretoria de Segurança Cidadã da Secretaria de Direitos Humanos e Segurança Cidadã- PCR). Salvador: Projeto de Desenvolvimento Integrado em Áreas Urbanas Carentes no Estado da Bahia.

apresentados desde cedo ao mundo público³⁰. Muitos desses conselhos remetem a ter cuidados com homens nas ruas, ou em determinados ambientes, como bem ilustra a figura 9.

Figura 9- Ilustração do Coletivo Você Sabe Que É Verdade.



Fonte:

https://www.facebook.com/coletivovocesabequeverdade/photos_stream?ref=pageinternal

Por outro lado, a experiência vivida possui um grande peso na forma de uso do espaço público. As mulheres aprendem através da experiência que é inadequado e potencialmente perigoso estar sozinha no espaço dominado por homens, especialmente à noite. Valentine (1989) complementa que, enquanto que durante o dia as mulheres identificam lugares isolados específicos como assustadores, elas expressam o medo de todos os espaços durante a noite. Isto não é só porque à noite a visibilidade é reduzida e, portanto, aumenta a possibilidade de ataque, mas devido à natureza das mudanças do espaço público, que a noite muitas vezes passa a ser dominado pelos homens. E essa dominação não se dá apenas pela apropriação numérica do espaço, mas através de um comportamento agressivo que intimida as mulheres. Como por exemplo, o assédio verbal ou físico.

A mídia reforça esta ideia do medo no espaço público, quando associa características ambientais de determinados locais aos tipos de crimes ocorridos contra mulheres. Um exemplo são as figuras que ilustram a matéria de dois

³⁰ É interessante observar as mensagens transmitidas pelos brinquedos estabelecidos pela sociedade como de menina e menino. Os de menina, a boneca, a panelinha e os de meninos a bola e o carro. Os dela remetem a casa, ao espaço privado; os deles, a rua, ao espaço público.

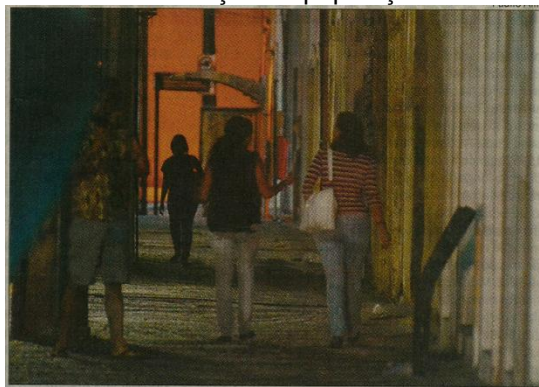
diferentes meio de comunicação sobre a pesquisa Cidade Segura para as mulheres da ActionAid Brasil (figuras 10 e 11).

Figura 10- Modelo de local e situação perigosa para a mulher no espaço público.



Fonte: Revista Carta Capital.

Figura 11- Falta de luz adequada nas ruas é entrave à locomoção da população feminina.



Fonte: Jornal Folha de Pernambuco (18/09/14)

Além disso, transferem parte da culpa para as vítimas. Em seu trabalho, Valentine (1989) relata o assassinato de uma mulher encontrada morta em um compartimento de trem vazio. Segundo a autora, a mídia, ao divulgar a notícia, enfatizou que a mulher estava em um espaço público isolado longe da proteção dos outros. Tanto a polícia quanto a mídia deram a entender que a vítima era em certo grau responsável pelo seu próprio destino, quando se colocou em tal situação. A mensagem que aquela mulher estava em um local perigoso ou inadequado quando foi atacada cria imagens mentais de lugares onde homens estranhos podem abordá-las.

A autora considera que a junção entre a experiência vivida e as informações secundárias leva à associação da violência masculina a certos contextos ambientais, produzindo assim “modelos” de lugares perigosos para as mulheres.

Como resposta, estas desenvolvem mapas mentais que orientam os caminhos e locais que elas podem ou não evitar, restringindo assim o seu acesso à cidade. É uma espécie de negociação do uso do espaço público. Muitos dos roteiros e destinos aparentemente naturais escolhidos pelas mulheres são na verdade “estratégias de enfrentamento” que elas adotam para se manter seguras (Valentine, 1989).

Nos locais não familiares como o centro de uma cidade, a leitura sobre o espaço seguro ou inseguro também é influenciada pela renda, estilo de vida e etnia. Na sua pesquisa a autora constatou que mulheres brancas e de classe média têm uma imagem perigosa de áreas habitadas predominantemente por populações afro-caribenhas, devido a uma suposição racista sobre a natureza violenta dos homens negros. Por outro lado, aponta a autora, as moradoras dessas áreas se sentem mais seguras do que as mulheres brancas de classe média na sua área de moradia.

A imagem de uma área perigosa nem sempre significa que nesta área ocorrem mais crimes. No caso das mulheres, a literatura coloca que elas são mais propensas a sofrerem violência no espaço privado e por pessoas conhecidas do que no espaço público com desconhecidos. Esta construção ilustra o conflito entre o que Valentine (1989) denominou de geografia do medo e a geografia do crime.

Tal autora alega que a incapacidade da mulher para desfrutar da independência e liberdade para se movimentar com segurança no espaço público reforça a ideia do espaço heterossexual de gênero, o que a leva a buscar a proteção da figura masculina (o pai, irmão, namorado e marido). A maioria das mulheres ainda adota um papel tradicional de gênero que reforça o ciclo de medo. Esse aspecto cria assim, um subsistema em que a dominação masculina é mantida e perpetuada. O uso inibido do espaço público pela mulher é uma expressão do patriarcado.

Pain (2000) corrobora com os argumentos de Valentine e acrescenta que as relações sociais que operam em espaços particulares e os lugares estão mais ligados ao medo do crime do que o caráter físico particular dos ambientes. E assim, introduz a questão do medo e a identidade e exclusão social e espacial.

Para autora, as evidências mostram que existem crimes violentos que são específicos para determinado gênero, idade e grupo étnico. É a violência discriminatória como alvo de questões sociais e/ou identidade política. Pain argumenta que existe a possibilidade de múltiplas identidades e posicionamentos em relação à violência e o medo. Os indivíduos podem ocupar diferentes posições de sujeito, ao mesmo tempo em que sofre influência de acordo com o contexto social e espacial.

A autora resume que o impacto do medo do crime não é apenas sobre as liberdades individuais e as atividades, mas também é focado fortemente em determinados grupos sociais em determinados lugares, que frequentemente reafirmam a exclusão social.

Publicações e pesquisas produzidas por organizações internacionais como da ActionAid reforçam o argumento que o medo da mulher no espaço público está também ligado à presença masculina, embora esse ponto seja apresentado de forma tímida e exaltada às questões ligada as características ambientais e temporalidade.

A pesquisa a Cidades Seguras para Mulheres, publicada em setembro de 2014 pela ActionAid Brasil³¹, expõe relatos que reafirmam o argumento de Valentine sobre a dualidade da presença masculina (ora agressor, ora protetor), para ilustrar o cenário transcreve-se abaixo o depoimento de Scarlet Raysa.

Já aconteceu duas vezes de um carro me seguir. Em uma delas, era de noite e o carro parou no caminho que eu faço da escola para casa, quando desço do ônibus. Eu estava com uma colega e, quando a gente foi se aproximando, ele foi dando ré. Nós voltamos. E aí ele parou de novo. Nós ligamos para o irmão dela e ele foi nos buscar. A segunda vez foi durante o dia, era perto das 13h. O motorista do carro passou e começou a falar um monte de coisas, buzinou e foi me acompanhando com o carro. Eu comecei apressar o passo, ate que outro homem se aproximou e perguntou se eu estava tendo algum problema. O carro acelerou e foi embora". Lembra a adolescente os casos ocorridos em 2012. Ela completa: "Na primeira vez que aconteceu, eu fiquei uma semana sem ir para a escola, com medo. Na última, fiquei dez dias".

"Scarlet estuda à tarde e chega da aula por volta das 18h. quando passa um pouco mais do horário, o primo vai busca-la." (ACTIONAID BRASIL, 2014).

A pesquisa também corrobora com o argumento de temporalidade de Valentine, o medo de transitar nos espaços públicos à noite é constante nos depoimentos publicados. O que traz consequências desastrosas para a vida dessas mulheres. Segundo Ana Paula Ferreira, coordenadora da equipe do programa Direito das Mulheres da ActionAid Brasil, "... Muitas (mulheres) que precisam trabalhar optam

³¹ Participaram da pesquisa 306 mulheres de seis comunidades dos estados de Pernambuco (Charnequinha – Cabo de Santo Agostinho, Passarinho – Recife e Ibura – Recife), Rio Grande do Norte (Upanema), São Paulo (Hilópolis) e Rio de Janeiro (Maré).

por não estudar, porque alegam não poder chegar em casa de noite, por conta da escuridão e dos riscos que ela envolve. O que compromete totalmente a sua vida”³².

Figura 12- Resultados da pesquisa Cidades Seguras para as Mulheres.

DESPROTEGIDAS

Pesquisa com mulheres em quatro estados

73,9%

já desviaram o caminho porque a rua é escura

98%

acham que boa iluminação dá mais segurança

79,4%

acham que ruas e praças não são seguras para meninas e mulheres

49%

dizem que o trajeto para a escola não é seguro

53,3%

acham que a má qualidade dos serviços públicos aumenta casos de estupro, assalto ou assédio

40,8%

acham que a má qualidade dos serviços públicos limita seu direito de ir e vir

70,6%

já deixaram de sair de casa em determinado horário

Fonte: Action Aid

Fonte:

<http://www.cartacapital.com.br/revista/812/a-propria-sorte-3331.html>

Na pesquisa citada, o ponto que recebeu maior destaque na mídia foram os fatores físicos apontados pelas mulheres como importante na construção do medo no espaço público e consequente restrição do seu uso. A ausência ou precariedade da iluminação como um elemento foi o mais mencionado, como mostra a figura 12, um panorama das respostas das mulheres nos quatro estados participantes da pesquisa.

Quando é recortado o estado de Pernambuco, 98% das mulheres que participaram da pesquisa no município do Cabo de Santo Agostinho declaram ter mudado o trajeto por conta da escuridão nas ruas alguma vez na vida, sendo que 54% delas ainda o fazem com frequência. Mais de um terço das participantes afirmaram que a insegurança pode ser minimizada com a ampliação da iluminação das ruas. Seguido da criminalização do assédio sofrido na rua, mudança de comportamento dos homens e redução dos intervalos entre os ônibus (tabela 3).

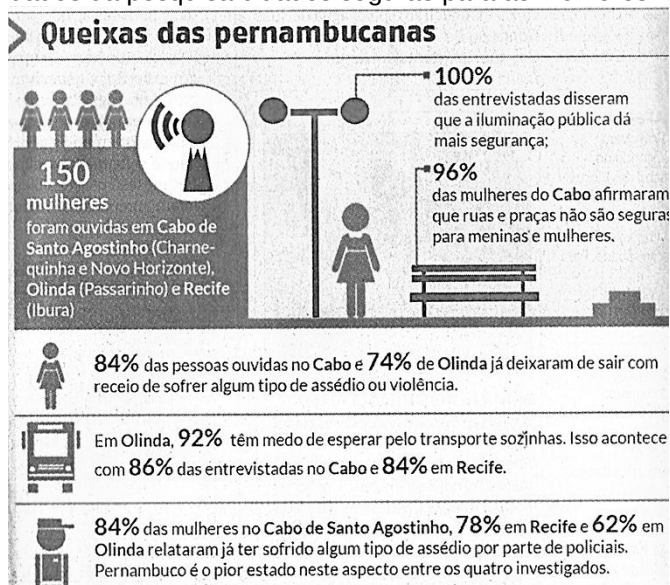
Tabela 2 - Sugestões para aumentar a segurança das mulheres no espaço público.

Sugestões para aumentar a segurança das mulheres no espaço público	%
Aumentar a iluminação das ruas	37,3
Criminalizar o assédio sofrido na rua	34,0
Mudar o comportamento dos homens	26,8
Reduzir intervalos entre os ônibus	23,9

Fonte: Adaptação ACTIONAID BRASIL, 2014.

³² Folha de Pernambuco. Caderno Cotidiano. ILUMINAÇÃO PRECÁRIA AMEAÇA SEGURANÇA DE MULHERES NA RMR: Infraestrutura falha é um estímulo à violência. Pernambuco, 18 set. 2014.

Figura 13- Queixas das pernambucanas, segundo os dados da pesquisa cidades seguras para as mulheres.



Fonte: ActonAid. Editoria de Arte/Folha PE.

O infográfico (fig.13) elaborado pelo Jornal Folha de Pernambuco sobre a pesquisa aponta ainda, para além da iluminação e da restrição das saídas noturnas, mais dois pontos: o assédio sofrido por profissionais de segurança e o medo nas ruas, praças e paradas de ônibus. Esse último elemento levanta um questionamento: o espaço e suas características ambientais também não influenciam no medo da mulher no espaço público?

1.5.A busca da segurança e suas características ambientais

O foco nas características ambientais e sua relação com o medo do crime no espaço público não é recente. A crença na relação entre as configurações físico-espaciais e a ocorrência de determinados delitos, teve como marco inicial a Escola de Chicago, na década de 20. Segundo Souza e Compans (2009), a Escola traz uma nova reflexão sobre o papel do espaço no comportamento psicossocial dos indivíduos e da coletividade.

A aproximação arquitetônica, especialmente a referida a problemas de segurança residencial, se organizou em torno do suporte explícito ou implícito de que o reordenamento das formas espaciais modifica o comportamento e as estruturas sociais. (SEPÚLVEDA apud SOUZA e COMPANS,2009)

Na década de 60 ocorreu uma mudança no foco na análise da criminalidade e o local do crime passou a ter atenção especial na busca dos eventos criminais. Barros (2012, p.84) coloca que “a localização do crime surge como um elemento de primária importância na avaliação da criminalidade, como também na busca de formas de prevenção do crime, que tem no planejamento urbano, na arquitetura e análise dos espaços, outra maneira de trabalhar.” Assim, as teorias sobre a

manipulação do espaço como forma de prevenir e/ou reduzir a criminalidade e a sensação de insegurança originou teorias, estudos e intervenções.

Rau (2003) aponta quatro as linhas de teorias que dão suporte a relação do espaço aos problemas locais de delinquência: (i) *Os olhos da rua*, Jane Jacobs; (ii) *O espaço defensável*, Oscar Newman; (iii) *Sintaxe Espacial*; Bill Hillier; (iv) *Prevenção do crime através do desenho ambiental*, Ray Jeffery. Em todas elas o recorte de gênero não está presente, embora existam estudos e tenham sido aplicados seus conceitos em planos e projetos urbanos, a produção é pequena e pontual como será visto a seguir.

(i) Os olhos da rua, Jane Jacobs.

O livro *Morte e Vida de Grandes Cidades Americanas* de Jane Jacobs (2000) é um marco referencial que influenciou diversos estudiosos do tema até hoje. Publicado na década de 60, a obra relaciona à segurança a presença de pessoas e a variedade de usos no espaço público.

Jacobs (2000) apresenta o argumento de que a segurança em uma rua está relacionada à capacidade de infraestrutura que esta possui para receber desconhecidos. A presença de pessoas deve ser garantida, independente de horário, e para isso ela deve comportar diversos usos que favoreçam a utilização da rua em horários distintos do dia, garantindo o tráfego permanente de pessoas. Assim, elege três princípios para uma rua segura: a existência de olhos da rua, a presença de elementos atrativos e a garantia de diversidade de usos. O quadro 1, elaborado por Barros (2012) em sua tese, apresenta e define essas propriedades.

Quadro 1 - Princípios de uma teoria de espaços seguros.

Princípios	Detalhes
Olhos da rua	São necessários “olhos” para vigiar a rua, ou seja, as edificações não devem estar de costas para a rua, oferecendo janelas e portas de acesso voltadas para as calçadas. Estas, por sua vez, devem permitir a visão e controle dos proprietários naturais do lugar. Esta qualidade gerou uma série de políticas posteriores denominadas vigilância dos bairros. Os programas chamados de “ <i>neighborhoodwatch</i> ” incentivavam os moradores a manter visão das janelas, além de estabelecer ligações estreitas com a polícia, relatando fatos estranhos e acontecimentos no bairro, que poderiam levar a criminalidade.

Princípios	Detalhes
Elementos atrativos	A rua deve oferecer atrativos, como a presença de lojas, bares, restaurantes e espaços para o convívio ao longo das calçadas. Alguns desses atrativos devem abrir em horários diferentes para gerar diversidade e co-presença. Assim, o uso do lugar se torna mais diverso e os transeuntes e moradores sentem-se mais seguros.
Diversidade	Existem dois tipos diferentes de diversidade: os de usos principais, que são aqueles que por si só atraem as pessoas a lugar específico funcionando como âncora. Ex: escritórios e fábricas, moradias, alguns lugares de diversão, educação e recreação. O outro tipo de diversidade é a derivada, que é um termo que se aplica aos empreendimentos que surgem em consequência da presença de usos principais, a fim de servir as pessoas atraídas pelos usos principais. As ruas e os bairros que possuem boa combinação de usos principais e tem êxito na geração da diversidade possuem maior probabilidade de obterem êxito também em outras áreas, inclusive nas mais sinistras.

Fonte: Barros (2012, págs. 85, 86).

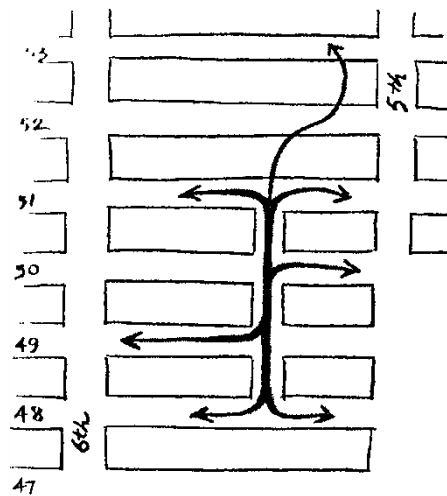
Vale salientar ainda três pontos abordados por Jacobs (2000): a questão da iluminação, da existência de uma rede intrincada e de quadras curtas. Para a autora a iluminação é importante, porém não é o principal determinante para a concretização de um ato violento. Ela traz conforto para as pessoas que andam nas ruas, pois proporciona a “multiplicação dos olhos”, mas de nada adiantará se não existir pessoas trafegando nelas.

[...] as luzes não tem efeito algum se não houver olhos e não existir no cérebro por trás dos olhos a quase inconsciente reconfirmação do apoio geral na rua para a preservação da civilidade. Quando não há olhos atentos, podem ocorrer crimes horrendos em público, e ocorrem nas bem iluminadas estações de metrô. (JACOBS, 2000, p.43)

O estabelecimento da paz urbana não dever ser determinado pela presença de policiamento e sim pela presença de uma rede intrincada. Esta, segundo Jacobs é formada por um controle e padrões de comportamento espontâneos adquiridos quase que inconscientemente pelas pessoas e aplicados por elas.

A autora também coloca que a maioria das quadras deve ser curta; “ou seja, as ruas e as oportunidades de virar esquinas dever ser frequentes”(Jacobs, 2000, p. 197). O que propicia uma rica articulação entre os usos e usuários do bairro, como ilustra a figura 14.

Figura 14- Condição para diversidade urbana, quadras curtas.



Fonte: Jacobs (2000, p.201).

(ii) **O espaço defensável, Oscar Newman.**

O *Defensible Space* foi criado por Oscar Newman, arquiteto urbanista que ficou conhecido por suas intervenções urbanísticas em comunidades norte-americanas visando à prevenção contra o crime. O conceito teve origem do questionamento em relação à sensação de insegurança de dois conjuntos residenciais em St. Louis, Pruitt-Igoe (considerado inseguro) e Carr Square Village (considerado seguro).

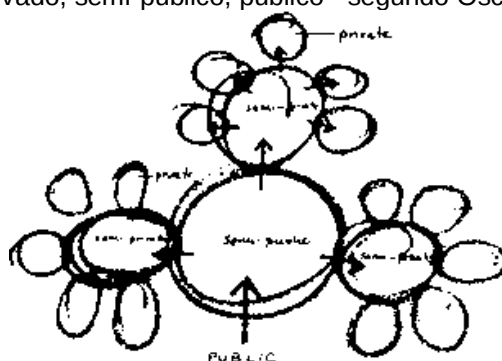
A partir de suas observações, o arquiteto concluiu que o motivo para a sensação de insegurança em Pruitt-Igoe residia na ausência do controle dos espaços coletivos pelos moradores. O argumento de Newman se baseou no número de famílias que compartilhavam esse espaço e exemplificou: no Carr Square Village, o acesso para as residências era compartilhado apenas por duas famílias; já no Pruitt-Igoe, os corredores, acessos aos apartamentos eram compartilhados por 20 famílias e os salões de entrada, elevadores e degraus, por 150 famílias, o que não poderia evocar um sentimento de identidade ou controle, levando esses lugares a serem mais favoráveis a atos violentos.

Partindo para uma escala maior, o arquiteto observou o comportamento das taxas de criminalidade de alguns bairros de St. Louis e identificou nas formas das ruas uma das causas de diferentes taxas de criminalidade. Para Newman as ruas

abertas, de livre trânsito, eram mais propensas à ocorrência de criminalidade de que as ruas fechadas onde o acesso era mais restrito. Segundo ele, isso se devia ao sentimento de vigilância, os estranhos que adentravam nessas ruas sentiam que suas ações estavam sendo vigiadas e isso, inibiria o ato criminoso.

Esse controle dos moradores sob as áreas compartilhadas e/ou públicas poderia ser conseguido através do desenho urbano com a hierarquização de domínios territoriais estabelecidos entre o público e o privado, a delimitação rígida entre os territórios, como mostra a figura 15.

Figura 15 - Esquema da graduação do espaço privado, semi-privado, semi-público, público - segundo Oscar Newman.



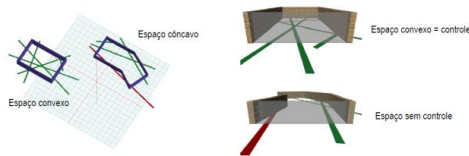
Fonte: Oscar Newman, 1972.

O *Defensible Space* foi amplamente difundido e aplicado nos Estados Unidos e nos países da Europa, porém posteriormente a teoria recebeu inúmeras críticas, dentre elas, como cita Barros (2012), o controle por parte dos moradores poderia resultar na segregação e isolamento, além de colocar os estranhos como inimigos em potencial.

(iii) *Sintaxe Espacial*; Bill Hillier.

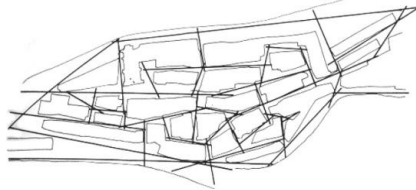
Os estudos da sintaxe espacial tiveram início nos anos 70 com os textos de Hillier e Leaman. A expressão “sintaxe espacial”, segundo Holanda (2002), estreou em 1976 em um texto de Hillier, “Space Syntax”. Porém, só em 1984, a teoria da Lógica Social do Espaço foi apresentada por Bill Hillier e Julianne Hanson, através do livro *The Social Logic of Space*.

Figura 16 - Sintaxe Espacial: representação e decomposição da forma urbana.



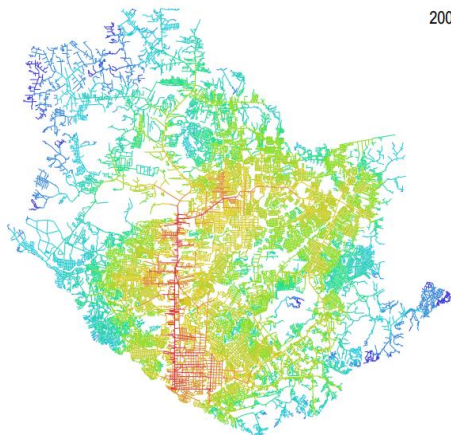
Fonte: Space Syntax, lendo e medindo a cidade

Figura 17 - Mapa axial.



(<http://urbanismo.arq.br/metropolis/wp-content/uploads/2009/09/Lendo-e-Medindo-a-Cidade.pdf>)

Figura 18- Malha viária de Manaus representada por meio de mapas axiais.



Fonte: Adaptado de SUDÉRIO e MEDEIROS (2009) em <http://eventos.letras.up.pt/ivslbch/comunicacoes/37.pdf>

A Sintaxe Espacial tem o intuito de estabelecer uma relação entre a estrutura espacial (cidades ou edificações) e a estrutura social (indivíduo ou grupo). É um método de análise e descrição espacial que leva em consideração as características da estrutura espacial. A base da análise é centrada no “espaço convexo”, que é porção de espaço que possibilita a co-presença (espaço onde pessoas e coisas estão no mesmo campo visual) e a co-ciência (relação direta de visibilidade e de acessibilidade), figura 16.

O mapa axial é um modelo que representa o sistema viário (no caso de cidades) ou as circulações (nos casos de edifícios) através de linhas axiais (Figura 17)

A partir do mapa axial é possível gerar o mapa sintático (figura 18), o resultado gráfico do processamento do mapa axial e dos cálculos de seu grafo, através de suas cores cada linha expressa a sua

integração ou segregação em relação ao todo vermelho - linhas mais rasas ou integradas e o azul para as mais profundas ou segregadas).

Hillier (1988), em seu texto *Against Enclosure*, critica os espaços fechados, a ideia de fechamento-repetição-hierarquia que se tornou, segundo ele, em determinado momento de nosso passado recente, uma espécie de estilo internacional do desenho urbano. O autor assegura que os espaços fechados não são a resposta

para o problema urbano, mas o problema em si mesmo. Seu uso indiscriminado pode criar espaços fragmentários, ininteligíveis e subutilizados que podem aumentar a vulnerabilidade destes espaços a certos tipos de crimes.

Para o autor, quanto maior a presença natural de pessoas, mais o espaço será vigiado naturalmente. Quanto mais o espaço for integrado, movimentado, menor será a potencialidade da ocorrência do ato criminoso. Quanto mais segregado mais favorável para se questionar a presença de estranhos. Mas isso está associado com o sentir-se mais inseguro. Ninguém sente a necessidade de questionar estranhos passando numa rua. Ao contrário, sua presença natural aumenta o sentido de segurança.

(iv) A prevenção do crime através do desenho ambiental.

A expressão *Crime Prevention Through Environmental Design* – CPTED foi cunhada pela primeira vez pelo criminologista e pesquisador da *Florida State University*, Ray Jeffery em 1971. Segundo Souza e Compans (2009), a obra de Jeffery foi um marco na forma de pensar acerca do comportamento antissocial e criminoso. Porém, a obra foi ofuscada durante uma década pelo *Defensible Space* de Newman. Segundo Barros (2012), tanto Jeffery como Newman construíram suas obras a partir das ideias de Elizabeth Wood, Jane Jacobs e Scholmo Angel.

Wood, na década de 60, estabeleceu diretriz quanto à segurança na cidade enfatizando características de desenho que serviam de base à vigilância natural. Angel, em 1968, constatou que “o ambiente físico poderia exercer influência direta sobre o crime a partir da demarcação de territórios, aumento ou redução de acessibilidade através da criação ou supressão de limites e redes de circulação e possibilidade de controle pela população e pela polícia” (BARROS, 2012, p. 90).

Rau (2003) define o CPTED como um conjunto de estratégias de aplicação prática de prevenção contra o crime que busca reduzir as oportunidades de delito de

oportunidade³³ bem como a redução do medo da comunidade aumentado a coesão comunitária. Para a autora o CPTED tem como base a Teoria da Decisão Racional, que explica que a ocorrência do ato delitivo está relacionada a análise de custo-benefício feita pelo infrator. Esta leva em consideração três variáveis ambientais: a situação favorável, uma vítima vulnerável e sua motivação (Figura 19).

Figura 19- Elementos presentes na ocorrência de um delito.



Fonte: Rau (2003)

Assim como Newman, a obra de Jeffery também recebeu inúmeras críticas que levaram a reflexão de alguns teóricos e a evolução do CPTED. Barros (ano) assegura que na década de 80 surgiram novas teorias ou literaturas. Em 1981, Brantigham & Brantigham afirmaram que para a ocorrência do crime era necessário à atuação simultânea de quatro dimensões: a lei, o agressor, a vítima e o espaço. Um ano depois, Wilson e Kelling acrescentaram à manutenção/conservação da propriedade às estratégias CPTED, ao apresentaram a Teoria das Janelas Quebradas (The Broken Windows) onde exploraram o impacto da deterioração dos bairros sobre o componente de seus residentes. Clarke & Mayhew (ano), ainda na década de 80, desenvolveram a abordagem de prevenção ao crime situacional, que pregava a redução de oportunidade a partir de melhorias no desenho e gerenciamento do ambiente.

³³ Delito de oportunidade são os delitos cometidos devido à existência de variáveis contextuais que facilitam sua prática, diminuindo o esforço e o risco de sanção que os infratores correm ou aumentando a recompensa obtida ao cometer o fato.

A incorporação de princípios dessas teorias fez surgir a chamada segunda geração CPTED³⁴. Para Rau a primeira geração tem como marco a obra de Jeffery, composta por quatro conceitos: controle natural dos acessos, vigilância natural, manutenção e reforço territorial. A segunda geração incorpora tanto os aspectos físicos como sociais do ambiente e assim, oferece a possibilidade de um novo enfoque: a construção de comunidades que bebe do legado de Jane Jacobs. Para a autora à segunda geração são acrescentados aos primeiros princípios do CPTED mais quatro novas categorias, como mostra o quadro 2.

Quadro 2 - Princípios CPTED.

Geração	Princípios	Detalhes
Primeira geração	Promover a vigilância natural	É essencial promover a possibilidade de ver e ser visto para criar ou manter um espaço seguro. A alta visibilidade de um lugar faz com que os usuários o possam controlar melhor e diminui a possibilidade de que ocorram crimes de oportunidade.
	Estimular o controle natural dos acessos	Por meio de estratégias de projeto, visa a incentivar o controle social sobre os acessos a um determinado espaço.
	Estimular a confiança e a colaboração entre os moradores	O reforço e a confiança mútua e o sentimento dos moradores de pertencerem ao seu entorno, estimulam o controle social exercido sobre um determinado setor, contribuindo para gerar seu cuidado e uso adequado.
Segunda geração	Reforçar a identidade com o espaço público	Uma estratégia que reforça a identidade com o espaço público envolve a comunidade em sua recuperação e projeto e esta passa a senti-lo como próprio, se apodera dele e o cuida. O desenho desses lugares com participação cidadã é uma condição essencial para a comunidade, porque ajuda as pessoas a se conhecerem e aprofunda os laços comunitários.
	Planejar em menor escala	O tamanho de um conjunto urbano pode afetar a sensação de segurança de seus usuários. Em conjuntos de grande porte é difícil estabelecer laços comunitários profundos. Em uma escala menor, o cidadão sente que pode controlar seu espaço, que corresponde a seu tamanho pessoal, porém não deve ser esquecida a relação desse espaço com a escala maior.
	Estimular a participação e a responsabilidade da comunidade	Implica que os moradores participem ativamente da vida social de uma comunidade.
	Administrar adequadamente os espaços públicos	Definir formas de gestão de um espaço novo ou recuperado, que estabeleça programas municipais de manutenção e atividades comunitárias, é vital para que uma estratégia de prevenção seja sustentável e estimule o encontro e o uso coletivo de tal espaço.

Fonte adaptada: Dias, Siqueira e Maranhão (2004), p. 13.

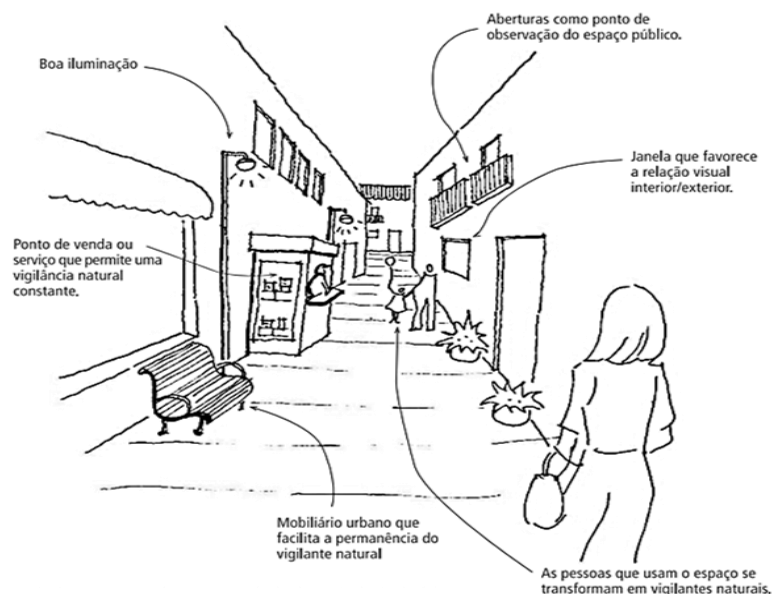
³⁴O marco do início dessa segunda geração ocorre na década de 90, com a publicação da obra de Timmothy Crowe e a primeira Conferência Anual do CPTED.

Fernandes (2007, p56) coloca que a nova geração do CPTED considera tanto os aspectos físicos como os sociais, “as suas estratégias desenvolvem soluções compatíveis com uma concepção do espaço físico que atenda às necessidades (físicas, sociais e psicológicas) dos utilizadores desse espaço, bem como às atividades que aí se irão desenvolver e ainda à previsão dos comportamentos dos utilizadores legítimos ou dos potenciais criminosos”.

Apesar das críticas, o CPTED vem sendo incorporado a planos, projetos e iniciativas governamentais no mundo todo. No Brasil, a utilização do desenho urbano como forma de prevenção a violência vem ganhando espaço. A inclusão do tema no Pacto pela Vida – Plano Estadual de Segurança Pública de Pernambuco, Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronasci) e intervenções urbanas como no projeto Dias Melhores na Bahia são exemplos.

Em 2004 foi elaborado o manual Espaços Urbanos Seguros (SANTOS, SIQUEIRA e MARANHÃO, 2004), baseado no manual chileno homônimo, o documento apresentava recomendações de projetos e de participação comunitária. O capítulo sobre recomendações de projetos abrange quatro itens: a edificação (mais precisamente a relação da edificação com o espaço público), o espaço de transição (os jardins), os limites (referente aos muros dos lotes) e espaços públicos e elementos urbanos. Em regra geral, as sugestões pretendem estabelecer o máximo um contato visual entre o público (lote) e o privado (rua); dotar os espaços públicos de elementos que favorecem a vigilância natural com áreas de permanência, diversidade de uso e atividades e manutenção adequada (figura 20). O quadro 3 apresenta algumas dos problemas encontrados no espaço público que podem vir a tornar um espaço inseguro.

Figura 20 – Exemplo de análise em uma rua que incorpora os conceitos de CPTED.



Fonte: Dias, Siqueira e Maranhão (2004, p. 18).

Quadro 3 – Recomendações para espaços e elementos urbanos do Manual Espaços Urbanos Seguros.

Itens	Problemas
Áreas de convívio e circulação.	▪ Pouca presença natural de pessoas, especialmente à noite. ▪ Iluminação mal distribuída ou com pouca manutenção, pouco uniforme e com bolsões de escuridão. ▪ Pontos de controle visual dentro da praça ou parque que impedem ver e ser visto. ▪ Falta de sinalização adequada para compreender as atividades e a circulação dentro da área verde. ▪ Vegetação com pouca manutenção que bloqueia o campo de visão. ▪ Calçadas irregulares, com obstáculos e materiais de piso inadequados e sem manutenção. ▪ Vegetação inadequada (com raízes) que danifica o pavimento e prejudica a circulação.
Mobiliário urbano – bancas de revista	▪ Bancas mal iluminadas e mal localizadas obstruem a circulação, o campo de visão e/ou criam locais que podem servir como esconderijos.
Mobiliário urbano – iluminação	▪ Luminárias mal distribuídas que criam bolsões de escuridão e não iluminam os espaços onde são exercidas algumas atividades. ▪ Luminárias com pouca intensidade e que não permitem distinguir nitidamente as feições de uma pessoa que se aproxima de frente a uma distancia de 15 m (distancia média estabelecida para que alguém possa reagir diante de uma percepção de perigo³⁵). ▪ Iluminação bloqueada pela vegetação ▪ Luminária sem manutenção.

³⁵ Distância estabelecida pelo Manual Espacios Urbanos Seguros do Chile.

Itens	Problemas
Mobiliário urbano – bancos	▪ Bancos mal situados que podem obstruir a circulação ou localizados em áreas que possibilitam vigiar e ser vigiado. Pouca resistência ao uso e à deterioração.
Mobiliário urbano – lixeiras	▪ Lixeiras cheias e/ou danificadas contribuem com a deterioração do espaço público. ▪ Lixeiras mal localizadas podem obstruir a circulação e dificultar o seu uso.
Mobiliário urbano – pontos de ônibus/taxis	▪ Pontos mal iluminados e situados em lugares com pouco controle visual. ▪ Pontos mal localizados que impedem uma boa circulação em seu perímetro. ▪ Pontos sem sinalização das linhas de transportes oferecidas.
Perfis de rua (usos)	▪ Pouca ou nula relação interior/exterior entre o prédio e o espaço público. ▪ Vulnerabilidade de porta e janelas. ▪ Fachadas pouco iluminadas que provocam bolsões de escuridão. ▪ Falta de mobiliário urbano que permita o pedestre se sentir e agir como vigilante natural. ▪ Em alguns horários há pouca presença de pessoas. ▪ Falta de atividades permanentes no espaço público adjacente ao edifício para gerar a presença natural de pessoas.

Fonte: Dias, Siqueira e Maranhão (200), p. 34).

O capítulo referente à participação comunitária apresenta ferramentas metodológicas que visam uma participação da população nos projetos de prevenção ao crime mediante o planejamento dos espaços urbanos. São apresentados sete itens: (i) constituição da equipe de gestão, (ii) convocação, (iii) diagnóstico participativo, (iv) tomada de decisão, (v) projeto e planejamento da solução, (vi) execução, (vii) avaliação. Dentre os instrumentos apresentados no item iii, a caminhada exploratória ou auditoria de segurança, é uma ferramenta que vem sendo aplicada em várias experiências locais como apresentado no item a seguir.

1.6.A busca da segurança para a mulher

Em todo o mundo mulheres estão tomando consciência dos problemas espaço-temporais impostos pela organização da cidade e ressentidos na sua vida cotidiana, inventando práticas de apropriação e de autogestão do espaço, demonstrando publicamente sua existência. Desse modo, elas politizam o cotidiano das relações entre os sexos, articulam uma série de demandas e as impõem as instâncias políticas. (CALIÓ, 1997, p.7)

Como dito anteriormente, Dymén e Ceccato (2012) afirmam que o planejamento urbano tornou-se mais sensível às diferentes necessidades das mulheres. Como

exemplo, eles citam as práticas de planejamento que visam à criação de ambientes urbanos mais seguros a partir da perspectiva de gênero.

Por outro lado, os autores admitem a dificuldade de adotar uma única perspectiva de gênero no planejamento urbano, pois tanto a segurança como o gênero são influenciados pela cultura de uma sociedade. Para Pain (2000), os papéis definidos para as mulheres e os homens em uma sociedade são afetados por contextos sociais mais amplos (exemplo renda, etnia), do mesmo modo, a ideia de segurança é construída de forma diversa por pessoas diferentes que por sua vez são influenciados por outras questões como sexo e idade.

A década de 80 marca o início da atenção para ações que abordavam a segurança das mulheres em espaços públicos³⁶. Um dos exemplos referência para ONU Habitat é *Community Safety Audit Process* ou *Women's Safety Audit*, desenvolvido *Metropolitan Action Committee on Violence Against Women and Children* (METRAC) em Toronto, Canadá, em 1989³⁷. A auditoria de segurança é uma ferramenta para avaliar os ambientes urbanos, normalmente aplicada por grupos de usuários de um determinado espaço que se sentem mais vulneráveis à violência, onde são identificadas as características ambientais que transmitem a sensação de insegurança. A ferramenta foi adaptada e usada em todo o mundo desde a sua concepção, inclusive no Brasil com a denominação de caminhada exploratória.

Atualmente a ONU Mulheres vem desenvolvendo ações na América Latina que utilizam instrumentos de diagnóstico e investigação do CPTED como ponto de partida para a discussão do acesso à cidade pelas mulheres e a relação com a sensação de insegurança. Em Pernambuco, a ActionAid e a Prefeitura do Recife ³⁸ vêm utilizando a auditoria de segurança. Mais do que um diagnóstico sobre os pontos vulneráveis de uma comunidade, a auditoria de segurança vem proporcionando um reconhecimento do bairro/comunidade e a transposição de limites impostos pela violência local. Assim, a metodologia empodera e capacita as

³⁶ UN-Habitat, 2008d ; Jarvis et al, 2009, apud. United Nations Human Settlements Programme (2012), pag. 18.

³⁷ A ferramenta de auditoria de segurança desde então tem sido declarada pela ONU (2008 e 2013) como uma boa prática.

³⁸ Uma ação do Pacto Pela Vida do Recife como forma de incorporar a questão de gênero e as necessidades das mulheres no espaço público.

mulheres para um diálogo qualificado com o poder público na busca por melhorias de infraestrutura de sua comunidade.

1.7. Síntese do arcabouço teórico

A literatura estudada apresenta dois focos de abordagem, as questões ligadas ao social e questões relacionadas ao espaço. Elementos físicos e sociais podem gerar e/ou intensificar o medo da mulher no espaço público. Pesquisas desenvolvidas nas últimas décadas do século passado demonstram a condição da mulher diante dos limites que o medo impõe.

Valentine (1989) defende que as características ambientais parecem não ser um dos principais motivos para o medo da mulher no espaço público, mais sim, os aspectos culturais, por exemplo, de como o medo reproduz as noções tradicionais sobre o papel da mulher e dos lugares considerados adequados para elas nas cidades. Segundo a autora, desde pequenas as mulheres são apresentadas a esses limites através “normas” que constroem e fortalecem esses limites.

A ideia de vulnerabilidade física, a presença intimidadora que alguns homens adotam e o crime sexista são pontos importantes que influenciam no uso do espaço público pela mulher. Pain (2000) aprofunda mais a questão ao afirmar que o medo não é igual para todas as mulheres. Questões como idade, renda e etnia diferenciam a intensidade do medo e conseqüentemente a forma de uso do espaço público da mulher.

A mídia também tem um papel fundamental na forma que é construída a relação entre medo e a imagem da cidade, ou de espaços específicos da cidade para a mulher. Filmes, telejornais, jornais trazem sempre a imagem da mulher frágil e sempre vulnerável no espaço público, principalmente em relação aos crimes sexistas. Macassi (2005) assegura que qualquer tipo de violência sofrida por uma mulher afeta a todas, à medida que são expostas a este tipo de agressão por pertencerem ao mesmo gênero. Por tanto a situação de tensão cresce e o medo afeta até mesmo àquelas que não sofreram violência. Essas informações produzem

espaços estigmatizados na cidade, comumente os parques, estacionamentos, áreas descampadas e centro de cidades.

Pain (2000) corrobora com os argumentos de Valentine e acrescenta que as relações sociais que operam em espaços particulares e os lugares estão mais ligados ao medo do crime do que o caráter físico particular dos ambientes. E assim, introduz a questão do medo e a identidade e exclusão social e espacial.

Para a autora as evidências mostram que existem crimes violentos que são específicos para determinado gênero, idade e grupo étnico. É a violência discriminatória que tem como alvo questões sociais e/ou identidade política. Além disso, afirma que diferentes formas de assédio podem ou não gerar medo, de acordo com a natureza e o contexto do incidente, mas quando experimentados frequentemente, esses abusos podem reforçar a exclusão espacial.

Em relação à questão do uso do espaço, embora não restrinjam ao “tipo de pessoa” que o frequenta, é um ponto importante também nas teorias de Jacobs, Sintaxe e CPTED. Estratégias como diversidade de usos, manutenção, tamanhos de quadras permeiam essas teorias, são colocadas como importante para a sensação de segurança e/ ou redução de crimes.

A questão da temporalidade também parece influenciar no uso do espaço público pela mulher. À noite, como constatou Valentine em sua pesquisa, as mulheres expressam ter medo de todos os lugares enquanto que no período diurno, elas identificam lugares isolados específicos como assustadores. Isto não ocorre apenas pela possibilidade da redução da visibilidade, mas devido à natureza das mudanças do espaço público, que na noite muitas vezes passa a ser dominado pelos homens. E essa dominação não se dá apenas pela apropriação numérica do espaço, mas através de um comportamento agressivo que intimida as mulheres. Como por exemplo, o assédio verbal ou físico.

A iluminação parece ser ponto chave nos discursos, pesquisas e intervenções urbanas. Porém, a literatura estudada aponta para a necessidade de atividades que propiciem redes de sociais de proteção entre moradores e distintos grupos sociais. A

iluminação pode trazer conforto para as pessoas que andam nas ruas, proporcionando “multiplicação dos olhos”, mas de nada adiantará se não existirem pessoas trafegando nelas. Se a rua for considerada perigosa, as pessoas não a usarão, como entende Jacobs (2000).

As teorias que colocam o espaço e suas características como potencializadores do medo e do crime, aos poucos foram incorporando as questões sociais em seus princípios. Na década de 80, após críticas sobre a exacerbação do espaço, como as teorias de Newman e Jeffrey, fez florescer outras teorias que incorporaram paulatinamente o aspecto social.

A segunda geração do CPTED parece ter caído nas graças dos gestores e ganharam o mundo. Com o foco na mulher, o Canadá e a Suécia lideram esse movimento. No Brasil, percebem-se iniciativas pontuais que visam o empoderamento das mulheres, capacitando-as para a identificação de características espaciais que tornam os lugares perigosos, através das auditorias de segurança e da técnica de grupos focais, a fim de dialogarem com o poder público na busca de intervenções físicas.

Partindo do princípio que o medo da mulher no espaço público limita o seu uso e traz consequências sociais, econômicas e de participação na cidade, busca-se nesse trabalho entender como esse medo foi construído. Existe uma relação entre os aspectos espaciais e sociais que possam influenciar na experiência do medo da mulher no espaço público? Com esse objetivo, partiu-se para investigação empírica no centro do Recife, com o intuito de contextualizar a experiência do medo e a partir daí estabelecer um diálogo com o arcabouço teórico.

Capítulo 02

O processo metodológico da pesquisa empírica

Este capítulo expõe a construção da estrutura de investigação empírica desta pesquisa, o instrumento de pesquisa, o método de análise de dados e o perfil dos participantes.

2.1. A estruturação da pesquisa

O propósito de investigar o medo da mulher no espaço público requer uma abordagem metodológica que parta do pressuposto da existência de uma relação dinâmica entre o objeto estudado e a realidade. Como versado no capítulo anterior, a tríade objeto da investigação (espaço público, medo e mulher) bem como a relação entre eles, são produtos construídos pela sociedade e, por isso, em constante mudança e singular ao contexto que está inserido. Pois, o medo é entendido como uma resposta emocional a uma ameaça, um comportamento

culturalmente apreendido, que é transitório e situacional. O sujeito mulher, sob o olhar de gênero, é produto da construção social do feminino e do masculino que atribui a esses o seu papel na sociedade. E o espaço público, elemento de natureza heterogênea, espaço de troca, de socialização que materializa em suas ruas, praças e parques as relações entre o indivíduo e a coletividade.

Isto posto, a escolha pelo tipo de pesquisa qualitativa, apresentou-se como a opção mais viável ao encaminhamento da investigação, por dar respostas a questões não quantificáveis. Segundo Minayo (1999, p.21) a pesquisa qualitativa, “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos”.

Pain (2000), em seu trabalho sobre o espaço, as relações sociais e o medo, defende a pesquisa de natureza qualitativa por possibilitar a exploração uma pluralidade de significados e nuances sobre a experiência do medo, uma emoção que está situada nos detalhes de circunstâncias individuais e cursos de vida. Além disso, segundo a mesma autora, as pesquisas qualitativas são sensíveis aos contextos espaciais, temporais e sociais, características pertinentes a esse estudo.

Definida a natureza da pesquisa, seguiu-se para a escolha do instrumento de pesquisa onde se priorizou: (i) a possibilidade da livre expressão do participante; (ii) a aplicação num espaço de tempo relativamente curto; (iii) uma ferramenta que possibilitasse ao participante a sua livre expressão; (iv) a mínima interação entre o pesquisador e os inquiridos. E assim, optou-se pelo questionário aberto.

2.2.O instrumento de pesquisa

Um questionário aberto permite obter um número variado de informações sobre o tema em questão, além da possibilidade de respostas mais representativas e fiéis à opinião do inquirido. Porém, faz-se necessário um claro entendimento do que se vai perguntar e quais as informações que se quer obter.

Mediante o arcabouço teórico construído no Capítulo 01, foi possível a definição de aspectos de análise que facilitaram a organização de estratégias para a preparação do instrumento de pesquisa. Visando à sistematização dos dados e a estruturação do questionário, construiu-se um quadro síntese identificando a natureza e os componentes dos aspectos de análise (quadro 04).

Quadro 4 - Constituição dos aspectos físicos, sociais e temporais para a construção do questionário.

Aspectos		Natureza	Componentes de análise	Referências
Espacial		Morfológica	Estrutura e formas do espaço público.	Jacobs CPTED Newman Hillier
		Infraestrutura	Condição de manutenção e presença de equipamentos que possibilitem a circulação e a permanência segura dos usuários do espaço público (ex: mobiliário urbano, e iluminação e limpeza).	Jacobs CPTED
		Uso e atividades	Existência de usos e atividades existentes no espaço público, tais como comércio, serviços, habitação.	Jacobs CPTED
Social	Referente ao local	Presença e ausência	Como o espaço público é ocupado, quantidade de pessoas e forma que ocupa (controle do espaço).	Jacobs CPTED Hillier Valentine
		Tipos de pessoas	Quem ocupa o espaço público.	Valentine
	Referente ao indivíduo	Experiência vivida	Relativo a experiência vivida em relação ao conhecimento do espaço público (uso) e a experiência de vitimização no mesmo.	Valentine
		Informações secundárias	Relativo às informações recebidas de terceiros (conhecidos ou mídia) sobre o espaço público (uso) e a experiência de vitimização no mesmo.	Valentine
		Estratégias de enfrentamento.	Mapas mentais – construção de trajetos, caminhos e locais que devem ser evitados relacionados ao medo no espaço público.	Valentine
			Comportamentos e atitudes no espaço público.	Valentine
Temporal		Dia	São identificados lugares isolados específicos como assustadores.	Valentine
		Noite	Todos os espaços públicos são assustadores.	Valentine

Fonte: A autora.

2.3. O recorte territorial

Como dito anteriormente, tanto a tríade objeto da investigação como a relação entre seus elementos é produto da sociedade, logo, se fez necessário a contextualização a fim de investigar as similaridades e/ou possíveis discordâncias em relação à teoria estudada, construída em um contexto específico temporal e social, com a realidade local.

Uma das possibilidades de contextualização é o recorte territorial feito na pesquisa, que a partir de um espaço público conhecido das/dos participantes, os possibilitem expor suas impressões sobre o medo. No caso dessa investigação, o território escolhido foi o centro do Recife, mais precisamente os bairros de São José, Santo Antônio e Recife.

Optou-se pelo centro do Recife por representar um exemplo clássico de espaço urbano, onde se encontra uma “justaposição de diferentes usos da terra, cujas partes (fragmentos) estariam devidamente articuladas com o todo e vice-versa a partir dos fluxos cotidianos de mercadorias, pessoas, etc.” (Côrrea, apud Queiroz e Lacerda, 2005 p. 9). Além disso, o centro do Recife é um local rico em significados para a população, local do comércio, do carnaval, das manifestações políticas da beleza e da violência. (Fotos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8).

Essa mistura de significados, usos e atividades permite explorar as diversas visões (de usuários, visitantes e moradores) sobre um mesmo território e onde se pode analisar a experiência do medo e possíveis estratégias de enfrentamento baseado na experiência vivida, nas informações secundárias e nas características ambientais que se encontra no centro da cidade. Para uma maior compreensão do território da investigação empírica faz-se necessário a sua descrição.

Foto 1- Carnaval do Bairro do Recife



Fonte:
<http://www.riomate.com/1813/news/2010/11/18/jasongardner>

Foto 2- Operação policial para conter tumultos no Bairro do Recife.



Fonte: <http://opovocomanoticia.blogspot.com.br/2015/01/pm-pretende-ampliar-servico-de.html>.

Foto 3- Pontes do Recife.



Fonte: <http://agendarecife.leiaja.com/imagem-de-uma-cidade-querida>.

Foto 4- Comércio no centro do Recife.



Fonte: <http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2012/11/comercio-do-centro-do-recife-abrira-aos-domingos-ate-o-final-do-ano.html>

Foto 5- Marcha das vadias no centro do Recife.



Fonte:
<http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2013/05/marcha-das-vadias-pede-fim-da-violencia-sexual-no-centro-do-recife.html>.

Foto 6- Morador de rua na Ponte da Boa Vista.



Fonte: <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/voz-do-leitor/envie-sua-contribuicao/noticia/2014/11/03/ponte-de-ferro-virou-moradia-154266.php>

Foto 7- Assalto no centro do Recife



Fonte:
<http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2014/11/cameras-flagram-assaltante-armado-com-facao-no-centro-do-recife.html>

Foto 8- Manifestações de Bois e Ursos no centro do Recife.

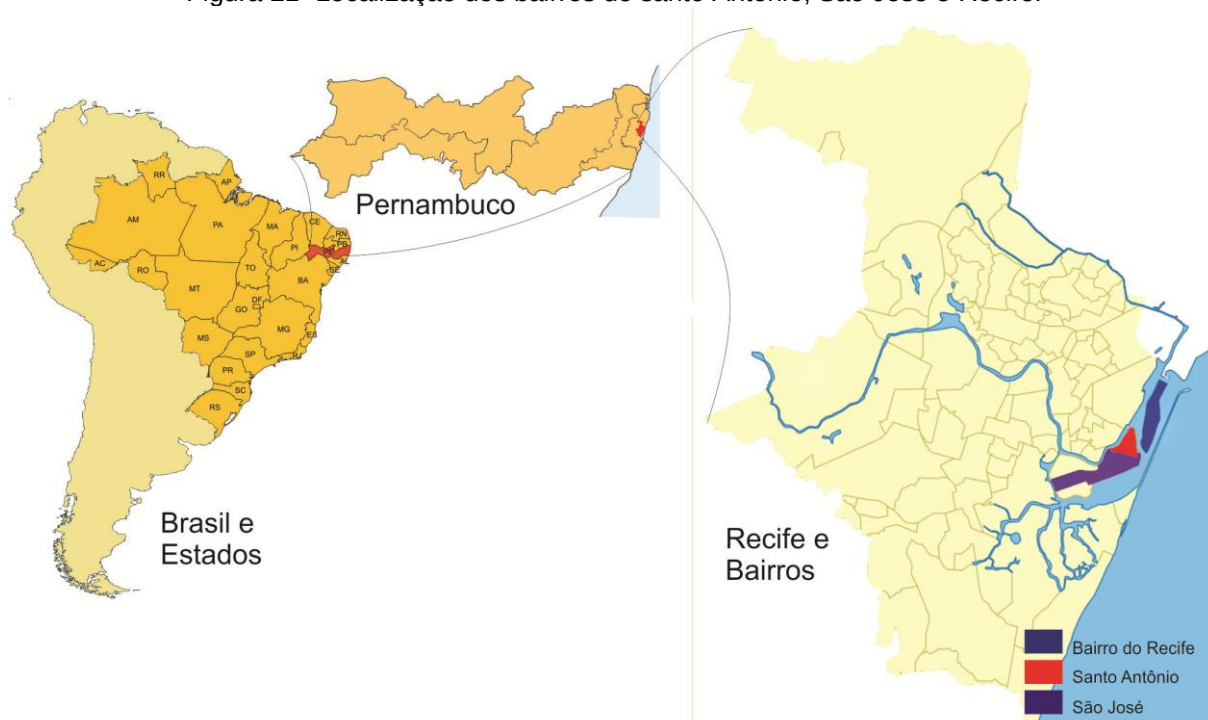


Fonte: <http://carnaval.uol.com.br/2014/recife-e-olinda/album/2014/03/03/manifestacoes-de-bois-e-ursos-levam-cor-ao-centro-de-recife.htm>.

▪ **Os bairros de Santo Antônio, São José e do Recife.**

Os bairros de Santo Antônio, São José e do Recife estão localizados na planície costeira, implantados na Foz do Rio Capibaribe, sendo os primeiros bairros da Cidade do Recife, por onde o município se desenvolveu. As características tipológicas e morfológicas históricas aproximam os três bairros e possibilitam alguma identidade nos usos e percursos, bem como nos atributos urbanísticos. Considerando que a densidade demográfica da Cidade é de 7.363,69 hab./km² (IBGE, 2010), os bairros citados possuem baixa ocupação e concentração de moradias.

Figura 21- Localização dos bairros de Santo Antônio, São José e Recife.



Fonte: A autora.

O bairro de Santo Antônio caracteriza-se como um território com predominância de atividades comerciais, embora possua estruturas importantes da administração pública (Sede dos Poderes Judiciário, Executivo e do Ministério Público Estadual, Secretaria da Fazenda, Ordem dos Advogados do Brasil) e equipamentos culturais (Teatro Santa Isabel, Arquivo Público, Gabinete Português de Leitura, Igrejas tombadas como patrimônio histórico). Também é a região que concentra o maior fluxo de ônibus, por onde circulam todas as linhas que alcançam os bairros do centro da Capital. O comércio ambulante ocorre em todo bairro, de forma

desordenada e excessiva, dificultando a circulação de pessoas e veículos. Tais características possibilitam grande fluxo de pessoas no período diurno e durante os dias úteis, enquanto que nos fins de semana e à noite a circulação diminui significativamente.

Apesar do grande fluxo de pessoas, a população residente é de 265 habitantes (IBGE, 2010), a densidade demográfica é de 353 hab./km² e houve decréscimo de 6,17% dos moradores entre 2000 e 2010 (Recife, 2014). Desta forma, destaca-se o grande contingente de edifícios fechados, subutilizados ou com usos modificados, com a maioria dos andares superiores utilizados para depósitos de lojas.

Percebe-se ainda que as construções são antigas e seculares e os grandes edifícios anteriores aos anos 1980 com manutenção precária ou inexistente. Apesar de possuir grandes avenidas largas e planejadas (Guararapes, Nossa Senhora do Carmo, Dantas Barreto), no bairro predominam as ruas estreitas, irregulares e desconhecidas.

O bairro de São José também se destaca pela acentuada atividade comercial formal e informal. Neste bairro encontram-se o Mercado de São José e o Camelódromo, equipamentos reconhecidos como referenciais para o comércio do centro da Cidade. Dentre os equipamentos culturais, destacam-se o Museu da Cidade do Recife no Forte das Cinco Pontas, Museu do Trem, Casa da Cultura e a Igreja de nossa Senhora da Penha (todos com atividades apenas no período diurno), apesar de existir outros bens tombados em atual estado de degradação (Igrejas de São José, Santa Rita, do Terço e São José do Ribamar). Nesta região encontram-se três grandes terminais de ônibus (Dantas Barreto, Cais de Santa Rita e Integração), além da estação central do Metrô, que determinam a intensa circulação de pedestres de outros bairros do centro (Boa Vista, Recife, Santo Antônio, Coelhos). Assim como no bairro de Santo Antônio, o comércio formal e o informal se desenvolvem de forma articulada nas construções ordenadas e ao longo das vias públicas, sem organização ou controle.

Diante destas características, este bairro possui grande movimentação diurna e pouca circulação noturna e nos fins de semana. Conforme o Censo recente (IBGE,

2010), os moradores representam 8.688 pessoas distribuídas em 3,26km² (2.665 hab./km²), ocorrendo estagnação no crescimento da população nos últimos 10 anos (Recife, 2014).

Apesar de novas edificações domiciliares de grande porte construídas recentemente, existem construções subutilizadas ou desativadas, predominando a existência de depósitos em pavimentos superiores, enquanto que no térreo prevalece a abertura do vão para a rua com fins comerciais, descaracterizando assim as construções seculares. Estas edificações estão dispostas em ruas com malha irregular, sinuosas e apertadas.

Dentre os três bairros estudados, o bairro do Recife possui a maior diversidade de atividades e usos. Devido ao processo de revitalização ocorrido nas décadas recentes, o bairro destaca-se como região de lazer, turística e cultural possuindo equipamentos com estes fins (Paço do Frevo, Centro Cultural dos Correios, Espaço do Cais ao Sertão, Teatros Apolo-Hermilo, Caixa Cultural, Centro de Artesanato, bares e restaurantes diversos). Também é expressiva a presença de equipamentos administrativos relevantes (Prefeitura do Recife, Secretarias Estaduais, Órgãos Federais, Justiça Federal, sedes de bancos e empresas privadas), além do Porto Digital e o Porto do Recife. Tais usos, associados ao comércio e serviço existente possibilitam a circulação de diversos públicos e o aproveitamento intensivo do espaço coletivo diuturnamente em dias úteis e fins de semana.

Destaca-se que o bairro do Recife possui estrutura urbana qualificada, sendo um bairro planejado no início do século XX que possui ruas amplas, regulares e ordenadas, com calçadas largas e espaço para a circulação do pedestre. Como possui poucas linhas de ônibus, é comum o transeunte desenvolver percursos para fora do bairro, transpondo o rio Capibaribe a partir de três pontes principais. Da mesma forma, o comércio ambulante é ordenado facilitando o caminhar por suas vias.

Embora exista grande movimentação de pessoas, sua população permanente é de 602 habitantes (IBGE, 2010), a densidade demográfica é de 223 hab./km² e houve

decréscimo de 4,2% dos moradores entre 2000 e 2010 (Recife, 2014)³⁹. Diferente dos demais bairros estudados, as edificações históricas possuem bom estado de conservação, destacando-se a preocupação dos usuários e proprietários com a utilização dos espaços privados, inclusive com incentivo de órgãos públicos, a partir de políticas de revitalização do Bairro.

2.4. O público alvo e a técnica projetiva

O foco do nosso trabalho é o medo da mulher no espaço público, porém como dito anteriormente, o sujeito mulher ao qual nos referimos não é definido apenas pelo biológico, este sujeito é produto da construção social do feminino e do masculino que atribui a esses o seu papel na sociedade. Sendo assim, um sujeito definido não apenas pelas mulheres, mas também pelos homens, o que levou a definir os dois grupos como público alvo da pesquisa.

Para que a visão não seja dicotômica entre o medo da mulher e o medo do homem no espaço público e não fuja ao objeto de estudo, que é o medo da mulher no espaço público, utilizou-se a técnica projetiva.

Segundo Didier (1978), os métodos projetivos surgiram em 1939 no artigo "Projective Methods for the Study of Personality" publicado por L. K. Frank que versava sobre a relação de três provas psicológicas: o teste de associação de palavras de Jung, o teste de manchas de tinta de Rorschach e o T.A.T. (Thematic Apperception Test) de Murray. Apesar de inicialmente serem usadas com a intenção de diagnosticar e tratar pacientes que sofriam de transtornos emocionais, as Técnicas Projetivas tornaram-se úteis para outros campos do conhecimento com a sociologia e a antropologia.

Malhotra (2001, p.165) define as Técnicas Projetivas como "Uma forma não estruturada e indireta de perguntar, que incentiva os entrevistados a projetarem suas motivações, crenças, atitudes ou sensações subjacentes sobre os problemas em

³⁹ Fonte: <http://www2.recife.pe.gov.br/a-cidade/perfil-dos-bairros/rpa1/bairro-do-recife/>

estudo". O autor as classifica em quatro grupos: (i) Associações; (ii) Completamento; (iii) Construção; e (iv) Expressivas.

Na pesquisa utilizou-se o tipo completamento, onde é apresentada ao participante, como estímulo, uma situação incompleta e solicitado a ele que a complete. No caso dessa pesquisa, a indicação de um percurso para uma jovem turista. A escolha por uma mulher jovem foi baseada no argumento de Pain (2000) de que existem crimes violentos que são específicos para determinado idade e que o medo do crime sexista está associado às mulheres mais jovens. Por sua vez, Valentine (1989) afirma que o medo da mulher no espaço público está associado à sensação de vulnerabilidade física em relação ao homem, principalmente o medo da violência sexista. Além disso, por ser turista, o outro ponto de fragilidade dessa mulher é o desconhecimento do território do exercício de investigação. Logo, estereótipo de uma mulher vulnerável no espaço público.

Com isso, pretende-se explorar a visão da mulher sobre o medo no espaço público, bem como a visão do homem sobre os perigos e elementos que potencializam o medo das mulheres no espaço público. Além disso, no caso dos homens tenta liberá-los do estigma do homem como ser destemido, como expõe Pain.

Recent developments have questioned the emphasis on females as the most fearful gender, and the way in which feminists have represented women's fear. Some studies are uncovering higher rates of male fear than expected.
[...]

While it seems unlikely given the research evidence that women's fear has been overstated, it is increasingly clear that men's fear may have been seriously understated in the past. Men's low reported fear of crime has always seemed anomalous when, as a group, they experience high rates of violence, particularly from strangers in public places but also from partners and acquaintances (Mirrlees-Black et al., 1998). Male respondents appear unlikely to give answers to survey

questions on fear that challenge the image of male invulnerability, meaning their fear of crime is often hidden (Crawford et al., 1990). (PAIN, 2000, p.374 e 375).⁴⁰

2.5.O modo de abordagem

O questionário Os caminhos do Centro do Recife, foi divulgado e respondido via internet (rede social e e-mail), a partir do convite a pessoas conhecidas com a solicitação que essas repassem para a sua rede de amizades⁴¹.

Foram três os motivos que levaram a utilização da internet: a facilidade de responder em qualquer ambiente; a possibilidade da não interferência da pesquisadora, deixando a/o participante mais livre, podendo construir a sua própria narrativa; a possibilidade de atingir maior número de pessoas simultaneamente.

2.6.A estrutura do questionário

O questionário denominado Caminhos do Centro do Recife é formado por duas partes, as questões projetivas e as questões sobre o perfil da/do participante (ver apêndice 01).

Na primeira questão, as pessoas foram convidadas a indicar um caminho seguro para uma jovem turista, entre o Marco Zero no Bairro do Recife e o Bairro de São José (figura 22). A construção do trajeto teve como objetivo trazer a/aos

⁴⁰Tradução livre: *Desenvolvimentos recentes têm questionado a ênfase no sexo feminino no gênero mais temível, e da maneira em que tem se constituído o medo feminista das mulheres. Alguns estudos estão descobrindo taxas mais elevadas de medo do sexo masculino do que o esperado.*
[...]

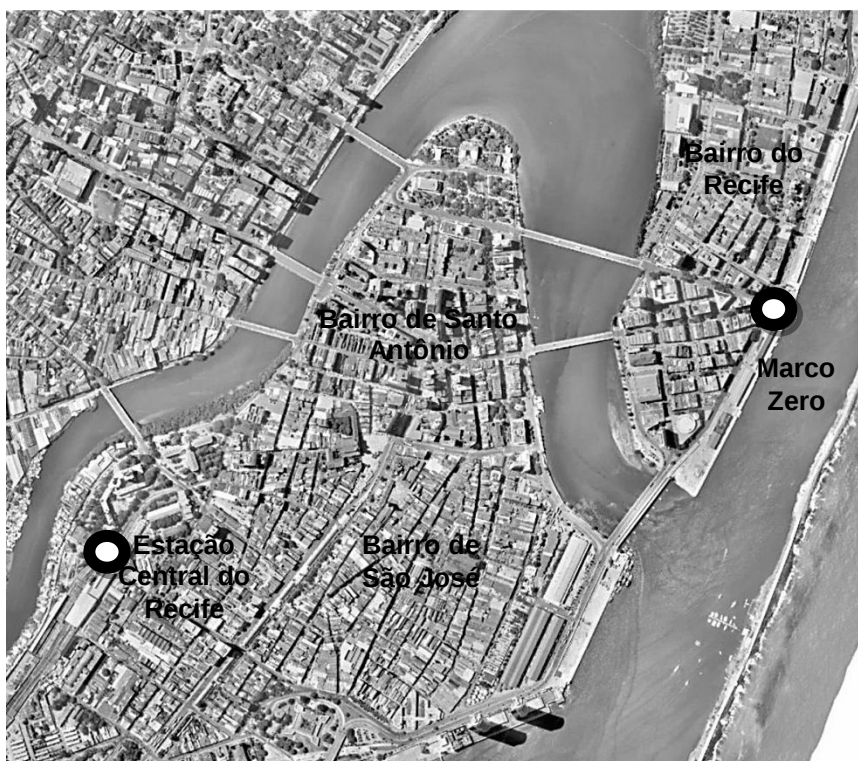
Embora pareça improvável dada a evidência de pesquisa que o medo das mulheres tem-se exagerado, é cada vez mais o medo dos homens claros que podem ter sido seriamente subestimados no passado. O baixo medo do crime masculino informado sempre pareceu anômalo quando, como um grupo, eles experimentam altos índices de violência, especialmente de estranhos em locais públicos, mas também de parceiros e conhecidos (Mirrlees-Black et al., 1998). Entrevistados do sexo masculino parecem improváveis para dar respostas às perguntas da pesquisa sobre o medo que desafiam a imagem de invulnerabilidade do sexo masculino, ou seja, seu medo do crime está escondido muitas vezes (Crawford et al., 1990). (PAIN, 2000, p.374 e 375).

⁴¹ O instrumento foi elaborado entre os meses de fevereiro e março de 2014, seu pré-teste realizado em abril e a publicação na internet em maio do mesmo ano. O instrumento recebeu respostas até setembro de 2014.

participantes tanto as experiências vividas em um território existente e a informações secundárias sobre o local, quanto uma contextualização do medo. Optou-se também em usar a palavra segurança e não o medo. O verbete medo traz a questão de forma direta e está carregado de significados, principalmente para os homens onde sua imagem na sociedade é de desbravador, forte e não fraco e submisso aos seus medos (Pain, 2000).

O percurso deveria ser realizado no final da tarde, a partir das 17h30. Tal escolha deve-se ao argumento de Valentine (1999) sobre a temporalidade, que evidencia a noite como elemento de grande influência no sentimento de medo da mulher no espaço público. Segundo a autora, sob a luz do dia as mulheres identificam parte da cidade como perigosas, enquanto que, à noite toda a cidade passa a ser perigosa.

Figura 22- Área de abrangência do Questionário - Caminhos do Centro do Recife



Fonte: Prefeitura do Recife, adaptada pela autora.

Na pergunta seguinte as/os participantes foram instigados a recomendar a turista quais os locais que deveriam ser evitados e as características desses locais. Em seguida, quais as situações ou tipo de comportamento e tipos ou grupos de pessoas que deveriam ser evitados, e assim explorou-se o comportamento das/dos

participantes diante dos riscos e medos e identificou-se que tipos de pessoas que oferecem algum risco no espaço público.

A segunda parte corresponde às informações pessoais sobre a experiência vivida e informações secundárias em relação ao centro do Recife, a vitimização e imagem do local. Por fim, solicitou-se as/aos participantes informações socioeconômicas, sobre idade, renda, sexo, ciclo de vida e escolaridade), vitimização e informações sobre o conhecimento de vitimização de terceiros no centro do Recife.

2.7.A análise dos dados

Devido à estrutura do instrumento de pesquisa, a análise dos dados não pode ser realizada através de um único método, e assim foram utilizados o método quantitativo e o método qualitativo.

O método quantitativo de análise de dados destinou-se às questões de múltipla escolha do questionário, onde as respostas foram decodificadas e quantificadas gerando os resultados sobre o perfil das/dos participantes, sua condição de vitimização e informações secundárias sobre os tipos de violência sofridos por terceiros no centro do Recife.

Para as questões dissertativas, buscou-se uma técnica de análise que garantisse a integridade dos dados e assim optou-se pela Análise da Estrutura de Similaridade (Similarity Structure Analysis – SSA), executada com o auxílio do programa HUDAP⁴², por apresentar-se adequada a esse propósito.

Antes de discorrer sobre o procedimento de análise, objeto desse item, faz-se necessário a descrição do processo de organização e tabulação dos dados.

⁴²Desenvolvido por Reuven Amar e Shlomo Toledano do Centro de Computação da Universidade Hebraica de Jerusalém, em 1994.

▪ **O processo de organização e tratamento dos dados.**

O primeiro passo para a organização e tratamento dos dados foi a análise de todos os questionários. No total foram respondidos 77 questionários e eliminados 4 que se encontravam incompletos ou repetidos, desse modo, foram validados 73 questionários.

Após a validação dos questionários, procedeu-se a organização e tratamento das informações coletadas em uma matriz de dados no programa Microsoft Excel. Para todas as respostas das questões de múltiplas escolhas, não dicotômicas, foi relacionado um número de 1 a 9, sendo esse último para identificar as questões não respondidas. Nas questões dicotômicas, o número zero e um para a primeira e segunda resposta.

Nas questões abertas procedeu-se a categorização das informações, que seguiu o roteiro:

- 1- Destaque de palavras chaves
- 2- Análise de frequência de cada resposta
- 3- Agrupamento de acordo com a semelhança da natureza das palavras.

O agrupamento ocorreu através de procedimento de classificações sucessivas segundo parâmetros sintáticos e semânticos, o que resultou nas categorias de cada resposta. Os resultados da categorização foram submetidos a uma análise multidimensional não-métrica do tipo SSA. E assim, foram identificadas as categorias para cada questão aberta como mostra o quadro 5.

Quadro 5 - Categorias identificadas nas questões abertas.

Objeto de análise	Categorias identificadas	Códigos
Percurso seguros para uma jovem mulher no centro do Recife	Referencial histórico	Ref.Hist
	Referencial urbano	Ref. Urba
	Ruas secundárias	RuasSecu
	Ruas principais	RuasPrin
	Praças	Praças
	Ponte e rio	PonteRio
	Referencial comercial e de serviços	Ref.Come
Recomendações de locais que uma jovem mulher deve evitar no centro do Recife	Ruas estreitas	Ru.Estre
	Ruas vazias	Ru.Vazia
	Ruas tumultuadas	Ru.Tumul
	Ruas curtas	Ru.Curta

Objeto de análise	Categorias identificadas	Códigos
	Ruas sem iluminação	Ru.SemLu
	Pontes	Pontes
	Praças	Pracas_R
	Pessoas marginalizadas	Pe.Margi
	Locais sem vigilantes	Pe.Vigil
	Andar no centro, aconselha a usar o transporte público ou o taxi.	U.Tra.Pu
	Andar só, aconselha a andar sempre acompanhada.	Andar.So
Recomendações sobre os comportamentos que uma jovem mulher no espaço público.	Não expor objetos de valor	SemExpOb
	Andar depressa e atenta	AndarDes
	Ter cuidado com a bolsa	CuidBols
	Andar em ruas movimentadas	A.Ru.Mov
	Andar por ruas iluminadas	Ruallum
	Outros	Outros
Recomendações sobre as pessoas que devem ser evitadas por uma jovem mulher.	Criança ou adolescente	CriancAd
	Adultos	Adul_A
	Pessoas só	PessoSo
	Grupos	Grupo
	Drogados	Drogado
	Oportunistas	Oportun
	Moradores de rua	MoradRua
	Trombadinhas	Trombad
	Torcedores	Torcedor
	Prostitutas	Prostitu
	Estranhos	Estranho
	Bêbados	Bebado
	Outros	outro
A imagem do participante em relação ao centro do Recife	Desorganizado	Desorg
	Mal cuidado	MalCuid
	Sujo	Sujo
	Perigoso	Perigoso
	Histórico e turístico	HistTuri
	Lindo	Lindo
	Arquitetura e paisagem	ArqPais
	Comércio	Comerc
	Vazio	Vazio
	Movimentado	Moviment
	Alegre	Alegre
	Outros	Outros.
Qual o medo do participante no centro do Recife.	Assalto	Assalto
	Furto	Furto
	Pessoas marginalizadas	PessMarg
	Ruas desertas	RuaDeser
	Ruas sem luz	RuSemLuz
	Noite	Noite
	Violência em geral e violência sexual.	VioGer_S

Fonte: A autora

Com a codificação das respostas quantitativas e categorização das qualitativas foi construído uma matriz de dados onde as linhas correspondiam as/os participantes e as colunas as categorias de análise.

▪ Análise da Estrutura de Similaridade (SSA)

A Análise da Estrutura de Similaridade (Similarity Structure Analysis – SSA) é uma técnica estatística pertencente às famílias de técnicas escalonares multidimensionais (MDS – Multidimensional Scaling)⁴³. A SSA permite que se convertam distâncias de natureza empírica em distâncias euclidianas, na forma de representações espaço-geométricas, a partir de avaliação de similaridades. Baseado em Roazzi, Monteiro e Rullo, Costa Filho (2014) define a SSA, como:

[...] sistema de escalonamento multidimensional concebido para analisar a matriz de correlações entre “*n*” variáveis representadas graficamente como pontos em um espaço euclidiano. Esse sistema de verificação fundamenta-se no princípio da contiguidade ou proximidade que, como tal, traduz as relações de similaridades entre os itens ...nesse espaço euclidiano, configurado pela distancia entre pontos. A localização dos pontos na configuração geométrica formada relaciona-se com o grau de correlação entre variáveis. Isso significa que a proximidade das variáveis nesse espaço multidimensional é proporcional ao grau de correlação existente entre elas. (COSTA FILHO, 2014, p.160 e 161)

Ou seja, a SSA representa os dados no espaço, onde quanto maior relação entre os dados (similaridade), mas próximos eles estarão, quanto menor mais distantes eles estarão. As relações de similaridade são apresentadas através do coeficiente de similaridade, descritas através de valores na matriz dos coeficientes de similaridade e especializadas na projeção bidimensional ou tridimensional.

Nesse trabalho, a matriz dos coeficientes de similaridade representa a correlação entre as respostas das categorias de cada questão abertas e as variáveis externas (dados socioeconômicos). O coeficiente de correlação indica a similaridade entre os itens da matriz, assim quanto maior o índice maior a similaridade. Por exemplo, na figura 23 o coeficiente de similaridade entre a mulher e o assalto é maior do que o coeficiente da mesma categoria em relação ao homem, isto quer dizer que, na primeira leitura, as mulheres relataram ter mais medo do assalto que os homens.

⁴³ Multidimensional Scaling é um conjunto de técnicas de análise de dados que mostram a estrutura de dados de distância semelhante como uma imagem geométrica. É uma extensão do procedimento discutido em escala. Tem suas origens na psicometria. A técnica foi proposta para ajudar a entender a semelhança dos membros de um conjunto de objetos das pessoas. Para mais informações: Young (1985).

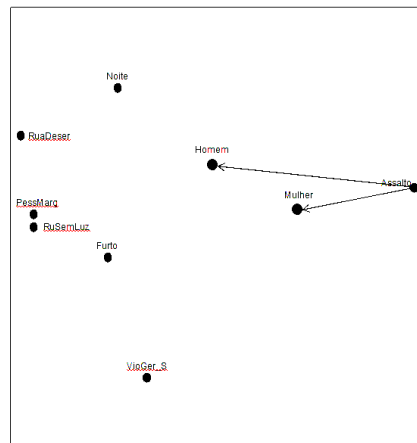
Figura 23- Exemplo de Matriz de Coeficiente de Similaridade.

		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
<u>Assalto</u>	1	100 (73)	67 (74)	60 (74)	53 (74)	59 (74)	63 (74)	60 (74)	45 (74)	55 (74)	59 (74)	56 (74)	48 (74)	64 (74)	59 (74)	49 (74)	60 (74)
<u>Furto</u>	2	67 (74)	100 (73)	88 (74)	84 (74)	86 (74)	77 (74)	82 (74)	59 (74)	41 (74)	73 (74)	51 (74)	73 (74)	81 (74)	81 (74)	49 (74)	82 (74)
<u>PessMarg</u>	3	60 (74)	88 (74)	100 (73)	88 (74)	90 (74)	81 (74)	81 (74)	63 (74)	37 (74)	77 (74)	49 (74)	68 (74)	79 (74)	79 (74)	51 (74)	78 (74)
<u>RuaDeser</u>	4	53 (74)	84 (74)	88 (74)	100 (73)	89 (74)	85 (74)	74 (74)	56 (74)	44 (74)	75 (74)	51 (74)	62 (74)	75 (74)	81 (74)	49 (74)	71 (74)
<u>RuSemLuz</u>	5	59 (74)	86 (74)	90 (74)	89 (74)	100 (73)	82 (74)	82 (74)	62 (74)	38 (74)	78 (74)	45 (74)	70 (74)	78 (74)	81 (74)	49 (74)	79 (74)
<u>Noite</u>	6	63 (74)	77 (74)	81 (74)	85 (74)	82 (74)	100 (73)	75 (74)	63 (74)	37 (74)	74 (74)	49 (74)	58 (74)	71 (74)	74 (74)	45 (74)	70 (74)
<u>VioGer_S</u>	7	60 (74)	82 (74)	81 (74)	74 (74)	82 (74)	75 (74)	100 (73)	60 (74)	40 (74)	63 (74)	58 (74)	68 (74)	74 (74)	77 (74)	51 (74)	75 (74)
<u>Homem</u>	8	45 (74)	59 (74)	63 (74)	56 (74)	62 (74)	63 (74)	60 (74)	100 (73)	0 (74)	53 (74)	45 (74)	67 (74)	53 (74)	53 (74)	55 (74)	66 (74)
<u>Mulher</u>	9	55 (74)	41 (74)	37 (74)	44 (74)	38 (74)	37 (74)	40 (74)	0 (74)	100 (73)	47 (74)	55 (74)	33 (74)	47 (74)	47 (74)	45 (74)	34 (74)

Fonte: A autora

A Projeção da análise de similaridade pode ser de duas ou três dimensões (2D ou 3D, respectivamente). A projeção possui as mesmas informações da matriz, porém apresenta espacialmente as correlações entre todos os itens. Nesse caso, o coeficiente de similaridade é representado através da distância entre dois itens no espaço bidimensional. Quanto maior for o coeficiente de similaridade entre dois itens, menor será a distância entre eles na projeção do espaço geométrico. Como mostra a figura 24.

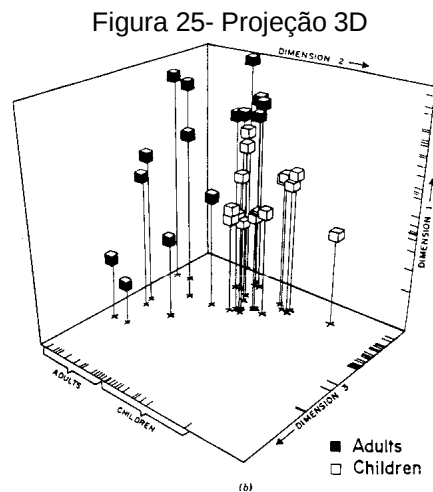
Figura 24- Exemplo de projeção SSA.



Fonte: A autora

No exemplo da figura 25 dado por Young (1985), a projeção é representada no espaço tridimensional (3D) com os dados de uma pesquisa de opinião com 15 crianças e 15 adultos sobre determinado tema. A figura mostra que as crianças e os

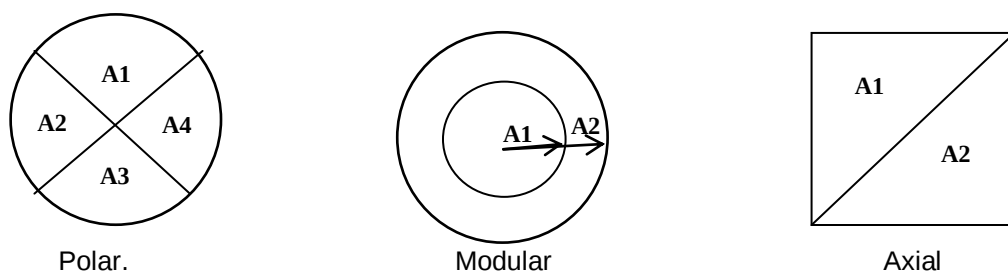
adultos ocupam diferentes partes do espaço, mostrando que as crianças e os adultos têm diferentes formas de interpretar a questão.



Fonte: Young (1985)

O programa HUDAP, utilizado nesse trabalho como auxílio do SSA, analisa a configuração das categorias designadas para cada item e as representa em um espaço geométrico. Os resultados são dispostos em regiões que contem todos os itens relacionados a uma categoria. São as regiões, os pontos explorados para as análises das projeções do SSA, a comparação entre elas é que fundamentam a interpretação das relações entre os itens. Essas regiões podem se apresentar de três formas (figura 26): axial, modular e polar (Costa Filho, 2012).

Figura 26- Exemplos de formas de apresentação da projeção SSA.



Fonte: Costa Filho, 2012, p. 162.

A forma polar acontece quando seus elementos geralmente constituem regiões com limites partindo de uma mesma origem, cujos elementos se diferenciam de modo qualitativo e não possuem ordem óbvia. A forma modular é representada através de círculos concêntricos, onde o círculo menor corresponde aos elementos com maior

correlação entre as variáveis, tem um sentido mais geral que aquelas que estão localizadas próximas às bordas (Costa Filho, 2012). Ou seja, os elementos que estão no centro representam as opiniões ou interpretações, dependendo do caso, de maior consenso entre os grupos estudados e na borda, o inverso. Já a forma axial ocorre quando seus elementos se mostram de forma ordenados separados por uma linha axial, onde um lado não apresenta relação com o outro.

Os próximos itens apresentam os resultados do questionário. As informações foram analisadas e sistematizadas em seis pontos: (i) Perfil das/dos respondentes; (ii) Vitimização; (iii) Informações secundárias; (iv) Percursos seguros no centro do Recife; (v) Estratégias de uso do espaço público; (vi) A imagem do centro do Recife; (vii) o Medo no centro do Recife. (Quadro 6).

Quadro 6- Pontos de análise e questões relacionadas dos dados do questionário.

Pontos de análise	Questões relacionadas
Perfil dos respondentes	3.1. Qual a sua condição em relação ao centro do Recife?
	3.2. Como costuma ir ao Centro do Recife?
	4.1. Bairro de residência.
	4.2. Sexo
	4.3. Idade
	4.4. Ciclo de vida
	4.5. Escolaridade
Vitimização	4.6. Renda individual
	3.3. Você já sofreu algum tipo de violência no Centro do Recife? Que tipo? Se sofreu constrangimento no espaço público, favor especificar:
Informações secundárias	3.4. Conhece alguém que já sofreu alguma violência no centro do Recife? Que tipo? Se sofreu constrangimento no espaço público, favor especificar:
Percursos seguros para as mulheres no centro do Recife	1. UM CAMINHO NO CENTRO DO RECIFE * Imagine que você está no Marco Zero (no Recife Antigo), às 17h30 e uma jovem mulher, turista, pede a sua orientação para ir a pé até a Estação Central do Metrô. Qual o caminho que você indicaria? Caso não saiba o nome das ruas, identifique referências como edifícios, comércios, marcos para que a turista reconheça o seu caminho.
Estratégias de uso do espaço público no centro do Recife	2.1. Que recomendações que você daria em relação a que locais ela deve evitar? Por quê?
	2.2. Situações ou tipo de comportamento que deve evitar. Por quê?
	2.3. Tipos ou grupos de pessoas que deve ter cuidado. Por quê? Descrever com palavras-chave.
Imagem do centro do Recife	2.4. Descreva, através de cinco palavras-chave, qual a imagem que você tem do Centro do Recife.
Medo no centro do Recife.	3.5. Você tem medo de andar no centro do Recife? Você tem medo de quê?

Fonte: A autora

2.8. Perfil das/dos participantes

Como forma de contextualizar as respostas projetivas, o perfil das/dos participantes. A amostra contemplada na pesquisa constitui-se de 73 pessoas, a maior parte moradores do Recife, com idade entre 30 e 39 anos, solteiros (as) e sem filhos, com renda entre 4 SM e 10 SM, pós-graduados (as) e utilizam exclusivamente o automóvel ou mais de um modal para ir ao centro do Recife. (Tabela 3).

Ao destacar as variáveis externas mulher e homem, constata-se que houve semelhança no perfil das/dos participantes nos seguintes pontos: local de residência (a maior parte mora em Recife) possui entre 30 e 39 anos, são solteiros (as) e sem filhos, pós-graduados (as). A maioria dos homens possuem uma renda maior que a maioria das mulheres. (Tabela 3).

Existe um equilíbrio entre as participantes que se consideram usuárias e visitantes (55,3% e 48,9%, respectivamente), enquanto que os homens, 53,8% são visitantes, 34,6% usuários e 11,5% moradores.

Tabela 3 - Pontos de análise e questões relacionadas dos dados do questionário.

Tema	Características	Quant	%	Mulheres	%	Homens	%
Município de residência	Recife	63	86,3	41	87,2	22	84,6
	Olinda	7	9,6	5	10,6	2	7,7
	Jaboatão dos Guararapes	2	2,7	1	2,1	1	3,8
	Camaragibe	1	1,4	0	0	1	3,8
Idade	de 20 a 29 anos	20	27,4	14	29,8	6	23,1
	de 30 a 39 anos	35	47,9	25	53,2	10	38,5
	de 40 a 49 anos	13	17,8	6	12,8	7	26,9
	de 50 a 59 anos	5	6,8	2	4,3	3	11,5
Ciclo de vida	solteiro(a) sem filhos	45	61,6	28	59,6	17	65,4
	solteiro(a) com filhos	7	9,6	6	12,8	1	3,8
	casado(a) sem filhos	3	4,1	2	4,3	1	3,8
	casado(a) com filhos	18	24,7	11	23,4	7	26,9
Renda individual	Até 2 SM	12	16,4	10	38,5	2	7,7
	Entre 2 SM e 4 SM	10	13,7	9	34,6	1	3,8
	Entre 4 SM e 10 SM	31	42,5	23	88,5	8	30,8

Tema	Características	Quant	%	Mulheres	%	Homens	%
Escolaridade	Entre 10 SM e 20 SM	19	26	5	19,2	14	53,8
	Não informou	0	1,4	0	0,0	0	0
	Ensino médio incompleto	1	1,4	0	0	1	3,8
	Ensino médio completo	1	1,4	1	2,1	0	0
	Superior incompleto	7	9,6	5	10,6	2	7,7
	Superior completo	24	32,9	15	31,9	9	34,6
	Pós-graduado	40	54,8	26	55,3	14	53,8
Condição em relação ao centro	Usuário	32	43,8	23	48,9	9	34,6
	Visitante	34	46,6	20	42,6	14	53,8
	Morador	7	9,6	4	8,5	3	11,5
Como costuma ir ao centro do Recife	Automóvel	31	42,5	21	44,7	9	34,6
	Ônibus	4	5,5	3	6,4	1	3,8
	A pé	3	4,1	3	6,4	0	0
	Bicicleta	3	4,1	2	4,3	1	3,8
	Motocicleta	1	1,4	0	0,0	1	3,8
	Mais de um modal	31	42,5	17	36,2	14	53,8

Fonte: A autora

▪ Vitimização

Dentre o universo pesquisado, a quantidade de pessoas vítimas de violência no centro do Recife foi quase a mesma das que nunca sofreram nenhuma violência (tabela 4), sendo o assalto o tipo de violência mais comum (tabela 4).

Tabela 4–Vitimização e tipos de violência.

Tema	Tipos de violência	Quant	%	Mulheres	%	Homens	%
Vitimização	sim	36	49,3	24	51,1	12	46,2
	não	37	50,7	23	48,9	14	53,8
	Total	73	100	47	100	26	100
Tipos de violência	Assalto	16	44,4	6	25,0	10	83,3
	Constrangimento no espaço público	10	27,8	8	33,3	2	16,7
	Furto	9	25,0	9	37,5	0	0,0
	Violência	1	2,8	1	4,2	0	0,0
	Total	36	100	24	100	12	100

Fonte: A autora

Das dez pessoas que afirmaram ter sofrido constrangimento no espaço público, oito eram mulheres e dois homens. Os constrangimentos relatados pelas participantes foram: assédios sexuais, extorsões de guardadores de carro ou flanelinhas. Os relatos de constrangimento masculino foram o assédio sexual e homofobia.

Em relação à vitimização, 51,1 % das mulheres já sofreram algum tipo de violência no centro do Recife, dessas 37,5% foram furtadas, 33,3% passaram por algum constrangimento no espaço público e 25% foram assaltadas.

Percentual de vitimização dos homens foi 46,2%, sendo registrados apenas as ocorrências de assalto (83,3%) e o constrangimento no espaço público (16,7%).

Quando se relaciona os tipos de crime com a idade ou a renda dos respondentes, constatou-se que as vítimas femininas de assalto tinham entre 20 a 39 anos, já as masculinas abrangem uma faixa maior de idade, entre 20 e 59 anos.

A faixa de idade das mulheres que afirmaram ter sofrido constrangimento no espaço público foi entre 20 e 49 anos, já os homens foi entre 20 e 39 anos (tabela 11). As vítimas femininas de furto tem idade entre 20 a 59 anos e de violência entre 20 e 29 anos (tabelas 5 e 6).

Tabela 5 - Tipo de vitimização por idade - mulher

Tipos de vitimização por idade – MULHER	De 20 a 29 anos	De 30 a 39 anos	De 40 a 49 anos	De 50 a 59 anos
Assalto	1	5	0	0
Constrangimento no espaço público	3	4	1	0
Furto	1	4	2	2
Violência	1	0	0	0

Fonte: A autora

Tabela 6- Tipo de vitimização por idade - homem

Tipos de vitimização por idade - HOMEM	De 20 a 29 anos	De 30 a 39 anos	De 40 a 49 anos	De 50 a 59 anos
Assalto	3	4	2	1
Constrangimento no espaço público	1	1	0	0

Fonte: A autora

Do universo pesquisado, as vítimas femininas de assalto possuem uma renda de menos de dois até dez salários mínimos, as vítimas de furtos possuem uma renda que varia entre menos de dois até dez salários mínimos. O constrangimento no espaço público atingiu nesse grupo específico todas as faixas de renda (tabela 7).

Os assaltos foram mais comuns aos homens com renda menor que dois até vinte salários mínimos e o constrangimento vitimou os homens com renda entre quatro a acima de vinte salários mínimos (tabela 8).

Tabela 7- Tipo de vitimização por renda – mulher.

Tipos de vitimização por renda – MULHER	Até 2 SM	Entre 2 SM e 4 SM	Entre 4 SM e 10 SM	Entre 10 SM e 20 SM
Assalto	16	2	3	0
Constrangimento no espaço público	2	1	2	2
Furto	0	2	7	0
Violência	0	0	1	0

Fonte: A autora

Tabela 8- Tipo de vitimização por renda- homem

Tipos de vitimização por renda– HOMEM	Até 2 SM	Entre 2 SM e 4 SM	Entre 4 SM e 10 SM	Entre 10 SM e 20 SM
Assalto	2	0	4	4
Constrangimento no espaço público	0	0	1	1

Fonte: A autora

As mulheres solteiras e sem filhos sofreram todos os tipos de violência citados na pesquisa, enquanto que, as casadas com filhos foram vítimas de assalto, constrangimento no espaço público e furto (tabela 9). E os homens solteiros sem filhos e casados com filhos.

Tabela 9- Tipo de vitimização por idade – mulher.

Tipos de vitimização por ciclo de vida – MULHER	Solteira s/ filhos	Solteira c/filhos	Casada s/ filhos	Casada c/filhos
Assalto	4	1	0	1
Constrangimento no espaço público	4	0	0	3
Furto	6	2	0	1
Violência	1	0	0	0

Fonte: A autora

Tabela 10- Tipo de vitimização por renda- homem

Tipos de vitimização por ciclo de vida – MULHER	Solteira s/ filhos	Solteira c/filhos	Casada s/ filhos	Casada c/filhos
Assalto	7	0	0	3
Constrangimento no espaço público	1	0	0	1
Furto	7	0	0	3
Violência	1	0	0	1

Fonte: A autora

▪ Informações secundárias

Em relação ao conhecimento de vítimas de violência no centro do Recife, o quantitativo é bem diferente, 80% conhece alguém que já foi vítima de violência no centro, sendo o assalto e o furto mais frequentes (tabela 11).

Tabela 11 – Vitimização de terceiros e tipos de violência.

Tema	Tipos de violência	Quant	%	Mulheres	%	Homens	%
Vitimização de terceiros	Sim	57	86,3	37	78,7	20	76,9
	Não	16	9,6	10	21,3	6	23,1
	Total	73	95,9	47	100	26	100
Tipos de violência	Assalto	28	27,4	19	51,4	9	45,0
	Constrangimento no espaço público	6	47,9	4	10,8	2	10,0
	Furto	20	17,8	14	37,8	6	30,0
	Não informou	3	6,8	0	0,0	3	15,0
	Total	57	99,9	37	100	20	100

Fonte: A autora.

Quando a vítima foi um terceiro, 78,7% das mulheres e 76,9% dos homens afirmaram conhecer pessoas que foram vítimas de crimes no centro do Recife. As ocorrências relatadas pelas mulheres (ver tabela 11) foram o assalto (51,4%), seguido do furto (37,8%) e o constrangimento no espaço público (10,8%), enquanto que os homens relataram o assalto (45%) e o furto (30%).

Sobre os assédios sofridos por terceiros, relatados pelos homens, as ocorrências foram tentativas de roubos e assaltos e abordagens intimidadoras de pedintes. As mulheres relataram furto e extorsão de flanelinhas e tentativas de furto e roubo como mostra a transcrição a seguir:

Já vi várias vezes puxarem carteira nas paradas de ônibus, na hora que se junta aquele tumulto pra subir no ônibus eles encostam no empurra-empurra e levam as carteiras de homens e metem a mão na bolsa das mulheres. Uma vez vi um grupo de cheira colas correr e atacar um idoso (alvos fáceis) o primeiro derrubou o velhinho no chão, os outros dois que vinham atrás puxaram carteira, relógio, sacolas super rápido e saíram na mesma carreira... o pobre do velho ficou lá estendido sem saber nem o que tinha acontecido... meu próprio pai foi roubado na Dantas Barreto quando subia no ônibus... deram um puxão tão grande na carteira dele que rasgaram o bolso da calça. (Participante 31).

Sintetizando, que o percentual de vitimização entre os homens é maior que o das mulheres, o tipo de crimes mais sofridos por eles é o assalto e elas o furto. Sobre as informações secundárias o assalto foi o tipo de crime que mais ocorreu com os conhecidos das mulheres e dos homens no centro do Recife, as mulheres que conhecem alguma vítima chegaram a 78,7% e os homens 76,9%.

Capítulo 03

Por onde e como devem andar as mulheres no centro do Recife.

Este capítulo apresenta a análise das questões projetivas do questionário onde as/os participantes foram convidados a indicar caminhos seguros para mulheres no centro do Recife e apresentar estratégias de segurança para o uso do espaço público pela mulher. Dessa forma, pretende-se a partir das respostas estruturar um entendimento sobre a influência dos aspectos espaciais, sociais e temporais na construção do medo da mulher no espaço público.

3.1. Percursos seguros para as mulheres no centro do Recife

Os dados sobre a indicação de percursos seguros para as mulheres foram obtidos a partir da técnica projetiva onde o participante respondia a seguinte pergunta: Imagine que você está no Marco Zero (no Recife Antigo), às 17h30 e uma jovem mulher, turista, pede a sua orientação para ir a pé até a Estação do Metrô. Qual o caminho que você indicaria? Caso não saiba o nome das ruas, identifique

referenciais como edifícios, comércios, marcos para que a turista reconheça o seu caminho. Os percursos foram construídos a partir da imagem mental dos participantes, de referências vividas, guardadas na memória e informações secundárias, informações de terceiros e da mídia.

Especificamente nesse item optou-se em realizar além da análise de SSA a leitura dos percursos apontados pelas/pelos participantes. Logo, além da elaboração da matriz de dados necessária para o SSA, foi realizado um mapeamento em imagem de satélite e em seguida procedida a leitura dos percursos.

▪ **A análise do percurso segundo os aspectos espaciais e sociais.**

Para a análise dos percursos a partir dos aspectos espaciais e sociais requereu a espacialização dos mesmos, realizado na imagem de satélite. No momento da espacialização constataram-se quatro situações:

- Participantes que não indicaram o percurso alegando não conhecer os caminhos que levassem ao metrô (ex: *Não sei informar, não frequento o centro do Recife a ponto de saber informar um caminho*, participante 25);
- Participantes que orientaram a não andar na cidade no horário das 17h30 por achar perigoso e indicaram o uso do transporte público ou taxi (ex: *Eu diria pra ir de taxi, não indicaria nenhuma mulher ir andando sozinha, ainda mais estrangeira...* (Participante 2);
- Participantes que indicaram os caminhos incompletos ou confusos, impossibilitando o seu mapeamento;
- Participantes que indicaram caminhos completos possíveis de ser mapeados.

Indicaria que pegasse um táxi. Em outro horário indicaria o caminho, mas como o percurso é longo, complicado e esquisito, não indicaria (Participante 4).

Pegar um táxi e ir até a estação do metrô pois as ruas são escuras, sujas e estreitas (Participante 35).

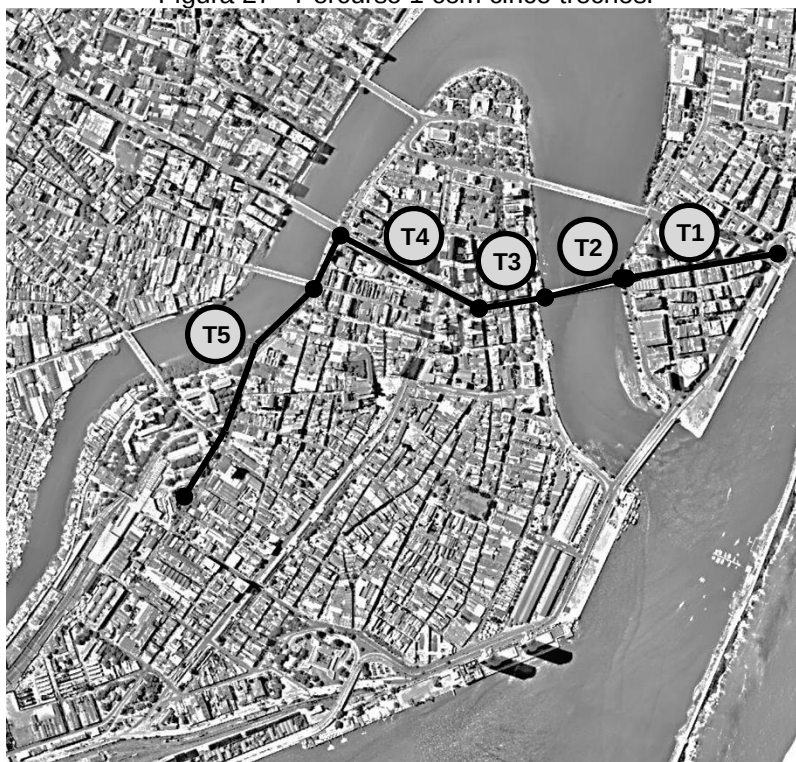
As respostas sobre o caminho a ser percorrido resultou em sete percursos completos, três deles foram propostos por mulheres e homens, dois pelas mulheres e dois pelos homens. A descrição foi realizada através do mapeamento dos percursos e após visitas aos locais, uma caracterização dos mesmos tendo como

referência de análise os aspectos espaciais e sociais. Os aspectos espaciais utilizados foram de natureza morfológica, de infraestrutura e usos e atividades. Os aspectos sociais restringiram-se a análise da presença ou ausência de pessoas circulando no local no horário estabelecido pela pergunta (17h30), ou seja, o fluxo de pessoas⁴⁴.

Percurso 01

As vias que estruturam o percurso são duas avenidas e uma rua na beira do rio. Estas são largas, com grandes campos de visão (foto 10 e 13). Nesse percurso existem muitas paradas de ônibus e o intenso uso comercial (lojas e ambulantes) e de serviços, por isso, é um percurso com grande fluxo de pessoas e veículos. (Figura 27).

Figura 27 - Percurso 1 com cinco trechos.



Fonte: Prefeitura do Recife, adaptado pela autora.

⁴⁴ Optou-se em não avaliar o tipo de pessoas existentes no local, pois o percurso e as respostas das questões projetivas sobre o mesmo, são de cunho pessoal e remetem a experiências vividas e informações secundárias de cada participante. Dessa forma, ao caracterizar as pessoas que estavam no determinado local em um determinado momento, poderia incorrer no erro da interpretação pessoal da pesquisadora.

As edificações possuem aberturas (portas, janelas e vitrines) voltadas para a rua. No primeiro trecho, as edificações possuem de três a dez pavimentos. Nos trechos 3, 4 e 5 encontram-se edificações tipo galeria(Foto 12) e edifícios implantados no paramento do lote (Fotos 9 e 11).

No primeiro e segundo trechos, as calçadas possuem bom estado de conservação e largura confortável para a circulação dos pedestres. Nos demais trechos as calçadas possuem largura variáveis, estado de conservação ruim e ocupadas por ambulantes e quiosques que dificultam a circulação.

A iluminação voltada para o pedestre está localizada nos trecho 1, 2 e parte do trecho 5, na beira rio (entre as pontes Duarte Coelho e Boa Vista). O lixo na rua é encontrado mais visível nos trechos localizados nos bairros de Santo Antônio e São José (T2, T3, T4 e T5), apesar da existência de lixeiras e da presença de garis.

Três praças estão nesse percurso, duas delas usadas como pontos de referência de orientação, a Praça da Independência (conhecida como Praça do Diário) e a Praça Joaquim Nabuco. Além das praças, esse percurso apresenta um rico repertório de marcos de referências citados pelos participantes: Banco Itaú, Correios, Loja Nagem, Antiga Estação Ferroviária e Casa da Cultura. Encontram-se aí marcos de referência histórica, comercial e de serviços.

Foto 9- Percurso 1/trecho1



Fonte: Google Earth (9/02/15)

Foto 10- Percurso 1/trecho2



Fonte: Google Earth (9/02/15)

Foto 11- Percurso 1/trecho3



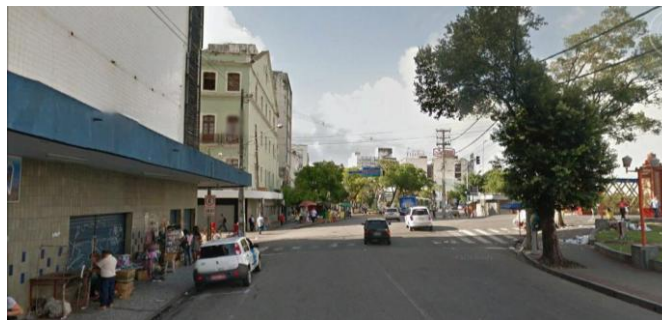
Fonte: Google Earth (9/02/15)

Foto 12- Percurso 1/trecho4



Fonte: Google Earth (9/02/15)

Foto 13- Percurso 1/trecho 5



Fonte: Google Earth (9/02/15)

Percurso 02

O percurso 2 é estruturado por ruas secundárias, porém largas e com amplos campos de visão, a Av. Rio Branco e a Rua Nova (foto 18).

Os três primeiros trechos (Av. Rio Branco, Ponte Buarque de Macedo e Rua do Imperador Pedro Segundo) predominam o uso institucional e serviços, contando apenas com poucos comércios (fotos 14 e 16). Do trecho4 ao trecho 6, da Rua 1º de Março até a estação do metrô, o uso predominante é comercial e de serviços, o que lhe garante um maior fluxo de pessoas circulando no local (foto 19).

Nos trechos 1, 2 e 3, as calçadas tem bom estado de conservação e largura confortável para a circulação de pedestre (fotos 14, 15 e 16). Do trecho quatro em diante, assim como no percurso 1, as calçadas possuem largura variável, estado de conservação ruim e ocupadas por ambulantes e quiosques que dificultam a circulação.

A iluminação voltada para o pedestre é encontrada apenas no trecho do Bairro do Recife e na ponte. Nos demais, a iluminação é voltada para o leito carroçável. O lixo é mais perceptível no final do trecho 3 em diante.

Na maior parte desse percurso encontram-se edificações com aberturas (portas, janelas e vitrines) voltadas para a rua. Nos trechos 1 e 3, as edificações possuem de três a doze pavimentos, implantados no paramento do lote. Nos trechos 4, 5 e 6, há edificações tipo galeria e edifícios implantados no paramento do lote.

Nesse percurso estão localizadas quatro praças, duas delas citadas como referência pelos participantes: Praça da República e Praça da Independência(foto 17). Outros pontos de referência citados: Ponte Buarque de Macedo e Teatro Santa Isabel.

Figura 28 - Percurso 2 com seis trechos.



Fonte: Prefeitura do Recife, adaptado pela autora.

Foto 14- Percurso 2/trecho1



Fonte: A autora.

Foto 15- Percurso 2/trecho2



Fonte: Google Earth (9/02/15)

Foto 16- Percurso 2/trecho3



Fonte: Google Earth (9/02/15)

Foto 17- Percurso 2/trecho4



Fonte: A autora

Foto 18- Percurso 2/trecho5



Fonte: A autora

Foto 19- Percurso 2/trecho6



Fonte: A autora.

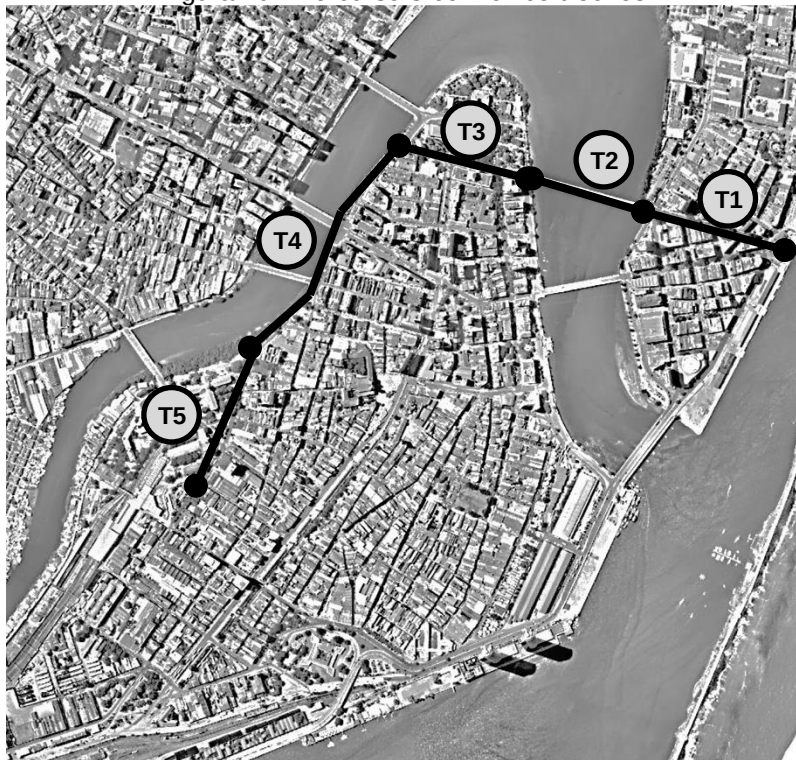
Percurso 3

O percurso 3 (figura 29) está estruturado sob vias largas e com amplos campos visuais (Avenida Rio Branco, Ponte Buarque de Macedo, rua da Praça da República, Rua do Sol e Rua Floriano Peixoto). Como mostram as fotos 20, 21 e 22.

Os trechos 1, 2 e 3 encontra-se o uso institucional e cultural. O fluxo de pedestre é pequeno, principalmente nas calçadas da Praça da República e do Teatro Santa Isabel. Nos trechos 4 e 5, devido as paradas de ônibus nas calçadas a margem do

rio Capibaribe e o uso comercial e de serviços, o fluxo de pessoas transitando é maior, principalmente a partir das 17h, na volta para casa (fotos 23 e 24).

Figura 29 - Percurso 3 com cinco trechos.



Fonte: Prefeitura do Recife, adaptado pela autora.

As calçadas localizadas nos trechos 4 e 5 possuem muitos ambulantes e quiosques que dificultam a passagem do pedestre, principalmente na calçada da Rua Floriano Peixoto, do lado do rio, próxima a Casa da Cultura, onde são vendidos em pequenos quiosques peixes ornamentais, o que também dificulta a vista para o rio e a circulação de pessoas.

No trecho 1, as edificações têm aberturas (portas e janelas) voltadas para a rua, com três a quinze pavimentos, implantados no paramento do lote. No trecho 3, de um lado está a Praça da República, do outro os prédios da Secretaria Estadual da Fazenda, Tribunal de Justiça de Pernambuco, Caixa Econômica Federal e o Liceu de Artes e Ofícios (fechado e sem uso). Estes, com janelas e portas voltadas para rua, porém, com pouca visualização entre a rua o espaço interno do prédio devido ao recuo no lote. Nos trechos 4 e 5, as edificações têm janelas e/ou vitrines voltadas pra rua, edificações implantadas no paramento do lote e edifícios galeria.

Assim como os dois percursos anteriores, a iluminação para o pedestre é encontrada apenas no Bairro do Recife. O maior acúmulo de lixo ocorre nos trechos dos bairros de Santo Antônio e São José. Nesse percurso estão localizadas três praças, sendo só uma utilizada pelos participantes como referência para orientação do percurso (Praça da República). Outros pontos referenciais citados foram o Teatro Santa Isabel e a Casa da Cultura.

Foto 20- Percurso 3/trecho1



Fonte: Google Earth (9/02/15)

Foto 21- Percurso 3/trecho2



Fonte: Google Earth (9/02/15)

Foto 22- Percurso 3/trecho3



Fonte: Google Earth (9/02/15)

Foto 23- Percurso 3/trecho4



Fonte: A autora

Foto 24- Percurso 3/trecho5



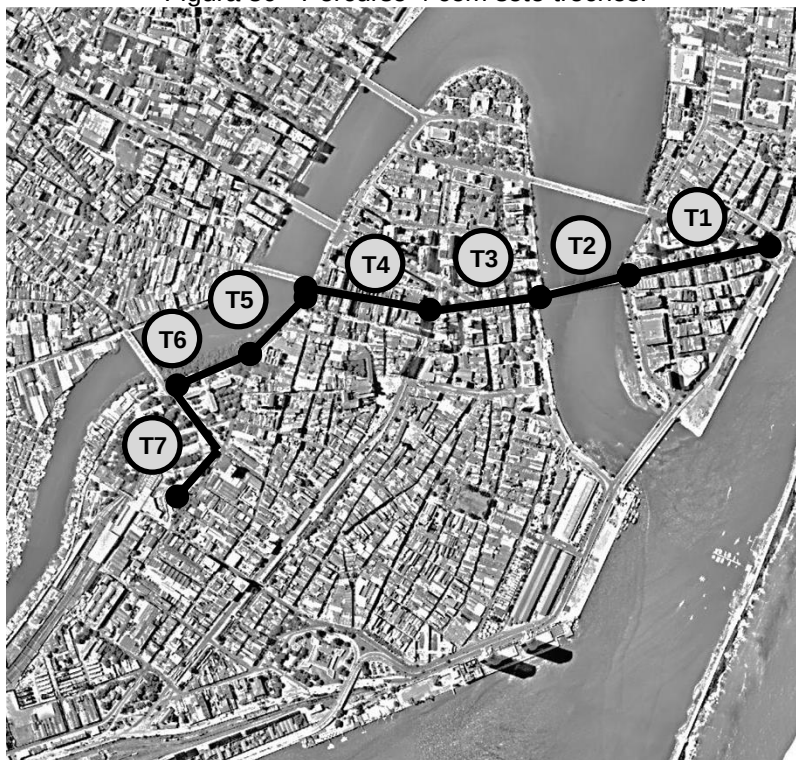
Fonte: A autora

Percurso 4

Para facilitar a leitura do percurso 4 (figura 30), o mesmo foi subdividido em sete trechos, sendo os três primeiros, semelhantes aos trechos 1, 2 e 3 do percurso 1.

Este percurso possui edificações de três a dez pavimentos, implantados no limite do lote ou edifícios galerias, com aberturas (portas, janelas e vitrines) voltadas para a rua (fotos 25 e 29).

Figura 30 - Percurso 4 com sete trechos.



Fonte: Prefeitura do Recife, adaptado pela autora.

Nos quatro primeiros trechos as calçadas possuem bom estado de conservação e largura confortável para a circulação dos pedestres (fotos 25, 26, 27 e 28). No trecho 7, as calçadas possuem largura variáveis, estado de conservação ruim e ocupadas por ambulantes e quiosques que dificultam a circulação (foto 31).

O trecho 6 contorna a Casa da Cultura pela margem do rio e passa em frente a antiga estação de trem. É um local com pouca circulação de pedestres e carros. De um lado está o rio com uma grande vegetação de mangue e do outro o gradil do estacionamento da Casa da Cultura (foto30).

A iluminação voltada para o pedestre está localizada nos trecho 1 e 2. O lixo na rua é encontrado mais visível nos trechos 3, 4, 5, 6 e 7.

Os pontos de referência elencados foram: Edifício do Banco do Brasil, Ponte Maurício de Nassau, Praça da Independência (Pracinha do Diário), Igreja de Santo Antônio e Casa da Cultura.

Foto 25- Percurso 4/trecho1



Fonte: Google Earth (9/02/15)

Foto 26- Percurso 4/trecho2



Fonte: Google Earth (9/02/15)

Foto 27- Percurso 4/trecho3



Fonte: Google Earth (9/02/15)

Foto 28- Percurso 4/trecho4



Fonte: Google Earth (9/02/15)

Foto 29- Percurso 3/trecho5



Fonte: Google Earth (9/02/15)

Foto 30- Percurso 3/trecho6



Fonte: A autora

Foto 31- Percurso 3/trecho7

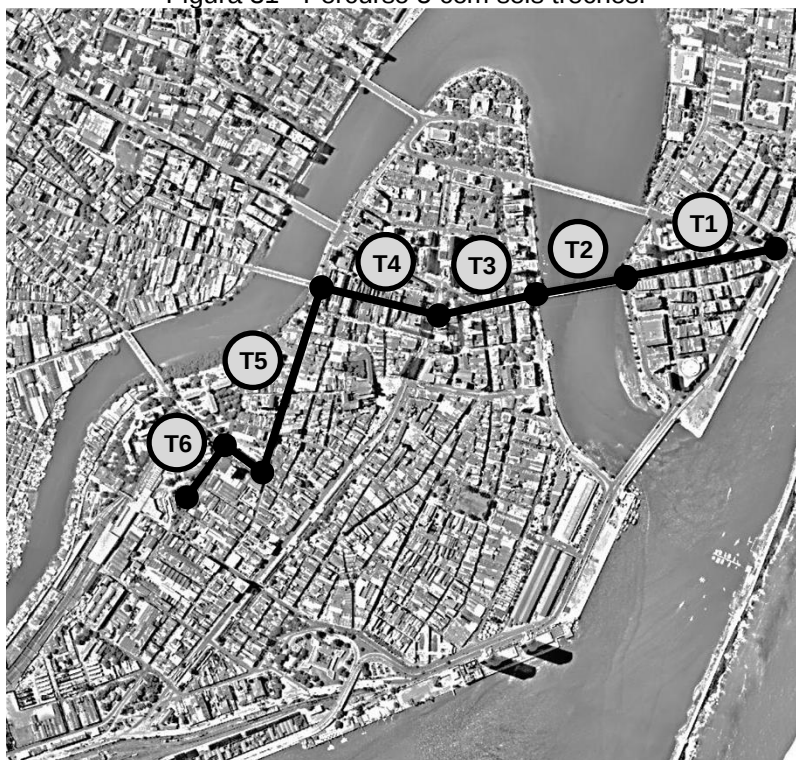


Fonte: A autora

Percurso 5

O percurso 5 (figura 31) foi subdividido em seis trechos, sendo os quatro primeiros semelhantes aos quatro primeiros do percurso 1 (fotos 32, 33, 34 e 35). O uso predominante é comercial e serviços, ruas movimentadas (pedestre e veículos), edifícios com aberturas voltadas para as vias indicadas no percurso. Nos trechos 1 e 2, calçadas em bom estado de conservação e favoráveis a circulação dos pedestres. Nos trechos 3 e 4, as calçadas possuem larguras variáveis, ocupadas por ambulantes e mal conservadas.

Figura 31 - Percurso 5 com seis trechos.



Fonte: Prefeitura do Recife, adaptado pela autora.

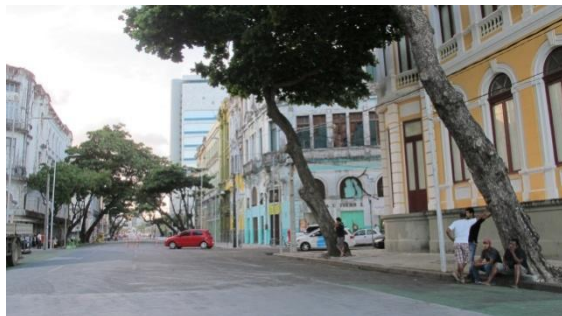
No percurso 5, Rua da Palma (foto 36), predomina o uso comercial. É uma via estreita do percurso onde as lojas são voltadas para a rua, os prédios possuem de um a quatro pavimentos.

A circulação de pedestres nas calçadas é prejudicada pelos ambulantes, principalmente os vendedores de comida (muitos deles localizados nas esquinas) com maior quantidade de lixo acumulado. A iluminação é voltada para o espaço dos carros.

O trecho 6 (foto 37), Rua Floriano Peixoto, possui um intenso fluxo de pessoas devido ao Metrô. Os pedestres circulam com dificuldade devido ao fluxo de pessoas e a presença de ambulantes.

Os pontos de referência citados foram: Ponte Maurício de Nassau, Praça da Independência (Pracinha do Diário) e Igreja de Santo Antônio.

Foto 32- Percurso 5/trecho1



Fonte: A autora

Foto 33- Percurso 5/trecho2



Fonte: A autora

Foto 34- Percurso 5/trecho3



Fonte: Google Earth (9/02/15)

Foto 35- Percurso5/trecho4



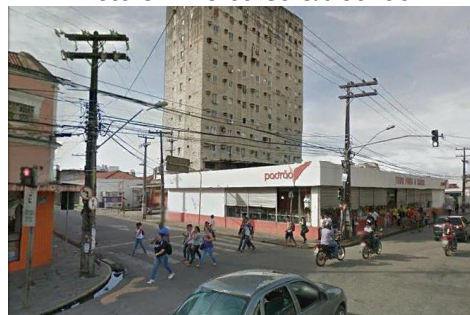
Fonte: Google Earth (9/02/15)

Foto 36- Percurso 5/trecho5



Fonte: Google Earth (9/02/15)

Foto 37- Percurso 5/trecho6

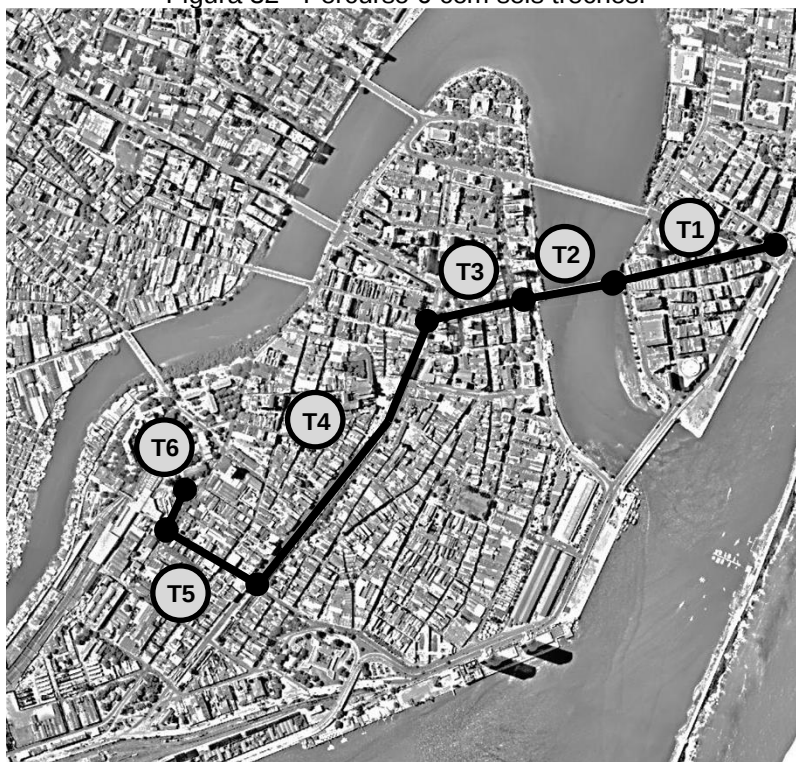


Fonte: Google Earth (9/02/15).

Percurso 6

O percurso 6 é formado por seis trechos (figura 32), sendo os três primeiros, comuns a outros percursos 1,4 e 5 (fotos 38,39 e 40). A Av. Dantas Barreto (trecho 4, foto 41) é um marco de referência para toda a cidade por ser uma avenida onde se concentram várias paradas de ônibus, o largo da Igreja do Carmo (palco de manifestações políticas e religiosas), um comércio popular bastante vivo devido a presença de lojas, ambulantes e o camelódromo. Este último, uma grande edificação de nove blocos, localizado no centro da Avenida, que concentra vários quiosques que comercializam roupas, artigos eletrônicos, esportivos, bolsas, brinquedos. O fluxo de pessoas não é distribuído uniformemente nesse trecho, ele é maior próximo ao trecho 3 e vai diminuindo ao se aproximar do trecho 5.

Figura 32 - Percurso 6 com seis trechos.



Fonte: Prefeitura do Recife, adaptado pela autora.

As calçadas são largas, mas muitas vezes ocupadas por ambulantes, o que dificulta a circulação de pedestres. Além dos pontos de ônibus, ao longo da via encontram-se pontos de táxi e estacionamento para carros de passeio e motocicletas.

No trecho 5 (Ruas São João e Lambari), o uso predominante continua sendo o comércio e serviços, porém diferente dos trechos 3 e 4, as lojas nem sempre estão voltadas para a rua e existem trechos com paredões (foto 42). Também se destaca a presença de edifícios empresariais, sem comércio voltado para a rua.

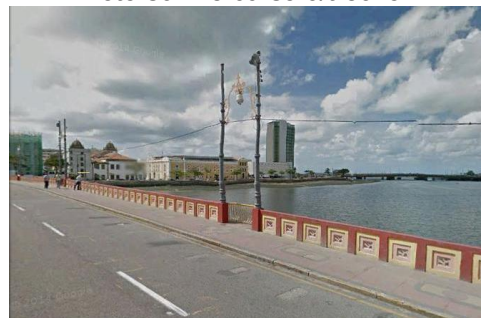
No trecho 6 o uso comercial ainda predomina, contudo em menor quantidade. As edificações são voltadas para a rua e existe trecho com paredões (foto 43).

Foto 38- Percurso 6/trecho1



Fonte: Google Earth (9/02/15)

Foto 39- Percurso 6/trecho2



Fonte: Google Earth (9/02/15)

Foto 40- Percurso 6/trecho3



Fonte: A autora.

Foto 41- Percurso 6/trecho4



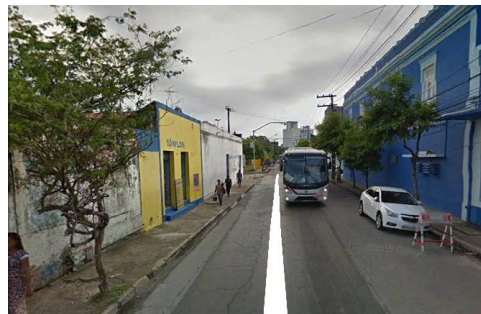
Fonte: A autora.

Foto 42- Percurso 6/trecho5



Fonte: Google Earth (9/02/15)

Foto 43- Percurso 6/trecho6

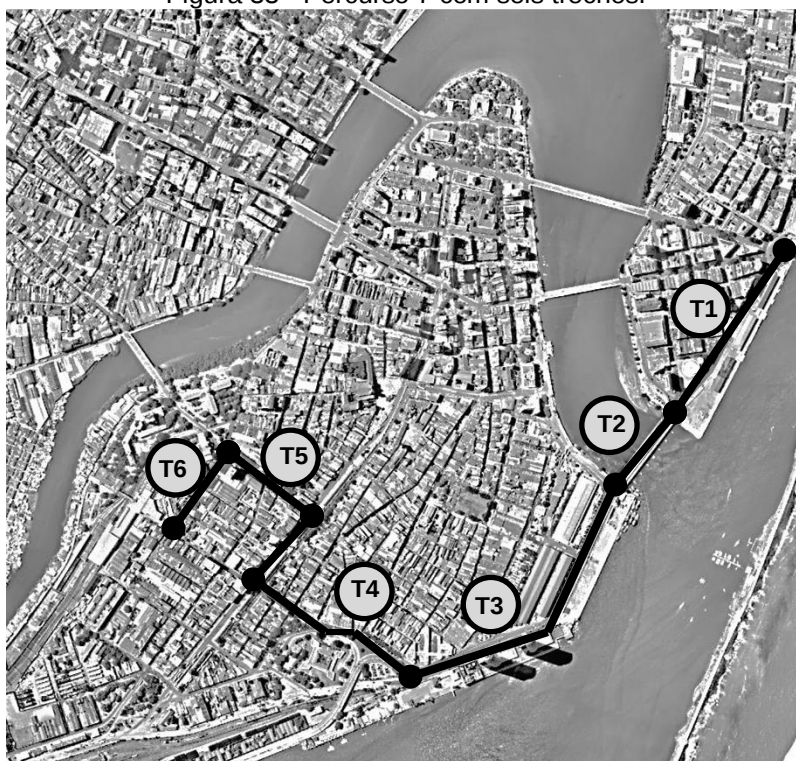


Fonte: Google Earth (9/02/15)

Percurso 7

O percurso 7 (figura 33) está estruturado a partir da via de entrada e saídas de veículos do Bairro do Recife para a zona sul do município, sendo utilizado também como local de passagem de pessoas que vem de municípios ao norte da Região Metropolitana para os do sul. Por isso, esta via é caracterizada por fluxo intenso de veículos principalmente no início da manhã e final de tarde.

Figura 33 - Percurso 7 com seis trechos.



Fonte: Prefeitura do Recife, adaptado pela autora.

No trecho 1 (foto 44) de um lado da via têm-se edifícios antigos e modernos implantados no paramento do lote, com algumas aberturas voltadas para a rua e um posto de gasolina. Apesar do uso predominante institucional e serviços o fluxo de pedestre é pequeno. Da mesma forma o outro lado da via, encontramos os antigos armazéns do porto onde funcionam restaurantes, também foi constatado um pequeno fluxo de pedestres, pois a frente dos estabelecimentos estão voltados para o mar.

A antiga ponte giratória (foto 45) possui quatro faixas de carros, um canteiro central, calçadas dos dois lados, além de uma faixa de ferrovia separada por uma mureta. A

iluminação existente é feita por postes de iluminação localizados no canteiro central e voltados para os veículos, não existindo iluminação para os pedestres. No final da tarde vê-se um fluxo de pessoas saindo do Bairro do Recife em direção aos terminais de ônibus localizados no Cais de Santa Rita no Bairro de São José, bem como de automóveis em direção à zona sul do município.

No trecho 3 se encontram edificações de grande porte dos dois lados da via e estacionamento de carros de passeio e caminhões dos dois lados da via (foto 46). É um trecho com diminuto fluxo de pedestre, onde quem acessa os serviços e o comércio ao longo da via o faz de carro. A iluminação é voltada para o trecho de veículos, não existindo nenhuma preocupação com os pedestres, nem mesmo em frente dos únicos edifícios residenciais existente na mesma. As calçadas se encontram em bom estado de conservação e não existe uma faixa de pedestre que possibilite a travessia da via. Identifica-se apenas um pequeno comércio irregular (fiteiro) e não existem paradas de ônibus.

No trecho 4 (foto 47) se localiza o Forte das Cinco Pontas de um lado e do outro um estacionamento de carros e pequenas lojas de utensílios domésticos, eletrodomésticos, roupas e produtos para festas, paradas de ônibus e quiosques que favorecem o maior fluxo de pessoas. O estado de conservação das calçadas é ruim com buracos e pontos de lixo.

Após o Forte das Cinco Pontas, além do comércio também foram identificados alguns pequenos restaurantes e bares. Por volta das 18h, a praça da Rua São João é um local de passagem, com poucas pessoas sentadas nos bancos. Na rua São João, se encontram pequenos restaurantes e bares, o que ocasiona a presença de homens bebendo na calçada. À medida que se aproxima da Av. Dantas Barreto o comércio dá lugar aos serviços.

O trecho da Av. Dantas Barreto indicado no percurso tem uso predominante de comércio e serviços, de um lado há edifícios de até dez pavimentos, paradas de ônibus e pequenos quiosques. O trecho 5, a via Dr. Bartolomeu Anacleto (fotos 48 e 49) é uma rua estreita e com grande parte das edificações sem aberturas para a via, com pequenos bares e lanchonetes que invadiram o espaço público, mais próximo à

estação de Metrô, a rua possui lojas de parafusos e peças de motocicletas. É nesse trecho da rua os carros estão estacionados dos dois lados da via e devido a má conservação e largura das calçadas, as pessoas circulam no meio da via. Grande parte dos prédios possui apenas o pavimento térreo.

No Bairro do Recife e na ponte as calçadas estão em melhor estado de conservação e nos deparamos com iluminação que prioriza o pedestre. Nos demais trechos as calçadas ou estão em péssimas condições para o tráfego dos pedestres ou possuem obstáculos como mobiliários urbanos mal posicionados ou ambulantes.

Foto 44- Percurso 7/trecho1



Fonte: Google Earth (9/02/15)

Foto 45- Percurso 7/trecho2



Fonte: Google Earth (9/02/15)

Foto 46- Percurso 7/trecho3



Fonte: Google Earth (9/02/15)

Foto 48- Percurso 7/trecho5



Fonte: Google Earth (9/02/15)

Foto 47- Percurso 7/trecho4



Fonte: Google Earth (9/02/15)

Foto 49- Percurso 7/trecho6



Fonte: Google Earth (9/02/15)

Apresentados os percursos indicados pelos participantes, parte-se para a análise SSA das respostas projetivas que dizem respeito a estes caminhos seguros para as mulheres indicados por elas e pelos homens.

Análise SSA

Para a Análise da Estrutura de Similaridade (SSA) dos percursos indicados pelos(as) participantes, partiu-se da análise de frequência das palavras chaves oriundas das setenta e três respostas que foram agrupadas de acordo com a natureza de similaridade. Dessa forma, foram identificadas sete categorias de análise: Referencial Histórico (Ref.Hist.); Referencial Urbano (Ref. Urba); Ruas secundárias (RuasSecu); Ruas principais (RuasPrin); Praças; Ponte e rio (PonteRio); Referencial comercial e de serviços (Ref.Come). Essas categorias foram analisadas a partir da Matriz de Coeficiente de Similaridade (apêndice 2) e da projeção do SSA 2D (figura 34).

Os resultados apresentados na projeção mostram duas regiões de similaridade, uma com maior número de elementos e outra com menor. Na primeira região exibe uma correlação entre cinco categorias: praças, pontes/rio, ruas principais, ruas secundárias e referencial histórico. Ou seja, indicações de percursos baseados no espaço público, como mostra o percurso indicado pelo participante 68.

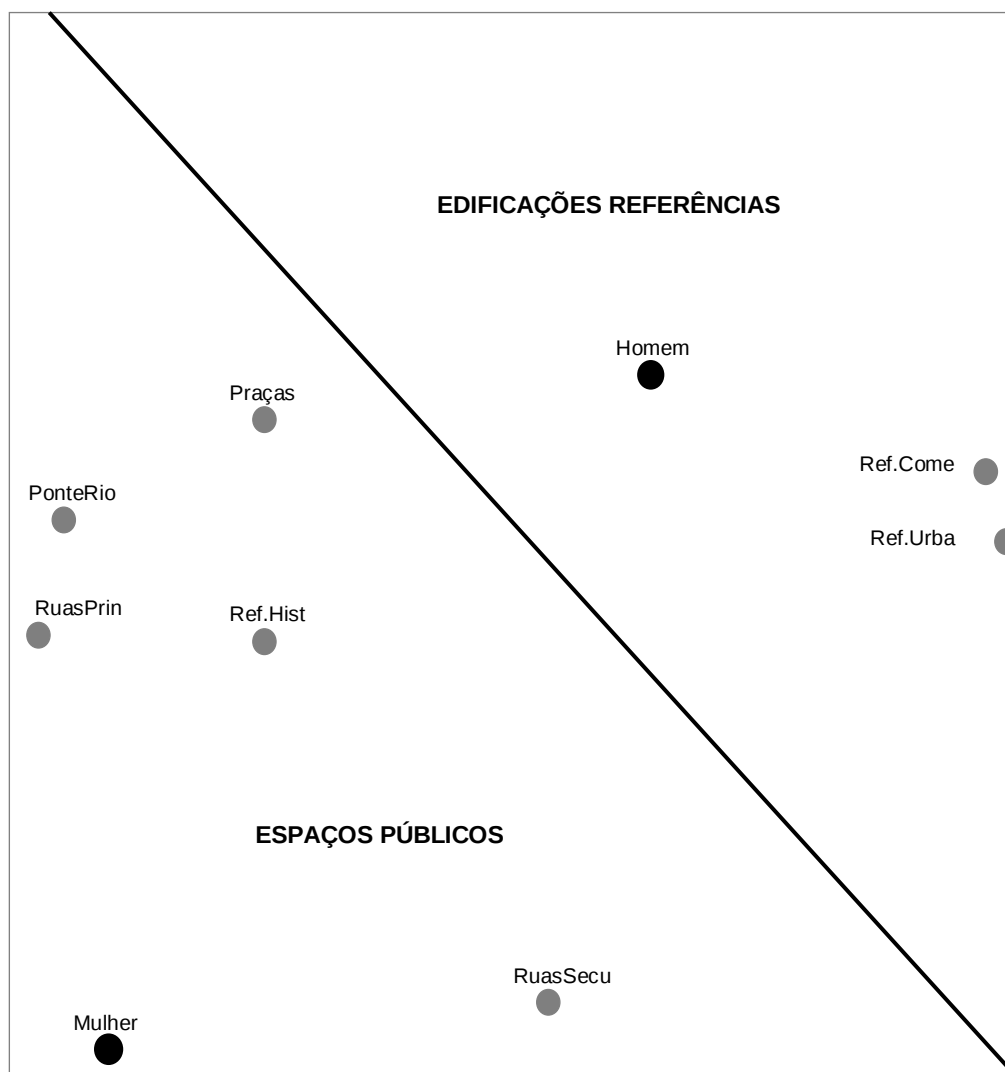
Siga direto pela Rua Marquês de Olinda. Atravesse a Ponte Maurício de Nassau e vá em frente pela avenida principal. Passe pela Praça do Diário e siga direto pela Av. Guararapes até chegar ao Rio, na Rua do Sol. Dobre à esquerda e siga direto beirando o rio pela principal (Rua do Sol). Passe pela Casa da Cultura, e após a Estação Central e Trens (em obras) vire à direita que está na Estação Central de Metrô.

A segunda região apresenta apenas duas categorias, referencial comercial e de serviços e referenciais urbanos, ou seja, os percursos são orientados a partir de edificações referenciais como lojas e prédios, como exemplifica a resposta do participante 61.

Do Marco Zero apontaria a ponte que leva ao terminal do Cais, e recomendaria que de lá ela seguisse direto pelas torres gêmeas até chegar no Forte de Cinco Pontas. Do Forte ensinaria que seguisse por qualquer uma das ruas que

desembocasse no Forte a sua direita até chegar na Dantas Barreto, usando como referência os quiosques com as caixas d'aguas pontudas ao longo da avenida. Chegando lá ensinaria a ela a continuar a seguir caminho mantendo o fluxo pelas ruelas ate que ela se deparasse com a antiga estação, ou se errasse muito a mão, com o prédio do Antigo Presídio.

Figura 34- Projeção SSA 2D - Percurso seguros para as mulheres no centro do Recife.



Fonte: Análise SSA das respostas da pergunta 1.

Quando se inseriu as variáveis externas relacionadas a gênero, os resultados apresentados na Matriz e na projeção apontam para formas de construção dos percursos distintos entre mulheres e homens. A Matriz nos mostra que categoria referente a pontes e rios (PonteRio) obteve o maior coeficiente de similaridade no grupo feminino, seguidos de Ruas secundárias e principais (RuasSecu e RuasPrin), Referencial histórico (RefHist), Praças, Referencial comercial (RefCom) e urbano

(RefUrba). O que foi confirmado na projeção 2D, onde a distância entre o ponto mulher e as três primeiras categorias citadas anteriormente eram menores do que em relação às demais (figura 34).

Os homens elaboram seus percursos a partir de edificações referenciais: edifícios comerciais e de serviços, praças e pontos de referência urbanos como o terminal urbano de ônibus no Cais de Santa Rita. As ruas (principais e secundárias) e pontes obtiveram os menores coeficientes de similaridade e com distâncias menores com as três primeiras categorias e maiores em relação às três últimas.

A projeção também mostra um maior número de categorias próximas à mulher, o que pode demonstrar uma preocupação em descrever com maiores detalhes o percurso a ser percorrido.

Visto isso, entende-se que, apesar da escolha de caminhos similares entre mulheres e homens, os mesmos são elaborados de formas distintas. Ou seja, dentro do universo de participantes da pesquisa, existe uma forma diferente de orientação entre mulheres e homens no espaço público.

3.2. As estratégias de uso do espaço público no centro do Recife para as mulheres.

Nesse item ressaltam-se as estratégias de segurança da mulher no uso do espaço público a partir das perguntas:

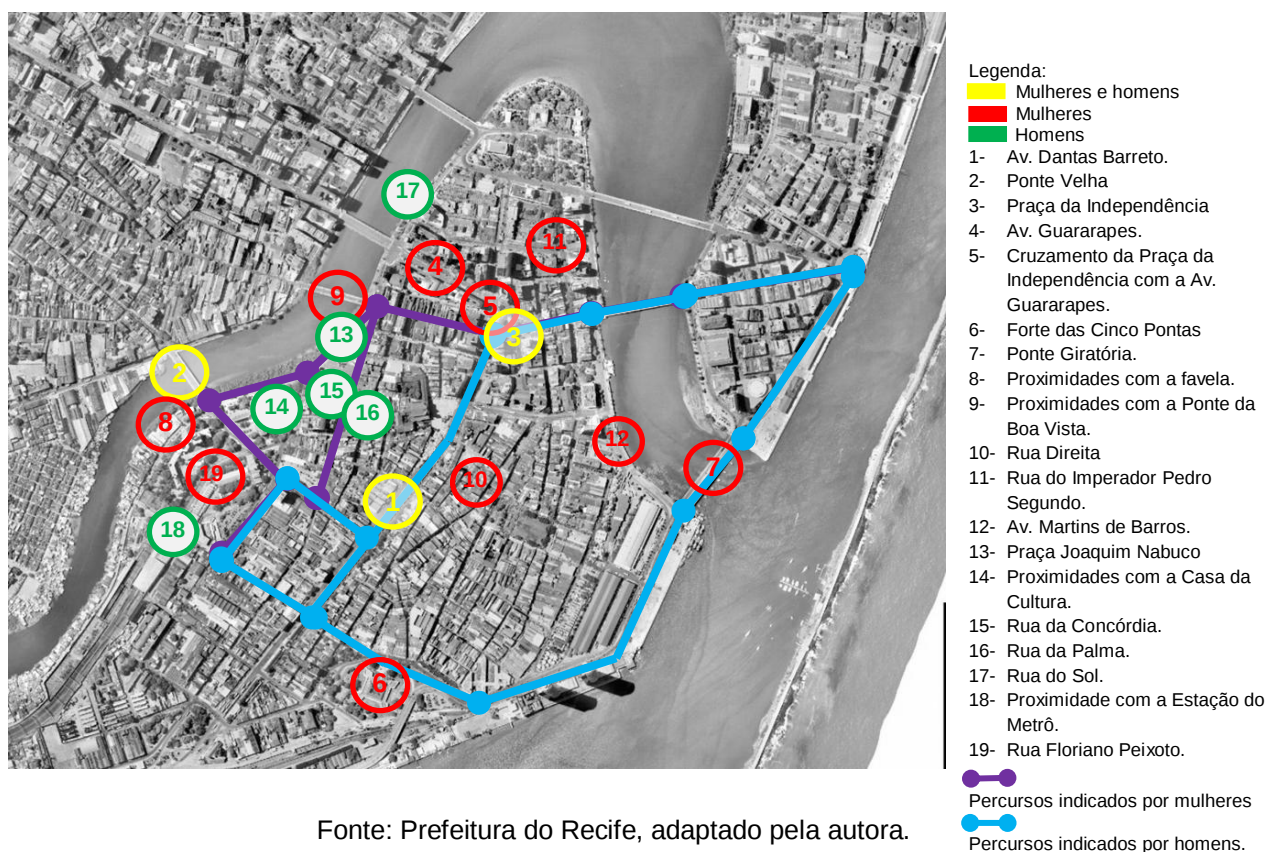
- Que recomendações que você daria em relação a que locais ela deve evitar? Por quê?
- Situações ou tipo de comportamento que deve evitar. Por quê?
- Tipos ou grupos de pessoas que deve ter cuidado. Por quê?

Assim como o item anterior, para cada pergunta foram identificadas categorias resultantes da análise de frequência de palavras chaves oriundas das respostas dos participantes. Em seguida, realizada a análise da estrutura de similaridade e o agrupamento em categorias.

3.2.1. As recomendações sobre os locais que as mulheres devem evitar

Os participantes indicaram dezenove locais que deveriam ser evitados pela jovem turista, desses, três foram indicados por mulheres e homens, dez pelas participantes mulheres, seis pelos homens (figura 35). Dos locais indicados por ambos os sexos, a Praça da Independência está contida nos percursos femininos e masculinos e Av. Dantas Barreto está presente nos caminhos indicados pelos homens.

Figura 35- Locais considerados perigosos para os participantes.



Situação semelhante ocorre com seis dos dez locais recomendados para serem evitados pelas mulheres. Apesar de significar lugares perigosos ou que devem ter cuidado ao transitar por eles, as mulheres os incluíram nos percursos. São eles: a Rua do Imperador Pedro Segundo, Av. Guararapes, proximidades com a favela junto à Ponte Velha, esquina da Praça da Independência com a Av. Guararapes, proximidades com a Ponte da Boa Vista (ou ponte de ferro) e Rua Floriano Peixoto.

Os outros locais indicados pelas participantes e que não estão nos percursos foram: Ponte Giratória, o Forte das Cinco Pontas, Av. Martins de Barros e Rua Direita. Estes quatro últimos com características espaciais e sociais distintas, o que pode levar a interpretação que a indicação dos elementos foi guiada ou por experiências vividas nesses locais ou informações secundárias sobre eles.

Dos locais indicados pelos homens, quatro estão contidos nos percursos indicados como seguros para a jovem turista. São eles: Praça Joaquim Nabuco, proximidades da Casa da Cultura, da estação do metrô e Rua do Sol. Já as ruas da Concórdia e da Palma foram mencionadas como locais que devem ser evitados e não foram incluídos nos percursos indicados por esse grupo. A semelhança entre essas duas últimas é a quantidade de pessoas circulando, ou seja, ruas tumultuadas para os homens da nossa amostra e que apresentam perigo.

As respostas sobre os locais que deveriam ser evitados não se restringiram apenas às indicações, pois os participantes citaram elementos de natureza espacial, social e de comportamento. Estes, objetos de análise do SSA através da matriz de coeficiente de similaridade (apêndice 3) e a projeção 2D (figura 36).

Ao todo foram identificadas onze categorias, dessas, cinco relacionadas à natureza espacial: ruas estreitas, ruas curtas, ruas sem iluminação, praças e pontes. Seis as categorias de natureza social, sendo duas relacionadas ao local: quem ocupa (tipo de pessoas) e como ocupam (quantidade de pessoas que ocupam o espaço e presença de vigilantes).

As duas categorias sociais relacionadas ao indivíduo revela como a mulher deve estar no espaço público: ou acompanhada ou ausente do mesmo. Nesse último caso, a negação do espaço público, a turista foi recomendada a não andar a pé pelo centro do Recife, devendo utilizar táxi ou ônibus. Como exemplo, se vê as seguintes respostas:

Ruas escuras e sem segurança, por isso é melhor ir de táxi ou ônibus (Participante 2).

Não cortar caminho por dentro de ruas menores, principalmente à noite, por ser pouco movimentadas e pouco iluminadas. Se por acaso ela quisesse ir do Marco

Zero ao metrô, indicaria pegar um táxi, pois ir caminhando pela Avenida Guararapes à noite é perigoso (Participante 11).

Diria para evitar andar sozinha à noite pelo centro, evitar ruas com pouco movimento e mal iluminadas (Participante 34).

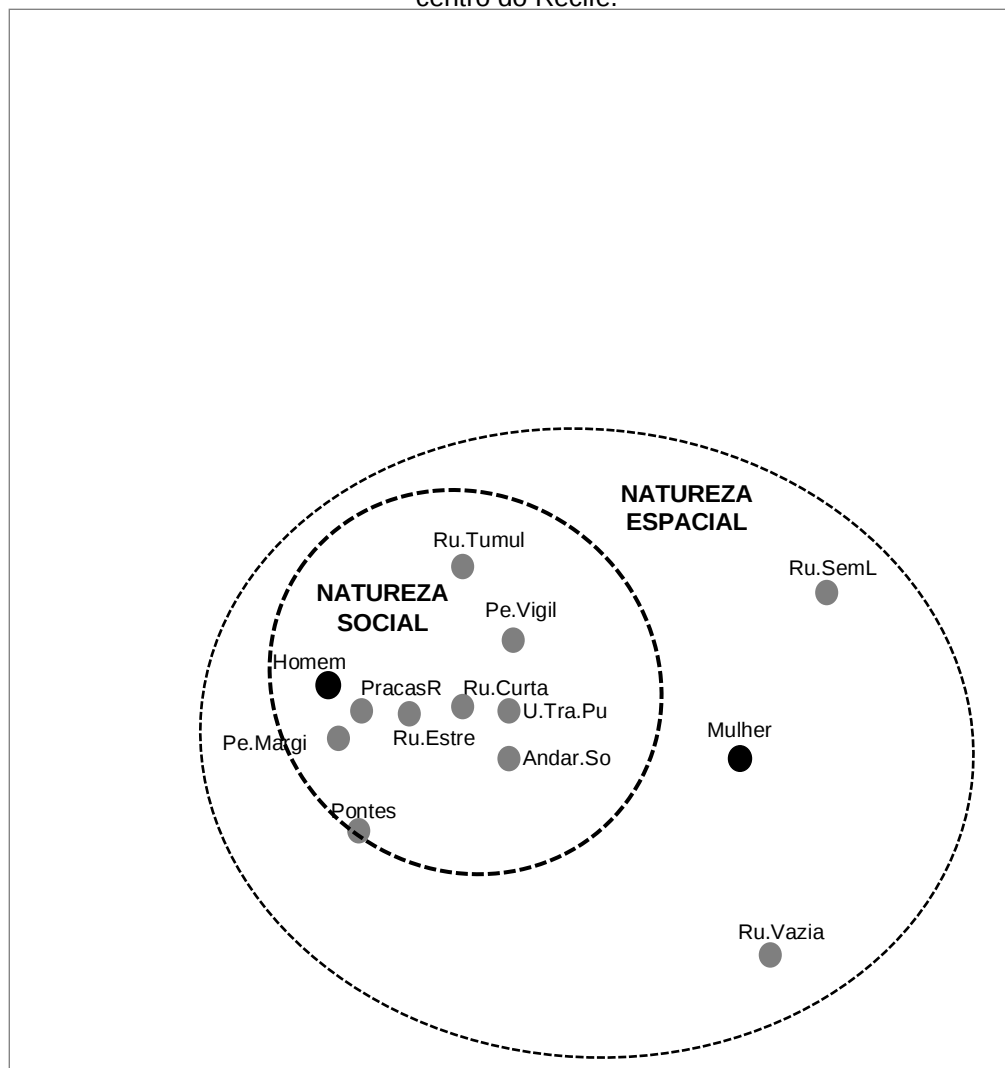
A figura 36, projeção 2D representa as recomendações de locais que as mulheres devem ter cuidado no centro, apresentando duas áreas, um círculo interno com grande parte das categorias e um externo com menor número de categorias. O círculo menor representa um consenso sobre aspectos espaciais e sociais de locais que as mulheres devem evitar.

Ruas curtas e estreitas, pontes e praças fazem parte dos aspectos espaciais de natureza morfológicas citados pelos(as) participantes. Na maioria das respostas, as ruas curtas e estreitas relacionavam-se à deficiência na infraestrutura (iluminação) para receber os usuários e possibilidade de uma menor circulação de pessoas havendo a associação entre aspectos espaciais e sociais.

As pontes foram identificadas como locais vulneráveis, pois em casos de assalto, a vítima não dispõe de possibilidade de fuga, além disso, servem de ligação entre locais que podem oferecer perigo. Por sua vez, as praças foram colocadas como locais onde existe um maior risco de assalto e de encontrar com pessoas marginalizadas e que podem oferecer algum perigo, como as prostitutas.

Os aspectos sociais estão relacionados a quem e como é ocupado o espaço público. Espaços públicos onde existe a possibilidade de encontro com pessoas marginalizadas (moradores de ruas ou prostitutas), de pouco movimento e sem vigilância, são locais que as mulheres devem evitar no centro do Recife.

Figura 36- Projeção SSA 2D – Recomendações de locais que as mulheres devem ter cuidado no centro do Recife.



Fonte: Análise SSA das respostas da pergunta 2.1.

Na projeção SSA 2D, o círculo externo contém três categorias, sendo duas delas relacionadas a aspectos sociais e quantidade de pessoas presentes no espaço público, enquanto que a terceira é a categoria espacial, relacionada à infraestrutura (figura 36). O cuidado com locais onde há falta de iluminação parece ser uma importante recomendação a ser dada para as mulheres no centro do Recife, como mostram as transcrições abaixo.

Evitar lugares com poucas pessoas e pouca iluminação, pois são locais que podem ocorrer assaltos. (Participante 11)

Siga sempre por locais iluminados e com bom fluxo de pessoas para se proteger de assaltos e abordagens. (Participante 48).

A quantidade de pessoas circulando no espaço público também é recomendação importante, porém nas respostas encontram-se duas visões: recomendações para evitar ruas movimentadas e recomendações para evitar ruas pouco movimentadas. Nesses casos, provavelmente, as opiniões não são contrárias, mas sim direcionadas ao tipo de crime, por exemplo, ruas tumultuadas podem favorecer ao furto, como exemplificado nas respostas desses dois participantes.

Evitar as ruas muito tumultuadas, como a rua da Concórdia e as proximidades do Camelódromo, devido ao tumulto (Participante 53).

Evitar circular pelas ruas desertas e com pouca circulação de pessoas. Procurar as vias de maior circulação de pessoas, veículos, etc. (Participante 58).

Por outro lado, alguns participantes afirmaram não ter problema andar no centro devido ao fluxo de pessoas existente e justificaram a resposta alegando que esse horário (17h30) coincide com a saída do trabalho e volta para casa, como ilustra a seguinte resposta: Nesse horário é tranquilo transitar, pois está bastante movimentando em virtude da saída das pessoas do trabalho pra casa (participante 5).

Ao inserir as variáveis externas, mulher e homem, a projeção mostra que as mulheres recomendam evitar ruas vazias, sem iluminação, usar o transporte público ou o táxi e não andar só. Ou seja, na amostra deste estudo, as mulheres apresentaram uma maior preocupação com os aspectos sociais e comportamentais que os espaciais. Já as recomendações masculinas mais frequentes, com maior índice de similaridade, estão relacionadas aos aspectos espaciais, evitar ruas estreitas, pontes e praças.

3.2.2. Situações ou tipos de comportamento que as mulheres devem evitar.

Para a análise da estrutura de similaridade das recomendações em relação ao comportamento seguro que as mulheres devem ter no espaço público, foram identificadas seis categorias, três de natureza comportamental, duas espaciais e a última denominada outros⁴⁵.

⁴⁵ A categoria outros é constituída de palavras cuja frequência foram inferior a dois, ou seja, duas vezes mencionados pelos participantes, por isso agrupados em uma só categoria.

O coeficiente de similaridade especializado na projeção 2D (figura 37) mostra duas regiões, uma com elementos de natureza comportamental e outra espacial. A primeira região exibe uma correlação entre duas categorias: ter cuidado com a bolsa e andar sem expor objetos de valor, ou seja, comportamentos em relação como andar no espaço público de forma a defender o patrimônio pessoal.

É relevante observar que as estratégias de defesa dos bens são colocá-los próximos ao corpo como mostram as respostas das/dos participantes.

Andar sempre atenta, com a bolsa bem colada ao corpo e sem aparentar possuir equipamentos eletrônicos como máquina, filmadora, tablet, etc. (Participante 13).

Ficar atenta à bolsa e sacolas: andar com elas fechadas e com seus fechamentos próximos ao corpo – furto (Participante 16).

Colocar os pertences (bolsa, etc.) pra frente do corpo e segurar com firmeza, não andar com equipamentos (celular, maquina fotográfica, etc.) à vista, não andar com carteira no bolso traseiro (Participante 58).

A segunda região da Figura 37 apresenta recomendação sobre por onde andar, caracterizando categorias de natureza espacial. Mais uma vez é mencionada a preocupação com a quantidade de pessoas circulando no espaço público e a infraestrutura que esse oferece (iluminação).

Quando se faz uma análise de gênero na matriz de coeficiente de similaridade (apêndice 3) e na projeção, apresenta-se uma correlação mais próxima entre as categorias que recomendam ter cuidado com o patrimônio pessoal, ter cuidado com a bolsa ou não expor objetos de valor.

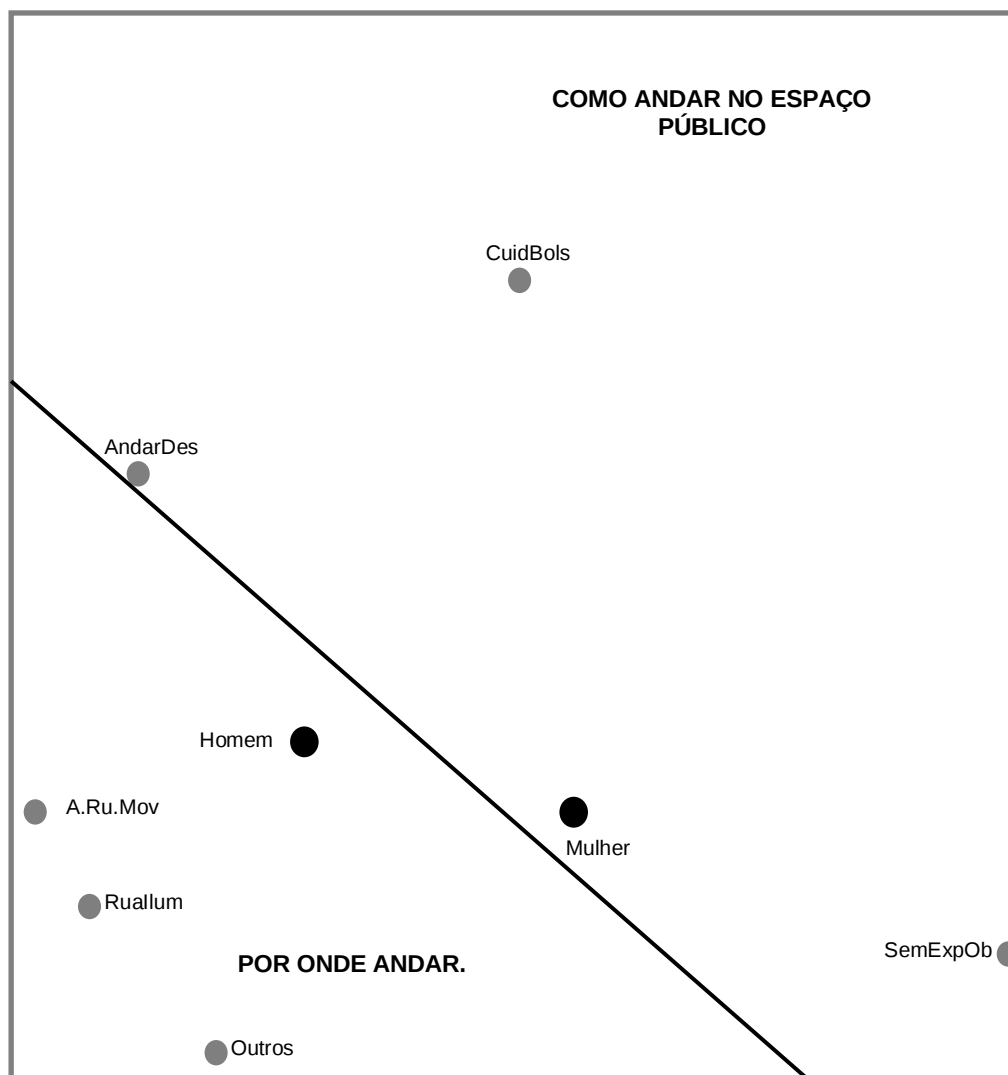
As respostas masculinas estavam mais relacionadas aos locais em que as mulheres devem andar, ruas iluminadas e com movimento de pessoas, bem como a forma de andar. Esta última ressalta-se por mostrar, em algumas respostas, os tipos de recomendações de como a mulher deve estar e usar o espaço público de forma segura. Sempre em alerta e às vezes tornando-se invisível, como mostra as três respostas masculinas abaixo.

Olhe sempre pra trás para perceber se tem alguém lhe seguindo, para evitar tarados. Guarde relógios, pulseiras, colar para evitar bote de cheira-cola (Participante 60).

Evitar mostrar que leva coisas de valor, tentar caminhar sem fazer muito barulho com as sandálias e ser rápida (participante 61).

Não demonstrar desorientação, andar sempre em marcha (Participante 64).

Figura 37- Projeção SSA 2D – Situações ou tipos de comportamento que as mulheres devem evitar.



Fonte: Análise SSA das respostas da pergunta 2.2.

3.2.3. Tipos de pessoas que as mulheres devem evitar.

Na análise de frequência das respostas sobre os tipos de pessoas que se deve evitar ou que podem oferecer perigo às mulheres, verificou-se que algumas respostas estavam relacionadas como as pessoas se encontravam no espaço

público, sozinhas ou em grupos, o que levou a criar duas categorias que contemplassem esse aspecto. O mesmo aconteceu em relação à idade das pessoas identificadas como perigosas, foram frequentes palavras como: crianças e adolescentes e menores de idade. Assim, criaram-se as categorias criança/adolescente e adultos. As demais categorias foram criadas a partir da análise de frequência que foram citadas, são elas: drogados, oportunistas, moradores de rua, trombadinhas, torcedores, prostitutas, estranhos, bêbados e outros.

A categoria drogados abrange os usuários de crack e de cola, os cheira-colas. Os oportunistas são as pessoas em situação suspeita a espera de uma oportunidade para cometer um delito. Na categoria moradores de rua foram inclusos pedintes e mendigos. Trombadinhas, normalmente crianças ou adolescentes que realizam furtos. Torcedores, homens com camisas de time que normalmente andam em grupo. Na categoria de prostitutas também estão inclusos as travestis. A categoria estranhos foi definida pela quantidade de vezes que essas palavras foi mencionada. Outros, foram os tipos de pessoas que não possuíam similaridade com as demais categorias e cuja frequência foi inferior a três.

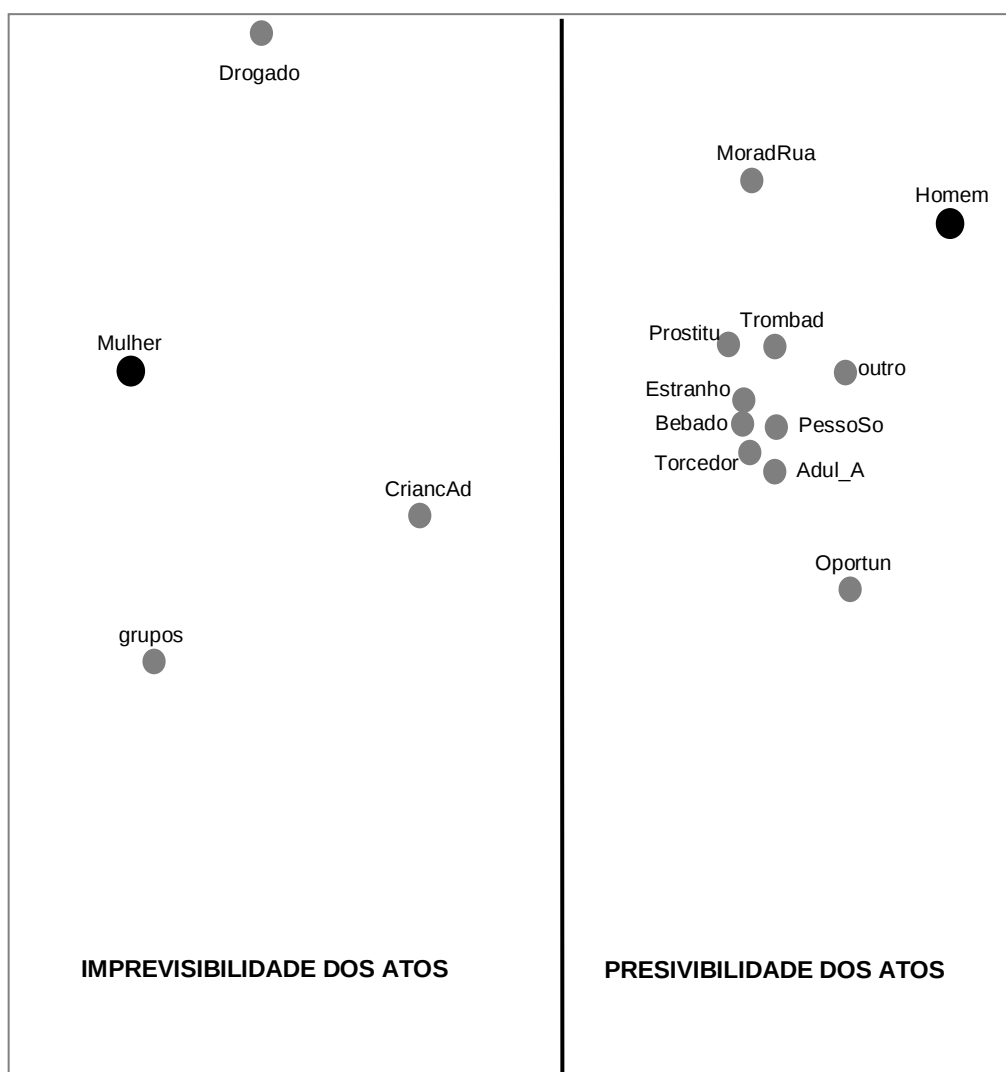
Na projeção 2D da figura 38 observam-se que as categorias grupos e crianças estão opostas as categorias adulto e pessoa só, ou seja, os participantes que responderam que se deve evitar crianças ou menores de idade sempre os associavam ao grupo, o mesmo aconteceu com as duas outras categorias, quando o adulto que oferece risco é o adulto que anda só.

As pessoas drogadas, usuárias de crack ou cola, foram as mais mencionadas nas respostas dos participantes em relação aos outros tipos de pessoas encontradas nas demais categorias. Isso induz a separação desta categoria em relação às outras e sua aglomeração em lado oposto.

A disposição das categorias na projeção 2D nos mostra duas zonas distintas, uma zona referente às pessoas que não respondem pelos seus atos e outra de pessoas que responder pelos seus atos. Criou-se essa distinção partindo do perfil, da idade e de como as pessoas se encontram no espaço público (só ou em grupos). Crianças e

adolescente que legalmente não são responsabilizadas pelos atos, drogados que não possuem discernimento de suas ações e o grupo pela possibilidade do anonimato.

Figura 38- Projeção SSA 2D – Tipos de pessoas que as mulheres devem ter cuidado no centro do Recife.



Fonte: Análise SSA das respostas da pergunta 2.3.

Quando se analisa as variáveis externas mulher e homem na Matriz de Coeficiente de Similaridade, se verifica que as respostas femininas possuem maior relação de similaridade com a zona das pessoas cujos atos são imprevisíveis, os grupos, crianças e drogados. Já nas respostas masculinas, as cinco primeiras categorias com maior coeficiente de similaridade são: moradores de rua, pessoa que anda só, outros, oportunistas e prostitutas.

Capítulo 04

A experiência urbana no centro do Recife

Este capítulo apresenta a análise SSA das questões abertas não projetivas, que diz respeito às impressões pessoais dos participantes sobre a imagem e o medo no centro do Recife.

A partir das respostas à questão 2.4 do instrumento de pesquisa, pretende-se conhecer qual a imagem pública do centro do Recife dos participantes da pesquisa. As imagens públicas “são as imagens mentais comuns a vastos contingentes de habitantes de uma cidade: áreas consensuais em que se pode esperar que surjam da interação de uma única realidade física, de uma cultura comum e de uma natureza fisiológica” (Lynch,1999, p.8).

A segunda questão a ser analisada nesse capítulo é sobre o medo, mais especificamente qual o medo que se sente no centro do Recife? Almeja-se identificar, além dos medos, elementos que o constituem.

4.1. Imagem do Centro do Recife

Os dados sobre a imagem do centro do Recife foram obtidos a partir da pergunta: 2.4: Descreva, através de cinco palavras chaves, qual a imagem que você tem do centro do Recife.

Com base nas respostas obtidas foram estabelecidas onze categorias distribuídas em quatro grupos: (i) três de natureza espacial (manutenção, usos e atividades); (ii) duas de natureza social (presença/ausência de pessoas); (iii) três impressões pessoais; (iv) duas de natureza referenciais culturais, arquitetônicas e de paisagem. Os dois últimos grupos de categorias oriundas da natureza da pergunta e características do território de estudo.

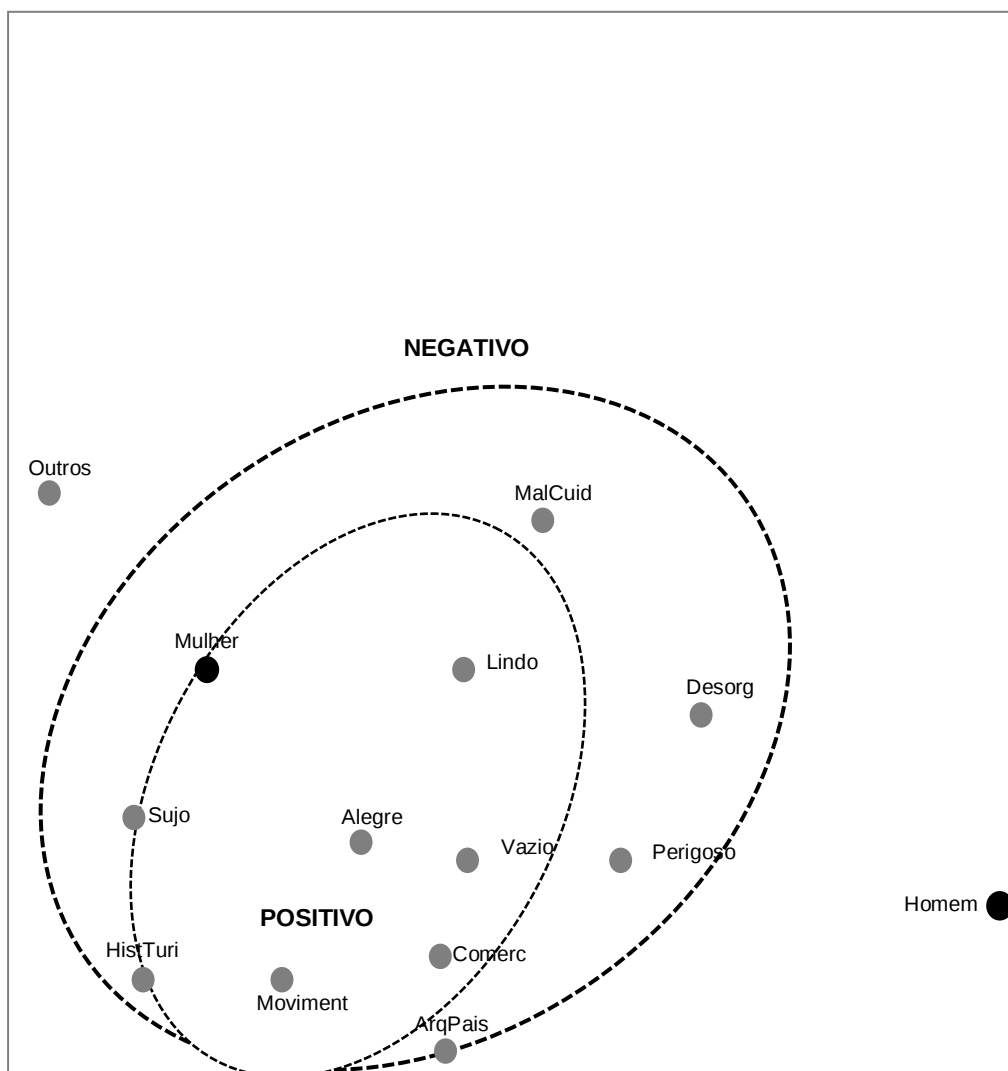
A projeção SSA (figura 39) mostra-se de forma modular, onde a elipse menor é formada pelo agrupamento de sete categorias, com maior correlação entre as variáveis, ou seja, as categorias de consenso entre os participantes. A elipse maior, com quatro categorias localizadas de forma mais dispersa, que possuem menor correlação entre elas e as demais.

As categorias encontradas na elipse menor possuem características mais positivas, já a da elipse maior, mais negativas. Em outras palavras, a projeção nos mostra que nenhuma resposta dos participantes possui uma imagem puramente positiva ou puramente negativa. A imagem pública do centro possui elementos positivos e negativos. Os positivos remetem as categorias de natureza social, as impressões pessoais e referências culturais, arquitetônicas e de paisagem. Já as referências negativas estão relacionadas à falta de manutenção (desorganização, lixo, mal cuidado) e à sensação de perigo como apresenta as seguintes respostas:

Lindo, sujo, histórico, mal preservado, movimentado (Participante 11).

Amor, história, poesia, beleza, abandono (Participante 20).

Figura 39- Projeção SSA 2D – Imagem do centro do Recife.



Fonte: Análise SSA das respostas da pergunta 2.4.

A mesma leitura é feita ao incorporar as variáveis externas mulher e homem. Ora a imagem do centro é construída de categorias mais positivas, ora constituída de categorias negativas. As mulheres: sujo, histórico, alegre, mal cuidado e movimentado. E os homens: vazio, desorganizado, arquitetônico e paisagem, perigoso (matriz de coeficiente de similaridade, apêndice 5).

Ressalta-se aqui a última categoria: perigoso. Valentine (1989) afirma que um das causas do medo no espaço público pelas mulheres é a junção entre a experiência vivida e informações secundárias. No caso da amostra da pesquisa, as mulheres possuem mais experiências negativas quanto à vitimização que os homens (51%

delas e 46% deles). Em relação às informações secundárias quanto à vitimização de terceiros, 77,1% das mulheres e 87,5% dos homens afirmaram conhecer pessoas que foram vítimas de crimes no centro do Recife. Quando se relacionam esses dados com o coeficiente de similaridade, este coeficiente é maior entre os homens que as mulheres. Assim, para a amostra estudada, os resultados não corresponderam aos pressupostos da citada autora.

Por outro lado, a mesma Valentine afirma que em locais não familiares as impressões sobre esses são produzidas a partir das informações secundárias. O número de usuárias do centro do Recife foi maior que o número de usuários, a maioria desses declaram ser visitantes. Como usuárias, as mulheres estabelecem alguma relação de socialização e confiança ao andar no centro, diferente dos homens, por isso o maior coeficiente de similaridade.

Outro ponto é que, segundo os estudiosos do CPTED e Dymén e Ceccato (2012), sinais de deterioração física e falta de manutenção contribuem para a percepção de insegurança e o perigo. As categorias dessa natureza tem menor coeficiente de similaridade com a mulher e maior com o homem.

4.2. O medo no Centro do Recife

Os dados sobre o medo no centro do Recife foram obtidos a partir da pergunta 3.5 do questionário: *Você tem medo de andar no centro do Recife? Você tem medo de que?*

Dos(as) 73 participantes, 63% afirmaram ter medo de andar no centro do Recife (70% das mulheres e 30% dos homens que participaram da pesquisa). As participantes femininas que relataram ter medo possuem as seguintes características predominantes: tem idade entre 30 a 39 anos (53%); renda entre 4 a 10 salários mínimos (50%); são solteiras e não têm filhos (66%); e são usuárias e visitantes do centro do Recife (50% e 41%, respectivamente). As características predominantes masculinas são: possuem entre 30 a 39 anos (50%); renda entre 4 a 10 salários mínimos (72%); são solteiros e não têm filhos (64%); se consideram visitantes (79%) do centro da cidade (Tabela 12).

Tabela 12 - Dados socioeconômicos das pessoas que afirmaram ter medo de andar no centro do Recife.

Tema	Características	Mulheres (%)	Homens (%)
Idade	de 20 a 29 anos	38	29
	de 30 a 39 anos	53	50
	Mais de 40 anos	9	21
Ciclo de vida	solteiro(a) sem filhos	66	64
	solteiro(a) com filhos	9	14
	casado(a) sem filhos	6	0
	casado(a) com filhos	19	22
Renda individual	Até 2 SM	22	7
	Entre 2 SM e 4 SM	19	7
	Entre 4 SM e 10 SM	50	72
	Entre 10 SM e 20 SM	0	14
Condição em relação ao centro	Usuário	50	14
	Visitante	41	79
	Morador	9	7

Fonte: A autora.

Os medos elencados pelas/pelos participantes foram classificados em sete categorias: uma espacial (rua sem iluminação); duas sociais (rua deserta e presença de pessoas marginalizadas); uma temporal (noite); e três que tipificam os crimes temidos (assalto, furto, violência em geral e violência sexual)⁴⁶.

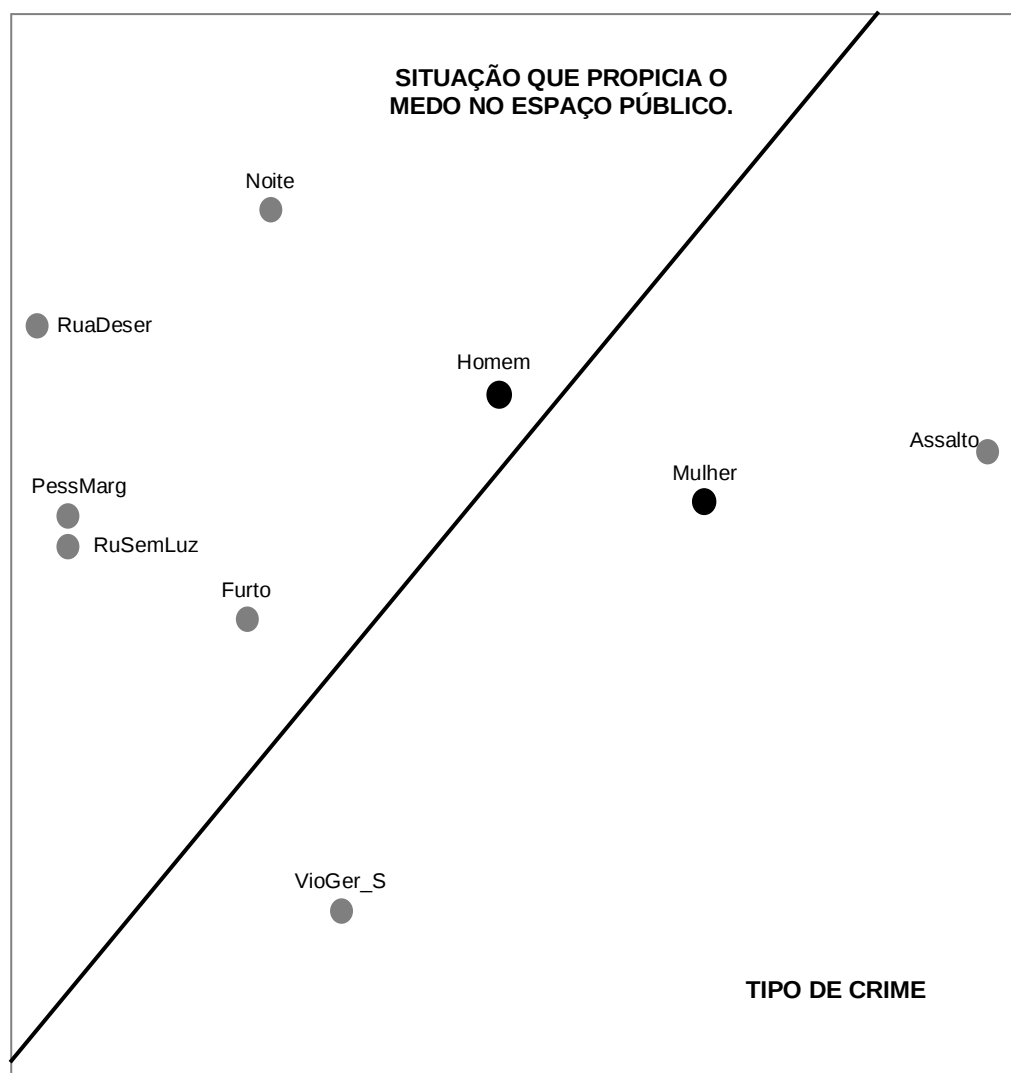
A figura 40 mostra uma projeção axial, uma região composta por categorias espaciais, sociais e temporais, e outra região constituída por tipos de crimes. Assim, nessa amostra, ou os participantes tem os elementos espaciais, sociais e temporais como geradores do medo no espaço público ou tem como causa a experiência de vitimização (pessoal ou de terceiros).

Ao incorporar-se as variáveis externas mulher e homem, constatou-se que as respostas femininas possuem um maior coeficiente de similaridade com as categorias que tipificam o crime (apêndice 6), por isso encontram-se mais próximos na projeção (figura 40). O medo feminino está relacionado ao assalto, violência em geral e a violência sexual. Essa última, preocupação expressa só pelas mulheres como mostra as respostas dos participantes transcritas abaixo.

⁴⁶ As três categorias que tipificam os crimes foram determinadas devido à natureza da pergunta e das respostas e por não possuírem nenhuma característica que pudessem ser incorporada as categorias relacionadas aos aspectos sociais, espaciais e temporais.

Tenho medo apenas no período noturno. Medo de assalto e estupro (Participante 4).
De ser violentada (Participante 2).

Figura 40- Projeção SSA 2D – O medo no centro do Recife



Fonte: Análise SSA das respostas da pergunta 3.5.

As respostas masculinas possuem maior coeficiente de similaridade com as categorias espaciais, sociais e temporais. Ou seja, para os homens o medo é proporcionado relação entre as características espaciais do ambiente, as sociais e temporais que criam um “cenário do medo”. Esse “cenário” que pode ser produto da experiência vivida ou com base em fatores *multi-scale*, através de informações de terceiros ou da mídia (Dymén e Ceccato, 2012) já que 79% desses são visitantes (frequentam pouco o centro da cidade).

A relação medo e noite foram mais frequentes nos relatos dos participantes homens, tais como:

Durante o dia não. À noite evito as vias desertas de qualquer lugar, seja do centro ou não (Participante 58);

À noite, sim! Assalto (participante 64);

Depende. Durante o dia não tenho medo, pois está sempre cheio de pessoas, porém durante a noite acredito que não andaria devido à ausência de vida no local (participante 13).

O menor valor do coeficiente de similaridade da variável mulher com a categoria noite possui dois fundamentos. O primeiro por dever-se ao conhecimento maior do território (50% afirmam ser usuárias do centro), elas utilizam a estratégia de andar em locais iluminados e com grande fluxo de pessoas (recomendações dadas no capítulo 3) e como conhecedoras, tem a sensação de domínio do território, mas não tem domínio sobre os atos de terceiros. O segundo fundamento se relaciona com não cogitarem sair à noite para o centro da cidade.

Capítulo 05

Considerações finais

Transitar no universo da cidade com o olhar feminino focado no medo do espaço público é um tema desafiador e apaixonante. Compreender por onde andam as mulheres, como andam e o porquê das escolhas desses caminhos mostrou-se um exercício de investigação desafiador e necessário.

Tornar visível o invisível, tentar compreender as diferenças sobre como as mulheres e os homens vivenciam os problemas da vida urbana (Calió, 1997) é uma tarefa necessária e importante na construção de cidades mais igualitárias. Foi dessa compreensão que essa dissertação se desenvolveu. Um exercício investigatório partindo de um arcabouço teórico internacional e nacional e a contextualização através da investigação empírica.

O caminho para a investigação foi ancorado nas hipóteses de que o medo da mulher no espaço público constitui um limite no seu acesso à cidade e é produto das relações entre aspectos espaciais e sociais do ambiente. Porém, esse limite imposto

pelo medo não se apresenta de forma homogênea para todas as mulheres, ele pode variar de acordo com a renda, idade, ciclo de vida e vitimização.

O argumento do medo como limite no acesso ao espaço público foi fundamentado nos estudos de Tavares (2012), Calió (1997), Valentine (1989), Pain (2000) e Taylor (2011). Para essas autoras, o medo da mulher no espaço público é mais uma expressão do patriarcado. Seja através do androcentrismo nos estudos e no planejamento urbano, seja pela sensação de vulnerabilidade diante da figura masculina, experiências vividas ou informações secundárias, o medo da mulher no espaço público é produto da relação de dominação dos homens sobre as mulheres ainda hoje existentes em várias sociedades.

Sociedades essas responsáveis pela definição do papel da mulher e do homem, e que reflete na forma de uso e acesso à cidade e no medo que se concretiza no espaço público. Da compreensão de que cada sociedade estabelece “normas”, sentiu-se a necessidade da contextualização sobre o medo da mulher no espaço público do Recife. Quais os elementos que constituem esse medo no espaço público recifense? Que aspectos físicos e sociais locais contribuem para o seu medo?

Como primeiro exercício exploratório em uma dissertação de Mestrado, pareceu oportuno o desenvolvimento de uma pesquisa empírica comparativa aberta a compreender o que difere nas impressões de mulheres e homens sobre o medo da mulher na cidade. Para isso, utilizou-se a técnica projetiva para conhecer as estratégias enfrentamento do medo no espaço público, através de indicações de percursos seguros, recomendações sobre como e onde andar e que pessoas se deve evitar.

O questionário aberto iniciou solicitando aos participantes a indicação de caminhos no centro da cidade. Os resultados mostram que a forma de orientação no espaço público é distinta para mulheres e homens. As mulheres consistentemente apresentaram como referência espaços públicos, ruas e praças, além das referências históricas. Os homens faziam uso de marcos na paisagem, suas referências eram as edificações, a loja, o camelódromo, o prédio.

Este resultado fortalece a afirmativa enunciada no início desse trabalho, de que o olhar da mulher sobre o espaço público tem como pressupostos: uma diferente percepção do espaço público, bem como do medo do crime devido a uma experiência real diferenciada de acesso à cidade.

A constatação desta diferença na percepção do espaço público pode ser explicada nas diferenças forjadas pelo papel da mulher e do homem na sociedade, apresentando uma correspondência nos tipos de deslocamentos na cidade (Dyme'n e Ceccato, 2012; Ornat e Silva, 2007). As mulheres, geralmente responsáveis pelas atividades reprodutivas (cuidar da família), escolhem as oportunidades de trabalho perto da residência e são propensas à viagem em cadeia, o que significa que quando elas viajam, elas tendem a ter vários propósitos e vários destinos dentro de uma viagem. O destino do homem, o provedor da família, não é em cadeia, é pontual, sua referência na cidade são os pontos, o edifício. As mulheres o posto de saúde, a escola, o hospital, a compra de comida e roupas, na aquela rua, perto daquela praça.

Assim, pressupôs-se que as escolhas femininas tivessem percursos mais internos ao tecido, com mais detalhes na descrição do caminho e por isso mais conhecimento do centro como local de comércio e serviços.

Os resultados produzidos por um questionário aberto, solicitando projetivamente recomendações a serem dadas a uma mulher necessitando se deslocar no centro da cidade, permitiu a análise de respostas espontâneas com pouca restrição na formulação das perguntas e produzindo um rico discurso. A classificação destas respostas em categorias obedeceu a um criterioso processo de análise quanto a natureza de vários significados contido em cada observação.

A técnica de análise de dados multidimensionais escolhida permitiu uma visualização da estrutura dos dados, facilitando a compreensão de regiões de similaridade das categorias produzidas e principalmente permitindo compreender como homens e mulheres se posicionaram frente a tais estruturas sem interferir nas mesmas (já que foram analisadas com variáveis externas às análises).

Os resultados indicaram que caminho seguro para as mulheres é o caminho com muitas pessoas circulando. Locais de diversas atividades, em alguns casos com menor infraestrutura para receber os pedestres como calçadas mal conservadas, muitos ambulantes obstruindo a circulação, mas o importante é a presença de gente circulando, também chamados de vigilantes naturais. O que corrobora com o argumento de que quanto maior a presença natural de pessoas, mais o espaço é vigiado naturalmente e maior será a sensação de segurança (JACOBS, 2000; HILLIER, 1988).

Em suas recomendações sobre os locais que devem ser evitados, as mulheres demonstram preocupação com questões espaciais e sociais, ruas sem iluminação e da quantidade de pessoas circulando nela. A associação entre estas duas recomendações, evitar ruas vazias e sem iluminação, fortalece o argumento sobre a importância da iluminação, pois traz o conforto para as pessoas que andam nas ruas e proporciona a “multiplicação dos olhos”, mas que de nada adiantará se não existir pessoas trafegando nelas (Jacobs, 2001).

A busca por andar em ruas mais movimentadas leva as mulheres a expressarem um comportamento mais defensivo ao patrimônio, recomendando comportamentos como andar com a bolsa junto ao corpo, não expor objetos de valor e andar depressa.

É importante destacar as recomendações para a utilização do transporte público ou táxi. Tais recomendações reforçam o argumento de Taylor (2011) sobre o medo da violência como elemento de restrição do movimento da mulher na cidade, limitando o uso dos espaços públicos.

Além disso, salientamos a recomendação sobre não andar só, buscar a proteção na companhia do outro, recurso também revelado nas pesquisas de Valentine (1989). Porém, essa autora especifica o tipo de companhia, o homem, o que reforça a ideia do espaço heterossexual de gênero. Na nossa amostra quem seria a companhia não foi explicitado, mas o que podemos concluir é que a sensação de vulnerabilidade feminina diminui com a presença, com a proteção da companhia no andar do espaço público.

É interessante notar que quando se fala em recomendação de segurança para a mulher no centro, há uma tendência em se referir a questões espaciais e ambientais, embora seja patente que o perigo tem um forte componente social, como por exemplo, a identificação de tipos/grupos de pessoas consideradas perigosas. Os resultados mostraram que as mulheres consideram como perigosas as pessoas com comportamento imprevisíveis como drogados, crianças e grupos (torcedores de futebol). Nenhuma das participantes expressou claramente o sexo como identificador para pessoas perigosas.

Para Listerborn (2002), a imagem da cidade perigosa é produto do imaginário individual e do coletivo, mas também de uma realidade concreta. A investigação sobre a imagem do centro do Recife mostra que não há diferenças entre os dois sexos, ambos apontam elementos positivos e negativos como constituidores da imagem do centro.

Cabe salientar que as qualidades negativas de sujeira e desorganização são consistentemente identificadas como de lugares que não possui cuidado, ou responsável por sua administração e conseqüentemente pela segurança dos usuários. A teoria da janela quebrada e importância dada pelo CPTED a manutenção dos espaços são exemplos disto, lugares mal conservados são mais vandalizados e produzem maior medo. No entanto pode-se notar que as impressões positivas estão mais relacionadas com as respondentes femininas, que apesar de tudo ressaltam a beleza, a arquitetura e a paisagem bonita do centro.

Quando questionados sobre o medo no centro do Recife, proporcionalmente as mulheres declararam sentir mais medo do que os homens. O medo expresso pelas mulheres é o medo de tipos de crimes, o que pode ser justificado pelo argumento de Pain (2000) de que existem tipos de crimes específicos para determinado gênero, idade e grupo étnico. No caso da pesquisa as mulheres foram explícitas ao definir o medo do assalto, da violência em geral e da violência sexual, está última só mencionada apenas por elas.

Sobre a temporalidade, Valentine (1989) afirma que durante o dia as mulheres identificam lugares isolados específicos como assustadores, elas expressam o medo

de todos os espaços durante a noite. Isto não é só porque à noite a visibilidade é reduzida e, portanto aumenta a possibilidade de ataque, mas devido à natureza das mudanças do espaço público, que a noite muitas vezes passa a ser dominado pelos homens. Porém, nessa pesquisa, o aspecto da temporalidade nas respostas não foi exaltado pelas mulheres.

Tal situação é interpretada de duas formas: a primeira é que por conhecimento do centro do Recife, 50% delas afirmaram serem usuárias do centro, existe uma familiaridade com o território que pode transmitir uma sensação de domínio do mesmo. Segundo a mesma autora, a leitura sobre o espaço seguro ou inseguro está relacionada com a familiaridade com o mesmo, ou seja, como possuem domínio do espaço o elemento noite não interfere no uso do espaço público. A segunda é que como afirma Valentine (1989), a sensação de perigo está tão relacionada com a noite que elas nem cogitam andar no centro do Recife nesse horário.

A hipótese de que o medo não é homogêneo para todas as mulheres não pôde ser trabalhada nessa pesquisa. Se por um lado a escolha pela aplicação do questionário via internet contribuiu para a construção de uma narrativa própria, sem as possíveis interferências da pesquisadora e possibilitou de atingir maior número de pessoas simultaneamente. Por outro, resultou em uma amostra homogênea por ser divulgada em um ciclo fechado de contatos. Porém, reafirma-se através de indicação de estudos futuros a importância desse aspecto. Se a percepção da cidade e do medo entre mulheres e homens é distinta, essa percepção também pode ser diferente entre mulheres com renda, idade e ciclo de vida diversa o que também influencia no acesso distinto à cidade.

Ainda refletindo sobre o medo no espaço público, a influência no acesso à cidade, um aspecto que deve ser abordado em pesquisas futuras é em que medida a intensidade do medo influencia na escolha dos caminhos das mulheres na cidade e até que ponto pode determinar a ausência de mulheres em determinados espaços públicos.

A investigação sobre os percursos e medos que limitam a experiência da mulher no centro do Recife, trouxe mais que elementos que constituem o medo e refletem na

forma de uso do espaço público do centro da capital pernambucana. Afirmar que essa pesquisa demonstrou que percursos seguros para as mulheres no centro de Recife são aqueles formados por ruas com diversidade de usos, onde exista a presença de pessoas circulando (vigilantes naturais), com iluminação à noite, com manutenção adequada e elas possam andar só e sem preocupações com a presença de drogados e menores de ruas, é importante, mas não completo. Como também importante e não completo a constatação de que o medo da violência restringe o uso do espaço público pela mulher, como constatamos nas recomendações da utilização de transporte público ou taxi em vez de indicações de percursos.

A investigação trouxe a certeza de que as constatações da pesquisa apontam para novos estudos, novas investigações que afirmam a importância da inclusão do gênero nos estudos urbanos. Então parafraseando Calió (1997), convidamos a toda a sociedade acadêmica, arquitetos e urbanistas a “aprender a se conjugar também no feminino”. Para que no futuro as mulheres caminhem livres pelas ruas e praças, e não expressem o medo do espaço público ao recomendar as suas netas cuidados para andar na sua cidade.

Referências bibliográficas

ACTIONAID BRASIL (Brasil). **Cidades Seguras para as Mulheres**. Pernambuco: Actionaid Brasil, 2014. 38 p.

BARROS, Thyana Farias Galvão de. **(Co)vivendo com fortalezas: o outro lado de morar bem**. Tese (doutorado). 2012. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Psicologia. Natal, 2012.

BBLANES, Paola et al. **Construyendo Ciudades Seguras Experiencias de Redes de Mujeres en América Latina**. Chile: Ed. SUR, 2011. 217 p Disponível em: <http://www.redmujer.org.ar/pdf_publicaciones/art_59.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2013.

BORJA, Jordi, “**Ciudadanía y espacio público**”, en: Ciutat real, ciutat ideal. Significant i funció a l'espai urbà modern. Barcelona: Centre de Cultura Contemporània de Barcelona, 1998. Disponível em: <http://urban.cccb.org/urbanLibrary/htmlDbDocs/A011-B.html>. Acesso em: 2 jan. 2015.

BRASIL. Ministério da Justiça. **PRONASCI**. 2011. Disponível em: <<http://portal.mj.gov.br/pronasci/data/Pages/MJ3444D074ITEMID2C7FC5BAF0D5431AA66A136E434AF6BCPTBRNN.htm>>. Acesso em: 02 jun. 2012.

BUCKINGHAM, Shelley. **Considerações sobre a segurança urbana das mulheres através do direito à cidade**, Polônia. Disponível em: <<http://www.hic-net.org/content/Considerac%C2%A6%C2%BAoes%20Shelley%20Buckingham.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2011.

CALIÓ, Sonia Alves. **Incorporando a Questão de Gênero nos Estudos e no Planejamento Urbano**. In: ENCUESTRO DE GEOGRAFOS DE AMERICA LATINA, 6., 1997. Resúmenes. Observatorio Geográfico, 1997. v. 1, p. 1 - 9. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal6/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/737.pdf>>. Acesso em: 06 jul. 2014.

CECCATO, Vania; HANSSON, Magnus. **Experiences from assessing safety in Vingis park, Vilnius, Lithuania**. Review Of European Studies, Canadá, v. 5, n. 5, p.1-18, out. 2013. Disponível em: <<http://www.ccsenet.org/journal/index.php/res/article/view/31159>>. Acesso em: 13 abr. 2014.

COSTA FILHO, Lourival Lopes. **Midiápolis: Comunicação, persuasão e sedução da paisagem urbana midiática**. 2012. 271 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano, Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

COSTA, Maria das Graças de Figueiredo Costa. **Mulher, Relações de Gênero e Políticas Públicas no Espaço Urbano**. Disponível em: www.fase.org.br/v2/admin/.../10_Graca_Costa_16.doc. Acesso em: 16 jan. 2013.

DIDIER, A. **Os métodos projetivos**. Rio de Janeiro: Campus, 1978.

DYMÉN, Christian; CECCATO, Vânia. **An International Perspective of the Gender Dimension in Planning for Urban Safety**. In: CECCATO, Vânia. The Urban Fabric of Crime

and Fear. London: Springer Science Busines Media, 2012. Cap. 13. p. 311-339. Disponível em: <<http://link.springer.com/book/10.1007/978-94-007-4210-9>>. Acesso em: 05 mar. 2014.

FERNANDES, L. F. **Jacobs, Newman e C. Ray Jeffery. Contributos para a prevenção da criminalidade. Urbanismo, segurança e lei.** Lisboa: Edições Almedina, tomo I, 2007.

HILLIER, Bill. **Against enclosure.** In: Teymus, N., Markus, T., and Woaley, T. (eds.), *Rehumanising housing*, 1988. London, Butterworths, pp 63-85.

HILLIER, Bill. **Space is the machine.** Cambridge: Cambridge University Press, 1996. Disponível em http://www.ninsight.at/ak_stdb/SpaceIsTheMachine.pdf. Acesso em: 7 de maio de 2013.

HOLANDA, Frederico. **O espaço da exceção.** Brasília. Editora Universidade de Brasília. 2002. .

IBGE (Brasil). **Censo Demográfico: Brasil 1950-2010.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 02 fev. 2015.

IPEA. **Comunicado do IPEA nº 149 – Trabalho para o mercado e trabalho para casa: persistentes desigualdades e gênero.** 2012a. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/comunicado/120523_comunicadoipea0149.pdf. Acesso em 27 de julho de 2014.

IPEA. **Sistema de Indicadores de Percepção Social (SIPS) Segurança Pública.2012 b.** Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/comunicado/120523_comunicadoipea0149.pdf. Acesso em 27 de julho de 2014.

JACOBS, J. **Morte e vida nas grandes cidades.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KATZ, Dalia. **Configurações espaciais da interface entre os habitantes e a natureza da cidade: o caso da favela de Paraisópolis.** 2008. 156 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade De Arquitetura E Urbanismo Curso De Pós Graduação, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2008.

LISTERBORN, Carina. TRYGG STAD **Diskurseromkvinnorsrådsläiforskning, policyutvecklingochlokalpraktik.** 2002. 323 f. Tese (Doutorado) - Curso de Stadsbyggnad, SektionenFörArkitektur, SektionenFörArkitektur Chalmers TekniskaHögskola, Göteborg, 2002. Disponível em: <<http://www.fot.se/documents/349.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2013.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 1999. 227 p.

MACASSI LEÓN, IVONNE; coord. **El miedo a la calle: la seguridad de las mujeres en la ciudad.** Lima. Centro de la Mujer Peruana Flora Tristán; Centro de Intercambio y Servicios para el Cono Sur, 2005.117 p.Disponívelem: <http://www.flora.org.pe/pdfs/PDF%20EL%20MIEDO%20A%20LA%20CALLE.pdf>. Acessoem: 10 fev. 2013.

MALHOTRA, N.K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada.** Porto Alegre: Bookman, 2001.

MINAYO, M. C. S. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social.** In: MINAYO, M. C. S. (Org.) *Pesquisa social: teoria, métodos e criatividade.* 13 ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.

MOLERO, María Naredo. **Autonomía de las mujeres y seguridad urbana**. Madrid (Espanha), março de 1998. Disponível em: <http://habitat.aq.upm.es/boletin/n7/amnar.html>. Acesso em: 10 fev. 2013.

NARVAZ, Martha Giudice ; Sílvia KOLLER Helena. **Famílias e patriarca do: da prescrição normativa à subversão criativa**. Psicologia & Sociedade; n. 18, p. 49-55; jan/abr. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v18n1/a07v18n1.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2013.

NEWMAN, Oscar. **Defensible space**. 1972. Disponível em: (<http://www.jstor.org/discover/10.2307/27893041?sid=21105353317241&uid=4&uid=2>). Acesso em: 2 jan. 2015.

ORNAT, Marcio Jose. **Sobre Espaço e Gênero, Sexualidade e Geografia Feminista**. Terr@ Plural, Ponta Grossa, v. 2, n. 2, p.309-322, 2008. Disponível em: <<file:///C:/Users/Neguinha/Downloads/1182-3612-1-PB.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2014.

ORNAT, Marcio; SILVA, Joseli Maria. **Deslocamento cotidiano e gênero: acessibilidade diferencial de homens e mulheres ao espaço urbano de Ponta Grossa – Paraná**. Revista de História Regional, Paraná, v. 1, n. 12, p.175-195, verão 2007. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2243>>. Acesso em: 20 mar. 2013.

PAIN, Rachel. **Place, social relations and the fear of crime: a review**. Progress In Human Geography, Northumbria, v. 3, n. 24, p.365-387, 01 set. 2000. Disponível em: <<http://phg.sagepub.com/content/24/3/365.short>>. Acesso em: 12 maio 2014.

PERNAMBUCO. **Pacto pela Vida: Plano Estadual de Segurança Pública**, 2007.

PERNAMBUCO. SECRETARIA DA MULHER. **Das lutas à lei: uma contribuição das mulheres à erradicação da violência**. 1. Recife: Governo do Estado de Pernambuco. 2011.192p

PISCITELLI Adriana. **Recriando a categoria mulher?** Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/237996701/Piscitelli-2001#scribd>. Acesso em 13 agosto 2014.

QUEIROZ, Ivan da Silva; LACERDA, Norma. **Do Espaço Urbano Sob A Égide Do Medo À Cidade Que Medra: representações sociais e práticas cotidianas num ambiente marcado pelo medo da violência urbana**. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL- ANPUR, 11, 2005, Salvador. Anais. Salvador: Anpur, 2005.p. 1 - 20. Disponível em: <<http://www.xienanpur.ufba.br/6a.pdf>>. Acesso em: 5 out. 2014.

RAU, Macarena. **Prevención de la Delincuencia. Prevención de la Delincuencia Mediante el Diseño Ambiental**, 2003.

RECIFE, Prefeitura da Cidade do. **Perfil dos Bairros**. 2014. Disponível em: <<http://www2.recife.pe.gov.br/a-cidade/perfil-dos-bairros/>>. Acesso em: 02 fev. 2015.

RECIFE. **As praças que a gente tem. As praças que a gente quer**. Manual de procedimentos para intervenção em praças. Recife: Prefeitura, Secretaria de Planejamento, Urbanismo e Meio Ambiente, 2002.

ROAZZI, Antônio; MONTEIRO, Circe Maria Gama; RULLO, **Giuseppina**. **Residencial satisfaction and place attachment: A croos-cultural investigation**. In COHEN, Arie (Ed.). *Facet Theory and Scaling: In search of structure in behavioral and social sciences*. Israel. SANTOS, Élida; SIQUEIRA, Lúcia; MARANHÃO, Maria Helena. *Espaços Urbanos Seguros: Recomendações de Projetos e Gestão Comunitária*. (2004).

SEGOVIA, Olga (Ed.). **ESPACIOS PÚBLICOS Y CONSTRUCCIÓN SOCIAL: Hacia un ejercicio de ciudadanía**. Santiago de Chile: EdicionesSur, 2007. 153 p. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115112535012>>. Acesso em: 22 nov. 2014.

SEGOVIA, Olga Y OVIEDO, Henrique. **Capítulo III ESPACIOS PÚBLICOS EN LA CIUDAD Y EL BARRIO**. SUR, Corporación de Estudios Sociales y Educación.

SILVA, Joseli Maria. **AMOR, PAIXÃO E HONRA COMO ELEMENTOS DA PRODUÇÃO DO ESPAÇO COTIDIANO FEMININO**. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, v. 0, n. 22, p.97-109, dez. 2007. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3515>>. Acesso em: 13 nov. 2013.

SILVA, Luise Martins da. **Espaço Público e Cidadania: Usos e manifestações urbanas**. 2009. 168 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SIQUEIRA, Lúcia de Andrade. **Ruas, Becos e Violência. Um estudo da relação entre morfologia e violência urbana em Entra Apulso**. Trabalho de graduação, 2001. Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Departamento de Arquitetura e Urbanismo. Recife, 2001.

SOUZA, Maria Julieta Nunes de; COMPANS, Rose. **Espaços Urbanos Seguros. A temática da segurança no desenho da cidade**. R. B. ESTUDOS URBANOS E REGIONAIS V.11, N.1 / MAIO 2009. Disponível em: <http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/rbeur/article/view/207>. Acesso em 01 de julho de 2014.

TAVARES, Rossana. **UMA ANÁLISE DAS DESIGUALDADES DE GÊNERO EM FAVELAS DO RIO DE JANEIRO: PERSPECTIVA DO RECONHECIMENTO PARA O URBANISMO**. Cadernos de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, v. 48, n. 2, p.0-1, 2012. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/dhtm/seer/index.php/cpgau>>. Acesso em: 05 nov. 2014.

TAYLOR, Alice. **A Mulher e a Cidade Examinando os Impactos de Gênero de Violência e Urbanização**. Brasil: Actionaid International, 2011. 20 p. Disponível em: <http://187.45.205.122/Portals/0/Docs/Women and the City 2011 PT.pdf>. Acesso em: 5 de janeiro de 2013.

TRUMAN, Jennifer L. **FEAR OF CRIME AND PERCEIVED RISK OF VICTIMIZATION AMONG COLLEGE STUDENTS**. 2005. 96 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociology, Department Of Sociology In The College Of Sciences At The University Of Central Florida, B.a. University Of Central Florida, Florida, 2005.

VALENTINE, Gill. **The Geography of Women's Fear**. Blackwell Publishing. Royal Geographical Society., Reading, v. 21, n. 4, p.385-390, dezembro, 1989. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/20000063>>. Acesso em: 25 jun. 2012.

VIEIRA, Valter A.; TIBOLA, Fernando. **Pesquisa qualitativa em marketing e suas variações: trilhas para pesquisas futuras.** In: Revista de Administração Contemporânea, Curitiba, v.9, n.2, p. 9-33, Abr./Jun. 2005.

YOUNG, Forrest W. **Multidimensional scaling.** Encyclopedia Of Statistical Sciences, North Carolina, n. 5, 1985. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=6&cad=rja&uact=8&ved=0CEUQFjAF&url=http://archiv.soc.cas.cz/sites/default/files/young_multidimensional_scaling.doc&ei=hV7XVN_zHYifgwSA6oCIAg&usg=AFQjCNGrwB0ZalyT3ptaFcHgagOyUakfrQ&sig2=Vr_Gu_eS3t0wotZN_evwqg>. Acesso em: 2 jan, 2015.

Apêndices

APÊNDICE 01- QUESTIONÁRIO

Os caminhos do Centro do Recife

Obrigado por aceitar participar da nossa pesquisa. Este questionário destina-se a uma pesquisa de cunho acadêmico, cujo objetivo principal é conhecer a percepção de segurança das pessoas no Centro do Recife. A pesquisa é desenvolvida pela mestranda Lúcia Siqueira, orientada pela professora Circe Monteiro, no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano - MDU da Universidade Federal de Pernambuco.

Todas as informações fornecidas por você serão mantidas estritamente confidenciais. Nós estamos gratos pelo tempo que você está gastando para responder a todas estas questões e, é claro, todos os seus comentários são bem-vindos.

***Obrigatório**

1. UM CAMINHO NO CENTRO DO RECIFE *

Imagine que você está no Marco Zero (no Recife Antigo), às 17:30 e uma jovem mulher, turista, pede a sua orientação para ir a pé até a Estação Central do Metrô. Qual o caminho que você indicaria? Caso não saiba o nome das ruas, identifique referências como edifícios, comércios, marcos para que a turista reconheça o seu caminho.

2. RECOMENDAÇÕES.

2.1 Que recomendações que você daria em relação a que locais ela deve evitar? Por quê? Descrever com palavras chaves, por exemplo: rua y - pouca iluminação.

2.2. Situações ou tipo de comportamento que deve evitar. Por quê? Descrever com palavras chaves, por exemplo: não andar com celular na mão - assalto.

2.3. Tipos ou grupos de pessoas que deve ter cuidado. Por quê? Descrever com palavras chaves.

15

Os caminhos do Centro do Recife

2.4 Descreva, através de cinco palavras chaves, qual a imagem que você tem do Centro do Recife.

3. VOCÊ E O CENTRO DO RECIFE *

3.1. Qual a sua condição em relação ao centro do Recife?

- ☐ 1- Usuário (vai frequentemente ao centro do Recife)
- ☐ 2- Visitante (vai raramente ao centro do Recife)
- ☐ 3- Morador (mora no Centro do Recife)
- ☐ Opção 4
- ☐ Outro:

3.2. Como costuma ir ao Centro do Recife?

- ☐ 1- Automóvel
- ☐ 2- Ônibus
- ☐ 3- Metrô
- ☐ 4- Bicicleta
- ☐ 5- Motocicleta
- ☐ 6- A pé
- ☐ Outro:

3.3. Você já sofreu algum tipo de violência no Centro do Recife?

- ☐ 1- Sim
- ☐ 2- Não

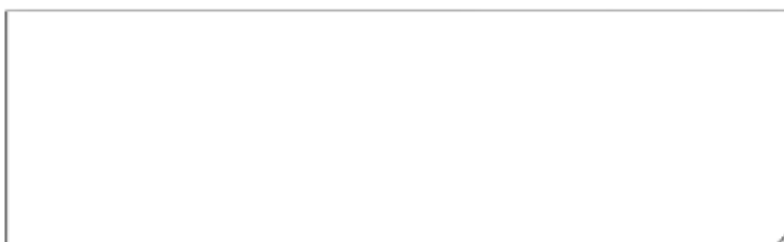
Que tipo?

- ☐ 1- Assalto
- ☐ 2- Furto
- ☐ 3- Constrangimento no espaço público.
- ☐ 4- Nunca sofri nenhuma violência no Centro do Recife
- ☐ Outro:

Se sofreu constrangimento no espaço público, favor especificar:

2/2015

Os caminhos do Centro do Recife



3.4. Conhece alguém que já sofreu alguma violência no Centro do Recife?

☐ Sim

☐ Não

Que tipo?

☐ Assalto

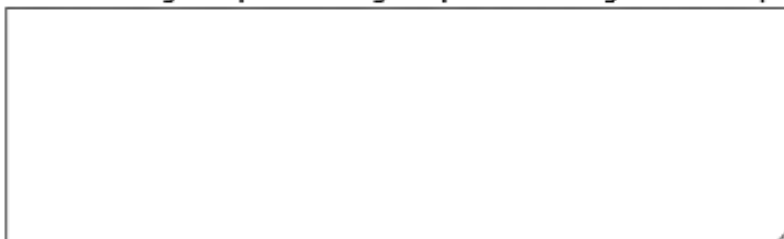
☐ Furto

☐ Constrangimento no espaço público

☐ Não conheço ninguém que tenha sofrido alguma violência no Centro do Recife

☐ Outro:

Se conhece alguém que sofreu algum tipo de constrangimento no espaço público, favor especificar:



3.5. Você tem medo de andar no Centro do Recife? Você tem medo de que?



4. VOCÊ

4.1. Bairro de residência.

4.2. Sexo

☐ Mulher

☐ Homem

4.3. Idade

4.4. Ciclo de vida

015

Os caminhos do Centro do Recife

- ☐ Solteiro(a) sem filhos
- ☐ Solteiro(a) com filhos
- ☐ Casado(a) sem filhos
- ☐ Casado(a) com filhos
- ☐ Viúvo(a) sem filhos
- ☐ Viúvo (a) com filhos

4.5.Escolaridade

- ☐ Ensino fundamental incompleto
- ☐ Ensino fundamental completo
- ☐ Ensino médio incompleto
- ☐ Ensino médio completo
- ☐ Superior incompleto
- ☐ Superior completo
- ☐ Pós-graduado

4.6..Renda individual

- ☐ Até 2 SM (até R\$1.448,00)
- ☐ Entre 2 SM e 4 SM (entre R\$ 1.1448,01 e R\$ 2.896,00)
- ☐ Entre 4 SM e 10 SM (entre R\$ 2.896,01 e R\$ 7.724,00)
- ☐ Entre 10 SM e 20 SM (entre R\$ 7.724,01 e R\$ 14.480,00)
- ☐ Acima de 20 SM (mais que R\$ 14.480,01)

Nunca envie senhas em Formulários Google.

100% concluído.

Powered by

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

[Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Termos Adicionais](#)

APÊNDICE 02- DADOS DA SSA PERCURSOS SEGUROS PARA AS MULHERES.

* Jaccard COEFFICIENTS *

*****umber of Variables 20

Number of cases 74

Matrix of Jaccard coefficients (Decimal point omitted)
and numbers of cases (N) in computing them

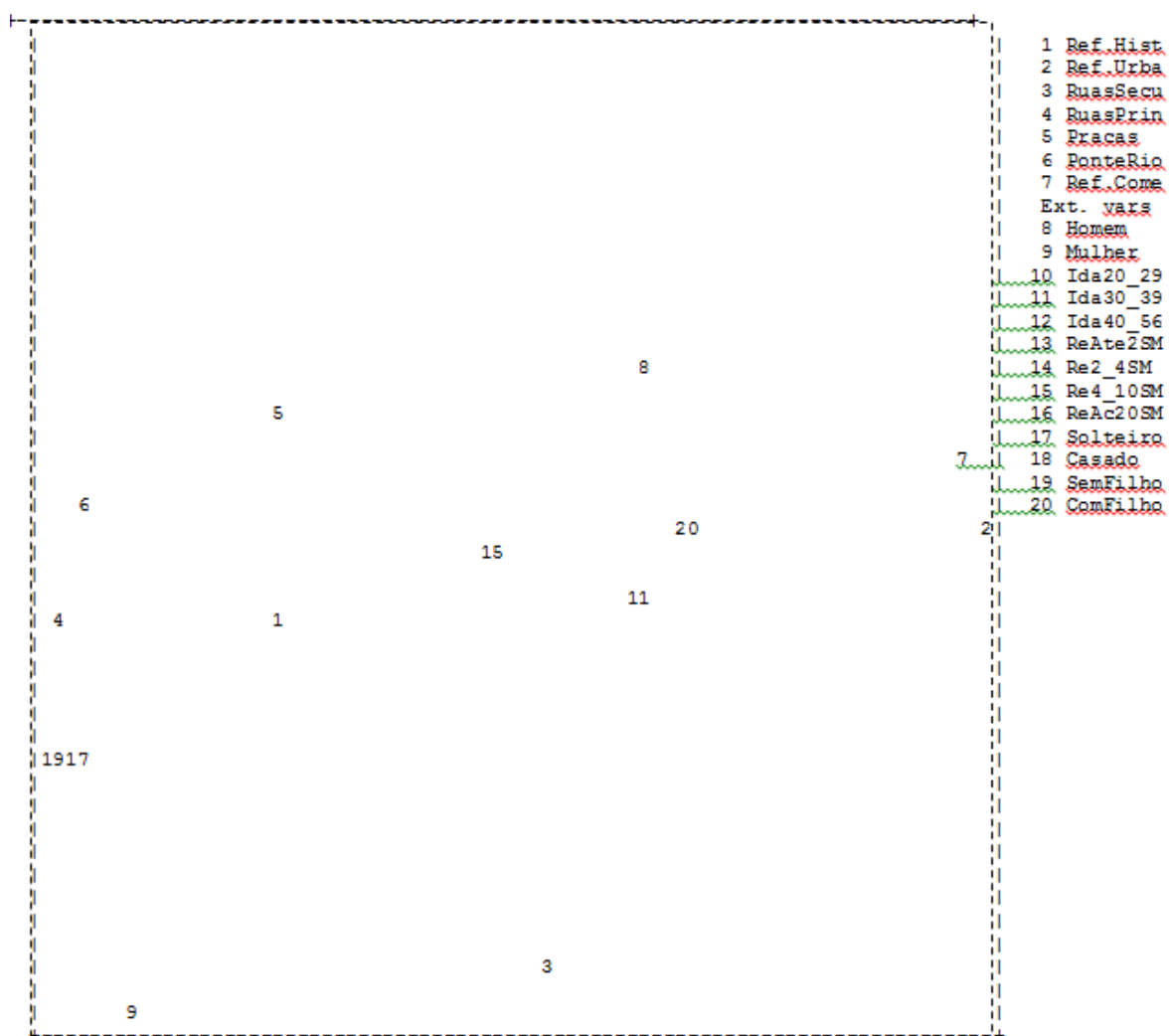
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
Ref.Hist1	1	100	50	60	61	64	67	44	53	45	48	44	49	42	41	53	42
		(72)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
Ref.Urba2	2	50	100	57	36	47	33	81	70	29	64	47	74	73	74	53	73
		(74)	(72)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
RuasSecu	3	60	57	100	57	60	51	57	47	52	44	56	51	52	48	44	63
		(74)	(74)	(72)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
RuasPrin	4	61	36	57	100	61	72	36	51	48	34	63	36	34	38	56	40
		(74)	(74)	(74)	(72)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
Pracas	5	64	47	60	61	100	67	50	56	42	48	47	52	51	44	51	53
		(74)	(74)	(74)	(74)	(72)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
PonteRio	6	67	33	51	72	67	100	36	45	53	37	44	47	34	38	53	37
		(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(72)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
Ref.Come	7	44	81	57	36	50	36	100	59	40	67	49	77	78	85	45	81
		(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(72)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
Homem	8	53	70	47	51	56	45	59	100	0	53	45	67	53	53	55	66
		(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
Mulher	9	45	29	52	48	42	53	40	0	100	47	55	33	47	47	45	34
		(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
Ida20_2910	10	48	64	44	34	48	37	67	53	47	100	26	48	81	67	38	58
		(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
Ida30_3911	11	44	47	56	63	47	44	49	45	55	26	100	29	42	56	55	55
		(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
Ida40_5612	12	49	74	51	36	52	47	77	67	33	48	29	100	62	64	58	71
		(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)
ReAte2SM	13	42	73	52	34	51	34	78	53	47	81	42	62	100	70	33	68
		(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)
Re2_4SM14	14	41	74	48	38	44	38	85	53	47	67	56	64	70	100	36	71

[illegible]

Matrix of Jaccard coefficients (Decimal point omitted)
and numbers of cases (N) in computing them

[illegible]

		17	18	19	20
Solteiro	17	100	1	86	15
Casado	18	1	100	15	86
SemFilho	19	86	15	100	1
ComFilho	20	15	86	1	100



**APÊNDICE 03- DADOS DA SSA LOCAIS QUE DEVEM SER EVITADOS PELAS
MULHERES.**

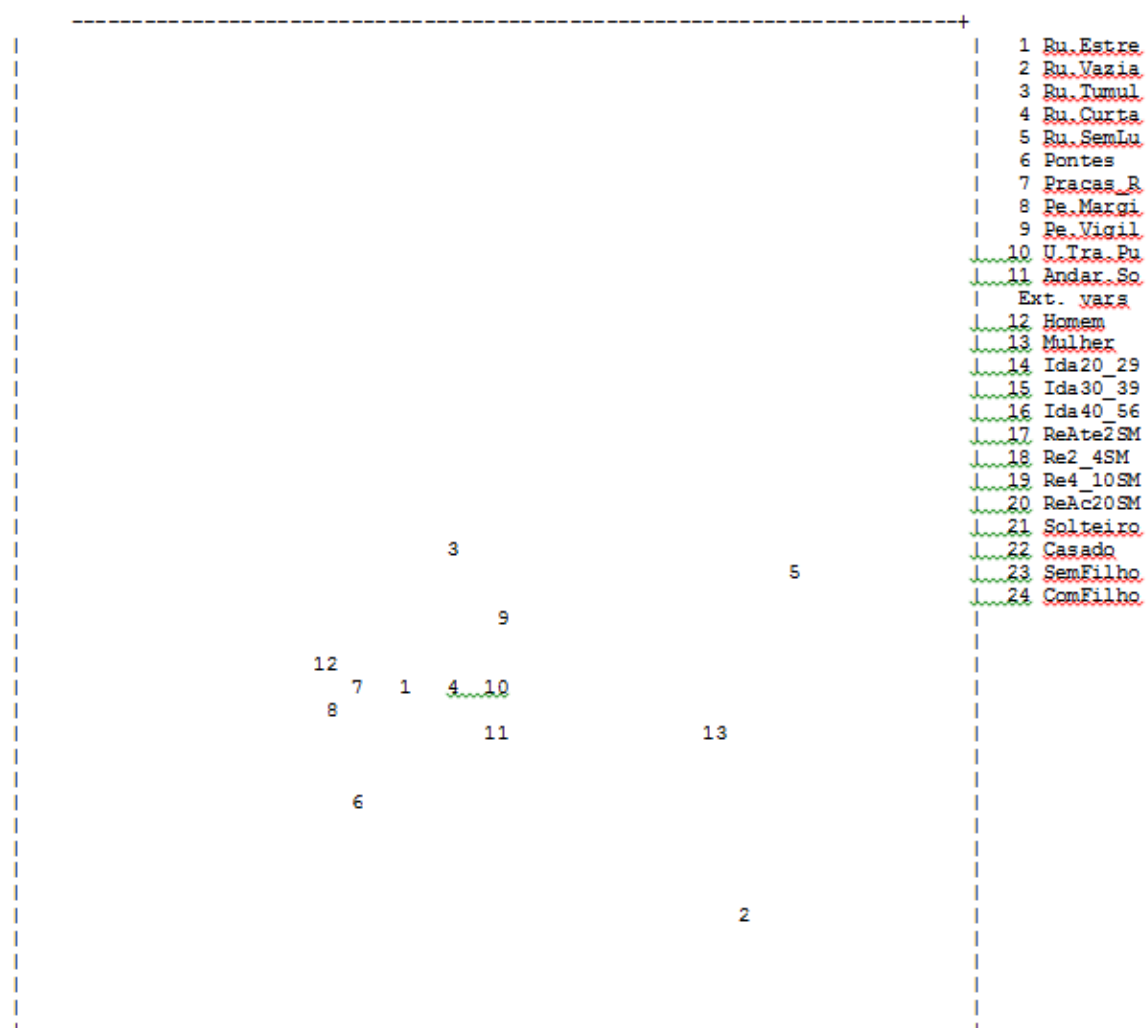
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	
		+-----+																
Ru.Estre	1		100	60	74	85	60	77	85	85	75	81	81	70	30	64	53	70
			(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
Ru.Vazia	2		60	100	59	67	64	59	53	59	63	66	68	47	53	60	49	60
			(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
Ru.Tumul	3		74	59	100	81	62	70	75	70	79	77	77	63	37	63	52	71
			(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
Ru.Curta	4		85	67	81	100	62	81	84	81	85	88	85	63	37	71	52	71
			(74)	(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
Ru.SemLu	5		60	64	62	62	100	56	59	56	68	66	68	49	51	60	49	55
			(74)	(74)	(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
Pontes	6		77	59	70	81	56	100	84	81	77	71	71	68	32	63	49	68
			(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
Pracas_R	7		85	53	75	84	59	84	100	86	77	77	79	68	32	66	49	71
			(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
Pe.Margi	8		85	59	70	81	56	81	86	100	74	74	77	74	26	60	52	71
			(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
Pe.Vigil	9		75	63	79	85	68	77	77	74	100	81	78	64	36	64	56	67
			(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
U.Tra.Pu	10		81	66	77	88	66	71	77	74	81	100	86	56	44	73	53	67
			(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
Andar.So	11		81	68	77	85	68	71	79	77	78	86	100	59	41	67	59	67

[illegible]

Matrix of Jaccard coefficients (Decimal point omitted)
and numbers of cases (N) in computing them

		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
Re2_4SM18		81 (74)	71 (74)	74 (74)	82 (74)	63 (74)	66 (74)	74 (74)	71 (74)	75 (74)	86 (74)	84 (74)	53 (74)	47 (74)	67 (74)	56 (74)	64 (74)
Re4_10SM19		49 (74)	48 (74)	59 (74)	48 (74)	40 (74)	53 (74)	51 (74)	56 (74)	49 (74)	47 (74)	47 (74)	55 (74)	45 (74)	38 (74)	55 (74)	58 (74)
ReAc20SM	20	74 (74)	67 (74)	73 (74)	81 (74)	67 (74)	73 (74)	73 (74)	73 (74)	79 (74)	77 (74)	77 (74)	66 (74)	34 (74)	58 (74)	55 (74)	71 (74)
Solteiro21		40 (74)	44 (74)	41 (74)	33 (74)	47 (74)	41 (74)	36 (74)	38 (74)	37 (74)	37 (74)	37 (74)	42 (74)	58 (74)	56 (74)	42 (74)	34 (74)
Casado22		62 (74)	58 (74)	60 (74)	68 (74)	55 (74)	60 (74)	63 (74)	63 (74)	64 (74)	64 (74)	62 (74)	59 (74)	41 (74)	45 (74)	56 (74)	67 (74)
SemFilho	23	45 (74)	52 (74)	38 (74)	38 (74)	44 (74)	47 (74)	38 (74)	44 (74)	40 (74)	45 (74)	40 (74)	48 (74)	52 (74)	59 (74)	51 (74)	29 (74)
ComFilho	24	56 (74)	49 (74)	63 (74)	63 (74)	58 (74)	55 (74)	60 (74)	58 (74)	62 (74)	56 (74)	59 (74)	53 (74)	47 (74)	42 (74)	48 (74)	73 (74)

[illegible]



**APÊNDICE 04- DADOS DA SSA SITUAÇÕES OU TIPOS DE COMPORTAMENTO QUE
AS MULHERES DEVEM EVITAR NO ESPAÇO PÚBLICO.**

* Jaccard COEFFICIENTS *

Number of Variables 19

Number of cases 74

Matrix of Jaccard coefficients (Decimal point omitted)
and numbers of cases (N) in computing them

		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16

SemExpOb	1	100	37	48	34	37	42	45	55	37	56	37	40	40	52	36	56
		(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
AndarDes	2	37	100	62	67	64	62	59	41	62	48	64	59	64	55	68	40
		(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
CuidBols	3	48	62	100	62	62	53	45	55	59	48	62	64	67	49	63	40
		(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
A.Ru.Mov	4	34	67	62	100	95	73	56	44	64	59	70	75	81	49	82	32
		(74)	(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
RuaIllum	5	37	64	62	95	100	73	59	41	67	53	73	81	81	47	79	29
		(74)	(74)	(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
Outros	6	42	62	53	73	73	100	56	44	62	51	64	64	73	49	68	45
		(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
Homem	7	45	59	45	56	59	56	100	0	53	45	67	53	53	55	66	42
		(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
Mulher	8	55	41	55	44	41	44	0	100	47	55	33	47	47	45	34	58
		(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
Ida20_299	1	37	62	59	64	67	62	53	47	100	26	48	81	67	38	58	56
		(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
Ida30_3910	1	56	48	48	59	53	51	45	55	26	100	29	42	56	55	55	42
		(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
Ida40_5611	1	37	64	62	70	73	64	67	33	48	29	100	62	64	58	71	34
		(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
ReAte2SM	12	40	59	64	75	81	64	53	47	81	42	62	100	70	33	68	40
		(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)
Re2_4SM13	1	40	64	67	81	81	73	53	47	67	56	64	70	100	36	71	42
		(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)

```

Re4_10SM14 |      52      55      49      49      47      49      55      45      38      55      58      33      36      100      34      58
| ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 73) ( 74) ( 74)
|
ReAc20SM 15 |      36      68      63      82      79      68      66      34      58      55      71      68      71      34      100      22
| ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 73) ( 74)
|
Solteiro16 |      56      40      40      32      29      45      42      58      56      42      34      40      42      58      22      100
| ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 73)
|
Casado17 |      45      59      62      70      73      56      59      41      45      56      67      62      59      44      79      1
| ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74)

```

Matrix of Jaccard coefficients (Decimal point omitted)
and numbers of cases (N) in computing them

```

          1      2      3      4      5      6      7      8      9      10     11     12     13     14     15     16
+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+
SemFilho 18 |      56      42      40      40      37      51      48      52      59      51      29      40      51      52      30      86
| ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74)
|
ComFilho 19 |      45      56      62      62      64      51      53      47      42      48      73      62      51      49      71      15
| ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74) ( 74)

```

```

          17      18      19
+-----+-----+-----+
Casado17 |      100      15      86
| ( 73) ( 74) ( 74)
|
SemFilho 18 |      15      100      1
| ( 74) ( 73) ( 74)
|
ComFilho 19 |      86      1      100
| ( 74) ( 74) ( 73)

```

```

                                *WEIGHTEDSMALLEST SPACE ANALYSIS*
                                *          WSSA1          *
                                *****
Number of variables ..... 6
Number of external variables .....13
Minimal dimensionality ..... 2
Maximal dimensionality ..... 3
Similarity Data(Correlations)
Tied values with a tolerance of ..... .000
Weighting parameter for Locality ..... 0

```

I N P U T M A T R I X *

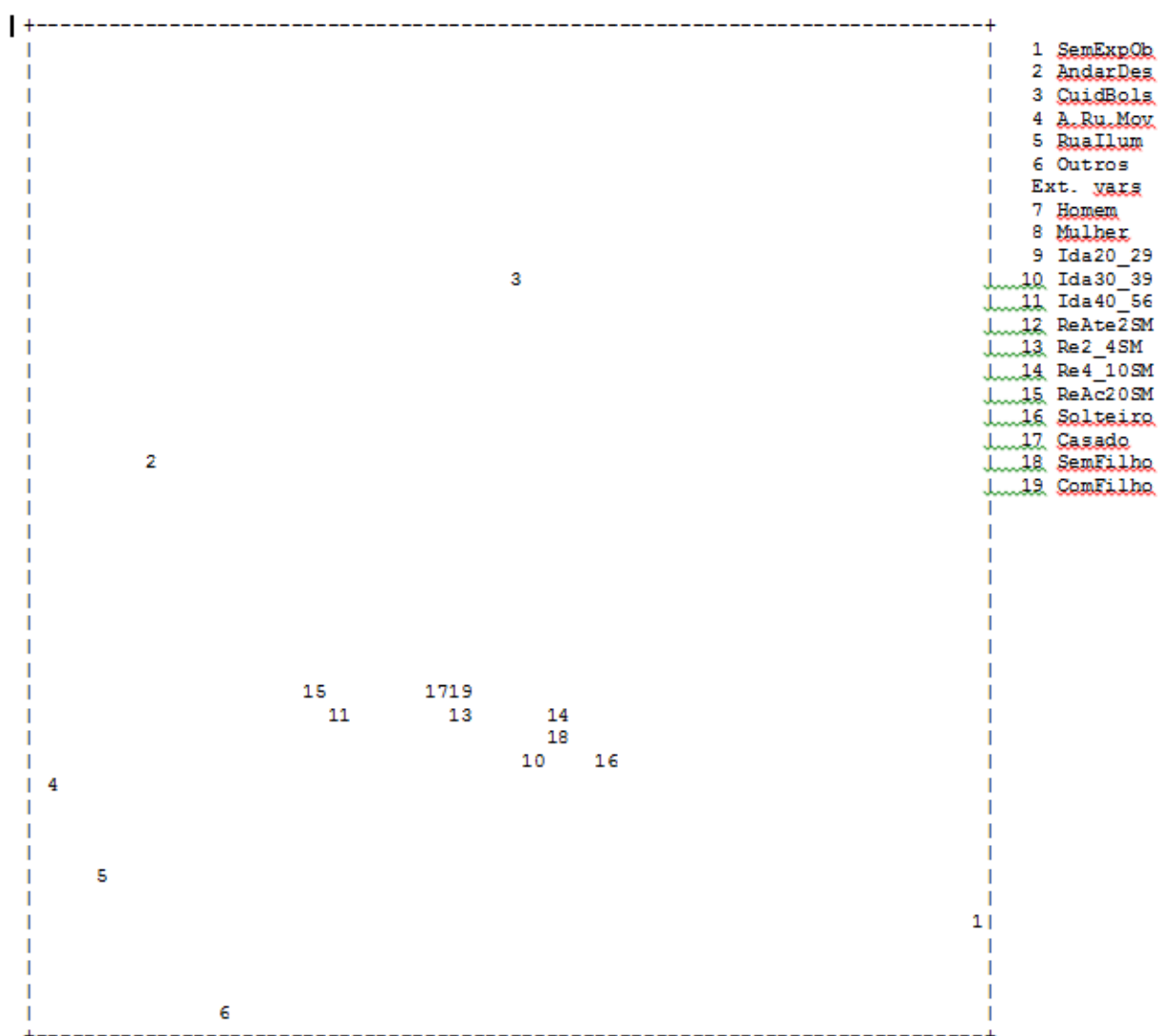
		12	3	4	5	6		
		+-----						
SemExpOb	1		100	37	48	34	37	42
AndarDes	2		37	100	62	67	64	62
CuidBols	3		48	62	100	62	62	53
A.Ru.Mov	4		34	67	62	100	95	73
RuaIllum	5		37	64	62	95	100	73
Outros	6		42	62	53	73	73	100

* The original coefficients were multiplied by100 and rounded into integer numbers

Number of tied Classes 3

INPUT EXTERNAL MATRIX**

123	4	5	6						
				+-----					
			I						
Homem		7	I	45	59	45	56	59	56
			I						
Mulher		8	I	55	41	55	44	41	44
			I						
Ida20_299	I37			62	59	64	67	62	
			I						
Ida30_3910	I56			48	48	59	53	51	
			I						
Ida40_5611	I37			64	62	70	73	64	
			I						
ReAte2SM	12	I		40	59	64	75	81	64
			I						
Re2_4SM13	I40			64	67	81	81	73	
			I						
Re4_10SM14	I52			55	49	49	47	49	
			I						
ReAc20SM	15	I		36	68	63	82	79	68
			I						
Solteiro16	I56			40	40	32	29	45	
			I						
Casado17	I45			59	62	70	73	56	
			I						
SemFilho	18	I		56	42	40	40	37	51
I									
ComFilho	19	I		45	56	62	62	64	51



APÊNDICE 05- DADOS DA SSA IMAGEM DO CENTRO DO RECIFE.

```

*****
*      Jaccard COEFFICIENTS      *
*****
Number of Variables ..... 25
Number of cases ..... 74

```

Matrix of Jaccard coefficients (Decimal point omitted)
and numbers of cases (N) in computing them

		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16

Desorg	1	100	55	47	59	40	58	53	56	62	48	53	45	62	38	48	59
		(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
MalCuid	2	55	100	53	63	55	59	41	55	55	47	52	41	52	48	47	49
		(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
Sujo	3	47	53	100	49	60	48	49	58	55	60	58	52	44	56	49	58
		(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
Perigoso4	4	59	63	49	100	48	58	59	64	64	48	59	40	56	44	56	56
		(74)	(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
HistTuri	5	40	55	60	48	100	49	56	64	53	53	53	48	48	52	59	51
		(74)	(74)	(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
Lindo	6	58	59	48	58	49	100	52	55	66	58	63	52	55	45	49	52
		(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
ArqPais	7	53	41	49	59	56	52	100	73	78	70	73	42	59	41	67	48
		(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
Comerc	8	56	55	58	64	64	55	73	100	75	62	64	42	56	44	62	59
		(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
Vazio	9	62	55	55	64	53	66	78	75	100	64	78	51	67	33	73	51
		(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
Moviment10	10	48	47	60	48	53	58	70	62	64	100	70	51	53	47	59	53
		(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
Alegre11	11	53	52	58	59	53	63	73	64	78	70	100	53	48	52	73	48
		(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
Outros.I	12	45	41	52	40	48	52	42	42	51	51	53	100	53	47	53	51
		(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)

[illegible]

Matrix of Jaccard coefficients (Decimal point omitted)
and numbers of cases (N) in computing them

		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
ReAte2SM	18	59 (74)	49 (74)	52 (74)	67 (74)	64 (74)	60 (74)	73 (74)	67 (74)	75 (74)	62 (74)	78 (74)	56 (74)	53 (74)	47 (74)	81 (74)	42 (74)
Re2_4SM19		62 (74)	55 (74)	60 (74)	59 (74)	51 (74)	60 (74)	73 (74)	75 (74)	81 (74)	70 (74)	70 (74)	48 (74)	53 (74)	47 (74)	67 (74)	56 (74)
Re4_10SM20		49 (74)	48 (74)	48 (74)	47 (74)	47 (74)	51 (74)	55 (74)	47 (74)	52 (74)	58 (74)	55 (74)	47 (74)	55 (74)	45 (74)	38 (74)	55 (74)
ReAc20SM	21	66 (74)	56 (74)	48 (74)	68 (74)	49 (74)	70 (74)	71 (74)	77 (74)	79 (74)	60 (74)	68 (74)	49 (74)	66 (74)	34 (74)	58 (74)	55 (74)
Solteiro22		40 (74)	44 (74)	52 (74)	40 (74)	51 (74)	33 (74)	32 (74)	37 (74)	37 (74)	42 (74)	42 (74)	53 (74)	42 (74)	58 (74)	56 (74)	42 (74)
Casado23		59 (74)	55 (74)	47 (74)	62 (74)	51 (74)	68 (74)	70 (74)	64 (74)	64 (74)	59 (74)	59 (74)	48 (74)	59 (74)	41 (74)	45 (74)	56 (74)
SemFilho	24	48 (74)	47 (74)	52 (74)	40 (74)	51 (74)	33 (74)	34 (74)	42 (74)	42 (74)	37 (74)	40 (74)	56 (74)	48 (74)	52 (74)	59 (74)	51 (74)
ComFilho	25	51 (74)	52 (74)	47 (74)	62 (74)	51 (74)	68 (74)	67 (74)	59 (74)	59 (74)	64 (74)	62 (74)	45 (74)	53 (74)	47 (74)	42 (74)	48 (74)

Matrix of Jaccard coefficients (Decimal point omitted)
and numbers of cases (N) in computing them

		17	18	19	20	21	22	23	24	25
Ida40_5617		100 (73)	62 (74)	64 (74)	58 (74)	71 (74)	34 (74)	67 (74)	29 (74)	73 (74)
ReAte2SM	18	62 (74)	100 (73)	70 (74)	33 (74)	68 (74)	40 (74)	62 (74)	40 (74)	62 (74)
Re2_4SM19		64 (74)	70 (74)	100 (73)	36 (74)	71 (74)	42 (74)	59 (74)	51 (74)	51 (74)
Re4_10SM20	 (74) (74)	58 (74)	33 (73)	36 (74)	100 (74)	34 (74)	58 (74)	44 (74)	52	49
ReAc20SM	21	71 (74)	68 (74)	71 (74)	34 (74)	100 (73)	22 (74)	79 (74)	30 (74)	71 (74)
Solteiro22		34 (74)	40 (74)	42 (74)	58 (74)	22100 (74)	1 (73)	86 (74)	15 (74)	
Casado23		67 (74)	62 (74)	59 (74)	44 (74)	79 (74)	1100 (74)	15 (73)	86 (74)	
SemFilho	24	29 (74)	40 (74)	51 (74)	52 (74)	30 (74)	86 (74)	15 (74)	100 (73)	1 (74)
ComFilho	25 (74) (74)	73 (74)	62 (74)	51 (74)	49 (74)	71 (74)	15 (74)	86 (73)	1	100

APÊNDICE 06- DADOS DA SSA MEDO NO CENTRO DO RECIFE.

```
*****
*      Jaccard COEFFICIENTS      *
*****
```

```
Number of Variables ..... 20
Number of cases ..... 74
```

```
Matrix of Jaccard coefficients (Decimal point omitted)
and numbers of cases (N) in computing them
```

		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
Assalto1	1	100	67	60	53	59	63	60	45	55	59	56	48	64	59	49	60
		(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
Furto	2	67	100	88	84	86	77	82	59	41	73	51	73	81	81	49	82
		(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
PessMarg	3	60	88	100	88	90	81	81	63	37	77	49	68	79	79	51	78
		(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
RuaDeser	4	53	84	88	100	89	85	74	56	44	75	51	62	75	81	49	71
		(74)	(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
RuSemLuz	5	59	86	90	89	100	82	82	62	38	78	45	70	78	81	49	79
		(74)	(74)	(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
Noite	6	63	77	81	85	82	100	75	63	37	74	49	58	71	74	45	70
		(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
VioGer_S	7	60	82	81	74	82	75	100	60	40	63	58	68	74	77	51	75
		(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
Homem	8	45	59	63	56	62	63	60	100	0	53	45	67	53	53	55	66
		(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
Mulher	9	55	41	37	44	38	37	40	0	100	47	55	33	47	47	45	34
		(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
Ida20_2910	10	59	73	77	75	78	74	63	53	47	100	26	48	81	67	38	58
		(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
Ida30_3911	11	56	51	49	51	45	49	58	45	55	26	100	29	42	56	55	55
		(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)
Ida40_5612	12	48	73	68	62	70	58	68	67	33	48	29	100	62	64	58	71
		(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(74)	(73)	(74)	(74)	(74)	(74)

[illegible]

Matrix of Jaccard coefficients (Decimal point omitted)
and numbers of cases (N) in computing them

		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
Casado	18	53 (74)	67 (74)	63 (74)	62 (74)	64 (74)	58 (74)	63 (74)	59 (74)	41 (74)	45 (74)	56 (74)	67 (74)	62 (74)	59 (74)	44 (74)	79 (74)
SemFilho	19	53 (74)	40 (74)	41 (74)	42 (74)	40 (74)	47 (74)	38 (74)	48 (74)	52 (74)	59 (74)	51 (74)	29 (74)	40 (74)	51 (74)	52 (74)	30 (74)
ComFilho	20	48 (74)	62 (74)	60 (74)	59 (74)	62 (74)	55 (74)	60 (74)	53 (74)	47 (74)	42 (74)	48 (74)	73 (74)	62 (74)	51 (74)	49 (74)	71 (74)

		17	18	19	20
Solteiro	17	100	1	86	15
Casado	18	1	100	15	86
SemFilho	19	86	15	100	1
ComFilho	20	15	86	1	100

